REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Nº 50

Natal, Janeiro /Março – 2017

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado / CJA Edições

Catalogação na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – n.50 (mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Irregular.
Número atual: 50, jan./mar.2017.

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-rio-grandense de Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

Offset Editora
Rua General Gustavo Cordeiro de Faria, 160 - Ribeira - Natal/RN - 59012-570
(84) 3344.3990 - editora@offsetgrafica.com.br

Sumário

Dorian Gray vive! - Entrevista com Dorian Gray Caldas (1930-2017) 9

ARTIGOS E ENSAIOS 21

Além do retrato - Diogenes da Cunha Lima 23

Nosso amigo Dorian: Um natalense mais do que natalense - Sônia Faustino 25

Navarro, navarrear - Vicente Serejo 29

A Academia chega aos oitenta anos - Lívio Oliveira 36

A lucidez final de Ferreira Gullar - Nelson Patriota 44

O memorialista Joaquim Nabuco - Ivan Maciel de Andrade .. 48

O cronista da cidade - Gustavo Sobral 51

Eça de Queiroz e a culinária portuguesa (2) - Manoel Onofre Jr. 63

Gonçalves Dias, expoente do romantismo brasileiro - Horácio Paiva 68

Rebarbativo, não. Passional! - Jarbas Martins 75

Veríssimo de Melo, um missivista - Michelle Paulista 77

Tarcísio Gurgel: 50 anos de atividades literárias - Thiago Gonzaga 80

Um potiguar no Rick's Café de Casablanca - Valério de Andrade 85

A importância da cultura e da lenda *Cruz da Cabocla* no cenário potiguar - Maria Aparecida de Almeida Rego 87

Confúcio e a "República" de Platão - Jurandyr Navarro .. 103

Dom Delgado e o Colégio Diocesano Seridoense - Padre João Medeiros Filho 108

Mário Soares: Símbolo da resistência ao salazarismo - João Batista Machado 120

Os 15% daquela imortalidade de 1987 - Francisco Martins . 122

CONTOS E CRÔNICAS 125

O apocalipse - Iaperi Araujo..... 127

Relatos da busca: O irmão - Iaponan Soares de Araújo..... 131

É uma casa brasileira, com *certeza* - Carlos Roberto de Miranda Gomes 133

Inventário dos bens essenciais - Valério Mesquita..... 136

POEMAS 139

Haicais californianos - Diogenes da Cunha Lima.....141

Cinco poemas - Marcelo Navarro Ribeiro Dantas..... 150

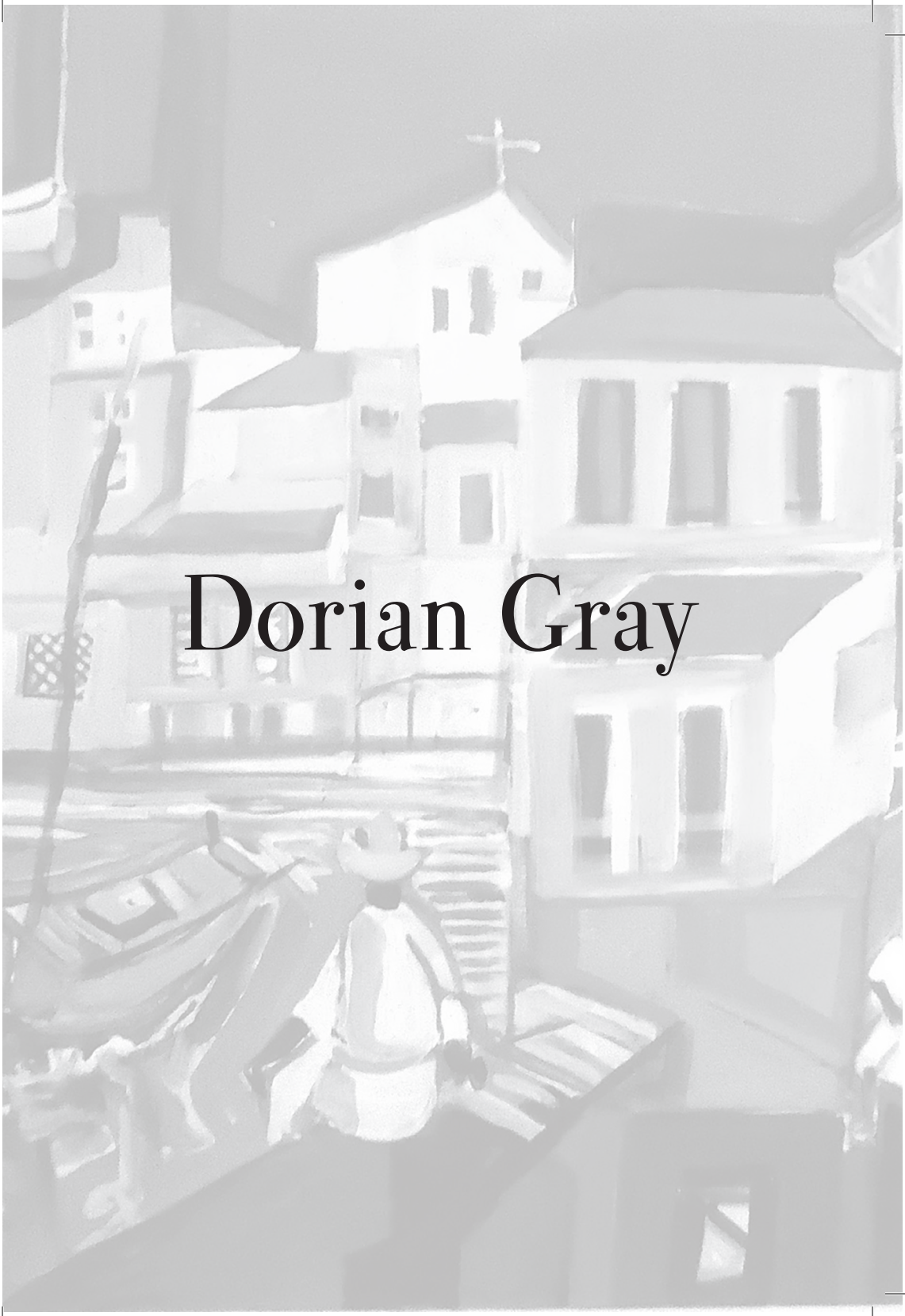
O menino de Aleppo - Racine Santos 154

Natal: guia sentimental da cidade - Newton Navarro. 156

NECROLÓGIOS 161

Ernani Rosado - Cláudio Emerenciano..... 163

José de Anchieta Ferreira -João Batista P. Cabral.....171



Dorian Gray

Dorian Gray vive!

Entrevista com Dorian Gray Caldas (1930–2017)*

1. Dorian Gray Caldas, onde você nasceu? Fale-nos um pouco de sua infância e juventude e das suas primeiras leituras literárias.

Eu nasci em Natal, precisamente na avenida Deodoro, lá no final, e minha mãe me teve nessa casa.

2. E suas primeiras leituras literárias?

Antes mesmo da leitura, eu vou falar que eu tinha um sonho, e sempre que eu ia dormir eu recorria a esse sonho, eu fazia uma introdução ao sonho, e só dormia depois que pensava nessa história, depois eu apagava e no outro dia continuava; é uma coisa que até hoje eu faço isso, primeiro eu penso, depois escrevo qualquer coisa pra dormir.

A biblioteca de meu pai era uma biblioteca pequena, mas minha mãe compensava isso lendo pra ele que gostava de ouvir; minha mãe lia pra ele folhetos, aqueles folhetins, que naquela época se adquiria aqui em Natal; os folhetos naquela época, eram como se fosse uma previsão do que viria depois: a novela da televisão, a novela radiofônica. Então eu lia os folhetos que eram muito bem ilustrados, e ficava sempre algo para um outro fascículo, para a pessoa comprar. Charles Dickens, Camilo Castelo Branco, Cícero Gomes, esses autores tinham muitos leitores, e nessa biblioteca que tinha aqui em casa, eu li todos os livros muito cedo, porque eu comecei lendo gibi, e depois passei a ler literatura.

Lá em casa a biblioteca não era boa, e eu abominei a leitura de José de Alencar, A Pata da Gazela, Senhora, essas coisas que eu achei horríveis. Então eu procurei outras coisas, e tinha também Humberto de Campos, que era uma leitura complicada, pois ele era muito erudito e usava umas palavras estranhas e eu achava aquilo chato, eu não gostava. Depois, veio Eça de Queiroz, A Cidade e

as Serras, essas coisas assim que também eram da coleção lá de casa, aí eu passei a fazer a leitura dos franceses, ingleses, russos, e muito cedo eu já passei para um outro patamar.

3. E o senhor se lembra como foi que conheceu a literatura potiguar? Algum livro que primeiramente leu aqui da terra?

Eu demorei pra chegar à literatura potiguar, porque eu me fascinava muito pela literatura estrangeira, mas logo tomei conhecimento da literatura potiguar, até porque eu fui durante muito tempo um dos principais ilustradores da prata da casa, taí o nosso Manoel Onofre Jr. que foi um dos primeiros escritores que me deu esse privilégio de ser ilustrador do livro dele.

4. Dorian, como foi que surgiu esse seu amor pelas artes plásticas? Foi na infância?

Foi na infância também, com 6 anos durante a guerra em 1940, eu já exercia um certo domínio do desenho, e fazia com carvão, pois ninguém acreditava no artista que eu viria a ser depois; então eu usava o carvão de cozinha de mamãe, o fogão era a carvão, eu usava o carvão para riscar o chão, eu riscava na (rua) Felipe Camarão, e acho que ainda hoje tem: é brincadeira mas é verdade, eu riscava o chão e as pessoas ficavam indignadas com aquilo, por que eu riscava metros e metros de desenho, principalmente os figurantes das histórias em quadrinhos estavam todos lá riscados no chão. Era a giz e carvão, depois é que me deram um lápis crayon e comecei a fazer trabalhos em caderno escolar e em papel canson, e a fazer retratos de figuras da história do Brasil; meus livros escolares tinham dom Pedro I, Tiradentes, o Padre Feijó, Duque de Caxias, Bolívar, então eu comecei a desenhar essas figuras, além de desenhar com certa facilidade, porque eu já tinha prática em transportar para o papel a fisionomia dessas figuras, desses heróis da história, e eu tinha facilidade de fazer a reprodução; também fiz muita coisa com o desenho artístico de cinema, eu desenhava da "Cena Muda", que era a revista da época. A "Cena Muda" tinha umas fotografias primorosas, pois eles faziam uma fotografia artística, eles colocavam luzes, era o glamour da época, eram fotos-maravilhas,

retratavam aqueles artistas de cinema, a fotografia ficava linda, e eu lembro de uma artista que eu fiz, que foi Linda Darnell, se não me engano, passei meses fazendo o penteado dela, um capricho, e acabou ficando bonito.

5. Dorian, você ,muitos anos depois, um artista já consagrado e conhecido, fez um livro extremamente importante para nossas artes plásticas, aquele dicionário de artistas plásticos. Você pode relatar um pouco do seu trabalho?

Como eu comecei nos anos 50, eu fiz a exposição com Navarro, eu tinha uma compulsão muito grande pela arte, admirei muito a obra de Newton, que expôs lá na sorveteria Cruzeiro em 1948 pra 49, e houve uma discussão muito grande, pois ele tinha vindo do Recife com uma bagagem bastante cheia de trabalhos de arte, principalmente das igrejas do Recife, umas aquarelas, e delas tinham três que ficaram muito famosas aqui por conta dos títulos, "Sejamos Docemente Pornográficos", a outra "Frutos do Amor Amadurecem ao Sol", eram coisas singelas, mas tomaram uma conotação um pouco diferenciada do que se fazia na época, e essas aquarelas eram consideradas imorais, não tinham nada demais, mas Newton fez essa brincadeira e ficou muito famoso, tenho impressão de que uma dessas aquarelas está ainda com Paulo de Tarso, porque Newton se desfez dessas aquarelas. O trabalho dele era principalmente assim de bico de pena, ele passou a vida dele toda fazendo bico de pena, que era o trabalho mais precioso dele, mais revelador dos traços dele. Nós nos encontrávamos sempre no Grande Ponto, que era ponto de encontro de toda a geração do Rio Grande do Norte naquela época; nos encontrávamos no Grande Ponto e ficávamos conversando até altas horas da noite. Eu vinha a pé, nem carro tinha naquela época, vinha a pé de lá pra casa, porque eu moro aqui há muito tempo, faz uns 60 anos. Toda uma nova geração, Walflan de Queiroz, Leonardo Bezerra, Pedro Gurgel, a geração todinha se encontrava ali no Grande Ponto e eu já morava na (rua) João Pessoa, e era bom pra mim, que naquela época eu ficava bem à vontade. Então Newton me convidou, e eu comecei a pintar em função da modernidade, eu fazia uma pintura clássica por conta do meu tio Moura Rabelo, que era pintor clássico aqui em Natal

e já estava no Rio há muitos anos, e eu conhecia alguns trabalhos dele, acho que, na geração dele, foi um dos artistas plásticos mais perfeitos; ele tinha uma obra realmente muito parecida com a que os outros faziam, o retrato e paisagens, meu tio fazia mais retrato do que paisagem, e ele ficou conhecido como um retratista da cidade do Natal. E na família só se falava nele, e eu segui o estilo dele, porque eu já tinha vocação e facilidade de fazer retrato, tinha facilidade de registrar a paisagem nossa, então pra quê mudar? E quando veio a modernidade aqui em Natal, que chegou cedo, eu realmente não mudei a principio, mas quando tomei conhecimento da obra de Newton já me veio aquela vontade de participar da modernidade. Eu recebia através de um amigo meu, Geraldo Carvalho ,os cadernos de arte. Geraldo era funcionário dos Correios e Telégrafos, era um cara intelectual, um cara que tinha uma cultura muito grande, então ele recebia esses livros em inglês e francês, que ele mandava buscar fora, ele tinha facilidade de receber esses livros, pois ele conhecia os caminhos para recebê-los e não demorou muito pra eu tomar conhecimento do que estava acontecendo fora de Natal, daí eu já estava bastante familiarizado com a pintura que se fazia nos grande centros, principalmente na Escola de Paris, na Suécia e Suiça, e, transbordando, também na arte russa, mas o que me impressionava muito também eram as escolas, porque já existia o Impressionismo, quase toda a primeira geração francesa começou a exercitar o Impressionismo, e eu tive receio quando Newton me convidou pra fazer a exposição em conjunto, de transferir a minha primeira exposição, aquele traço, aquele vício de uma coisa clássica, mas então eu fui para o extremo, fui para a abstração, que era uma novidade até na França, e Veríssimo de Melo fez um artigo saudando os novos artistas, dizendo que eu era o mais inclinado a fazer abstração, que até uma tela de Portinari parecia um clássico diante da minha ousadia em fazer a pintura abstrata. Mas a pintura abstrata era fácil pra mim porque era uma fuga, e ao mesmo tempo eu dominava bem. Então, eu já tinha conhecimento de Kandinsky, tinha conhecimento de Mondrian, artistas assim que eram mais para a pintura abstrata e eu fui nesse barco, fui por aí, usando um pouco essa técnica e esse estilo dos abstratos.

6. Isso aí é um pouco da sua trajetória nas artes plásticas, e quando é que você resolve estrear em livro,na literatura, foi com a poesia?

Foi com a poesia. Eu ilustrava para muitos poetas, Walflan de Queiroz, Sanderson Negreiros, Berilo Wanderley, e vivia permanentemente em contato com a literatura que se fazia aqui, e lia também da literatura brasileira, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Drummond, depois Vinícius e os artistas que vieram em 45, mas esses primeiros poetas, eu li eles todos e admirava muito Jorge de Lima, por conta da "Invenção de Orfeu" que foi pra mim uma reinvenção da poesia, eu achei que Jorge naquele momento se superou, inclusive teve também a ousadia de fazer uma invenção que era a poética dele, e deu um livro primoroso, mas eu também lia Manuel Bandeira, Graciliano, Bandeira com muito encantamento, porque Manuel Bandeira era quase um lírico, vindo de uma escola parnasiana, mas que deu à poesia moderna uma categoria exemplar. Depois eu me acostumei também a ler Carlos Drummond, mais cotidiano, mais circunstancial, todavia tem poemas antológicos.

7. Sua estreia no livro é com " Os Instrumentos do Sonho".

"Os Instrumentos do Sonho" foi de 61, esse título não é nem meu, é de Luís Carlos Guimarães, que me emprestou. Luís Carlos Guimarães tinha feito parte da coleção Jorge Fernandes, entre outros artistas que estavam lá , Celso da Silveira, Deífilo Gurgel, todos faziam parte da coleção. Essa coleção foi realmente, em termos de coleção, importantíssima, porque reuniu todo o pensamento dos jovens; a modernidade tinha chegado e os jovens estavam escrevendo poesia, e eu me considerei um deles e participei desse livro, que está agora nas minhas poesias completas. "Os Instrumentos do Sonho" é um livro que está entre os meus livros do meu percurso de 61 pra cá, até os anos 2000, que eu digo em "Do Outro Lado da Sombra", poesia quase completa. Depois mesmo de estar pronto esse livro, eu já escrevi um outro poema que é sobre a influência da poesia estrangeira, eu escrevi uma espécie de adaptação dessa poesia estrangeira, mas quando eu escrevi o "Os Instrumentos do Sonho", a primeira parte é um poema lírico.

8. Fale um pouco da sua amizade, da sua relação com Câmara Cascudo.

Câmara Cascudo representa para nossa geração, um mestre. A maestria, a fidalguia com que ele recebia as pessoas, e abria as portas da casa dele, sempre à tarde, porque pela manhã ele dormia; e recebia os intelectuais, a geração nossa, como se fosse a geração dele, e que não era. Então em 55 eu pintei a porta da casa dele, fiz um cangaceiro, queria guardar a porta da casa dele com uma figura de cangaceiro, coisa que se inventa. Bom, eu fiz o cangaceiro da porta de Cascudo, e fui recebido como um intelectual, como uma pessoa da família, de toda a geração que era a geração dele e dos mais velhos, os escritores todos que participaram da noite de autógrafos, e eu estava lá para pôr na parede da casa dele minha assinatura. Ele me recebia como pessoa da família, e recebeu grandes figuras brasileiras. Então, Cascudo era um símbolo para a gente; eu já conhecia Cascudo, mas não conhecia o Cascudo que eu vim a conhecer depois, depois dos anos 50, que aí eu me interessei pela obra dele, e fiz até um ensaio sobre ele, que está nos meus livros. Antes, eu conhecia o "Dicionário do Folclore"; o livro sobre a alimentação no Brasil, essas coisas eu não conhecia, vim a conhecer e admirar mais ainda a obra dele; a obra dele realmente se tornou quase que um registro indispensável à aquisição de mais cultura, e eu digo que não só a minha geração como todas as pessoas que se aprofundaram na obra de Cascudo, recebiam o que eu recebi, e a minha geração principalmente. Cascudo abriu as portas para a modernidade e com os livros dele sobre folclore, o "Vaqueiros e Cantadores ", "Jangada", "Prelúdio da Cachaça", tantos mais. Isso deu a Cascudo uma dimensão muito grande.

9. Dorian, você tem seus trabalhos em diversos lugares do mundo. Algum artista potiguar chegou tão longe? Você parece para nossa história cultural ser um dos pioneiros.

Eu acho que, pela intensidade com que eu trabalhava a pintura, eu fiquei conhecido por muitos e muitos anos apenas como pintor e nem se falava em poesia, que eu escrevia poesia, mas eu já tinha alguns livros, eu acho que escrevi uns 10 livros de poesia,

mas só se falava na minha pintura, porque a pintura atravessou o continente, a pintura foi para os Estados Unidos, eu fiz exposição pelo BID, Banco Interamericano de Desenvolvimento, eu fiz uma maior exposição em Washington, e fiz exposição durante muitos anos em Revin na França, fui Grand Prix, na Bélgica, concorrendo com artistas estrangeiros, achei isso um privilégio, porque eu fui através de um francês, e ele mandava trabalhos meus tanto para essa exposição, como mandava também para outros eventos, e para surpresa minha fui Grand Prix da Bélgica. Como eu tinha essas amizades fora, eu não ia pra essas entidades fora do país, fui raramente; fui expor mais pela conveniência das pessoas comprarem ou adquirirem esses trabalhos meus e mandarem pra essas instituições.

10. Recentemente você recebeu o título de Doutor Honoris Causa na UFRN, e como foi esse momento de muita alegria?

Pra mim foi uma surpresa muito grande, quem me conhece sabe que apesar da agressão do meu trabalho, eu sou muito agressivo no meu trabalho, isso tem relação com minha vida de artista plástico, mas como intelectual eu sou tímido. Então eu nunca pleiteei ir para a Academia, nem receber nenhum prêmio, mas por indicação de Sônia Othon recebi o título de Dr. Honoris Causa. Ela consultou os professores da Universidade e foram unânimes, eu tive uma votação unânime. Sou muito desarmado nessa coisa de ser pedestal, eu não quero ser pedestal de nenhuma estátua, mas ganhei essa titularidade pela UFRN. O prof. José Ivonildo do Rêgo, nosso reitor, magnífico reitor, presidiu a sessão de entrega do titulo, foi muito bonita a sessão, e eu estou devendo a ele a publicação do meu discurso e do discurso dele. Eu fiz um discurso assim mais louvando a iniciativa de ser artista do que realmente intelectual, falo menos na parte literária e falo mais da parte artística.

11. Dorian, a Academia Norte-rio-grandense de Letras estava nos seus planos? Você tinha o sonho de entrar para a Academia?

A Academia foi também uma chamada, eu era do Conselho de Cultura e tinha uma fase em que eu trabalhava muito na secretaria, eu fui um dos fundadores do Conselho de Cultura do Estado,

com Câmara Cascudo. Jarbas Bezerra era o Secretário de Educação, então eu fui também agraciado, eu tinha impressão de que entrei para o Conselho de Cultura por uma dessas coisas que acontecem: me encomendaram a medalha do mérito Alberto Maranhão, eu fiz a medalha e ficou linda, então acho que por um ato de generosidade, disseram que eu ia pertencer ao Conselho de Cultura. Eu tinha 30 e poucos anos, muito novo para ir para o Conselho de Cultura. E depois eu tive esse título de Dr. Honoris Causa. Eu acho que as coisas acontecem comigo assim. Como eu fui para a Academia foi também assim, porque o Peregrino Júnior que ocupara a cadeira nº 9 na Academia, morreu lá no Rio de Janeiro, e eu recebi um telefonema do nosso reitor Onofre Lopes (Presidente da Academia), dizendo: Dorian não esqueça de vir pra cá, você se candidate. Me diz o que aconteceu, Onofre? Nosso amigo Peregrino Junior morreu, eu sei que você é muito amigo de Umberto (Umberto Peregrino, irmão de Peregrino Jr.) e está na hora de você vir pra cá. Eu tenho a impressão de que ele disse isso pela falta que eu fiz no Conselho de Cultura. Ele sentiu falta de mim, aí ele quis explicar: Dorian está numa fase de muito trabalho ,ele falta a muitas sessões, ele achou uma descortesia não estar sempre atento às reuniões do Conselho de Cultura e ele pedia para me afastar, eu pedi para sair do Conselho, aí eu acho que ele ficou preocupado com isso e me deu essa chance de me candidatar à Academia Norte-rio-grandense de Letras.

12. Durante todos esses anos você participou de inúmeras exposições, individuais e coletivas, houve alguma que lhe marcou mais de alguma forma?

Teve, essas exposições que eu fiz fora, a da Bélgica foi o ponto culminante, mas existiram outras que também foram importantes, eu fiz exposição em galeria de São Paulo, fiz exposição em Brasília a convite. Eu era do Conselho de Cultura do RN, Oswaldino Marques passou por Natal, viu meus trabalhos e esteve no Conselho fazendo umas palestras, e disse a mim que gostou muito dos meus trabalhos, ele estava no Conselho de Cultura do Distrito Federal, então ele me convidou por ofício e comunicou ao Conselho que eu ia fazer a exposição. Essa exposição foi muito interessante, porque ainda era vivo o Niemeyer, eu tenho a assinatura do primeiro dia da

exposição, com o nome das celebridades de maior expressão. Além de ganhar de certa forma o prestígio de uma página inteira num jornal de São Paulo, e uma página inteira em Brasília falando sobre meu trabalho. Essas coisas eu guardo com muito carinho.

13. Você desenvolveu com bastante talento não só as artes plásticas, mas também a escultura, a tapeçaria, o jornalismo, o ensaio, a poesia. Você tem alguma preferência por uma dessas vertentes?

O que eu faço com maior facilidade é a pintura, a pintura foi uma das primeiras manifestações da minha sensibilidade, depois veio a leitura, o exercício da poesia, o exercício do ensaio, pois você sabe que tudo na vida não é fácil. Você dominar de certa maneira um certo estilo já é uma coisa fantástica, mas eu digo que foi pra mim com certa dificuldade que eu cheguei a exercer a poesia, porque eu tive que mudar a linguagem, tive que me adaptar ao exercício da palavra, que antes eu fazia poesia de sentimento e tal, poesia lírica, influenciada ainda pelo romantismo, pela poesia romântica, principalmente a poesia simbolista que me tocou muito, principalmente a poesia estrangeira. Depois é que eu fui tomar conhecimento de Olavo Bilac e outros poetas, que eu fui lendo e fui achando bom. Mas a poesia é como diz Bandeira, é um lamento, é uma coisa que vem lá de dentro da alma, você não pode também se expressar só com uma palavra, você tem que ir além da palavra, tem que ir ao exercício da inteligência, da sensibilidade; todo o esforço que você tiver, para a poesia é um esforço que vai lhe render alguma coisa.

14. Dorian, na atualidade, nós temos bons artistas plásticos? Você tem acompanhado, ou não?

Tenho acompanhado muito de perto. Eu fiz o "Artes Plásticas" em 1990, terminei o "Artes Plásticas" e fiquei ainda a dever algumas coisas, mas eu fiz, era um livro em preto e branco, graças a Daladier, que era reitor da UFRN, na época e ele me deu esse privilegio de fazer "Artes Plásticas" com o residual que eu tinha de catálogos, de observações; então eu apresentei 105 artistas, que naquela época eram para mim os melhores e mais bem sucedidos artistas do Estado, e no mesmo nível que você tem artistas no Brasil, você tem

artistas no Rio Grande do Norte; até eu tinha uma certa preferência pelo meu Estado porque eu conhecia bem o que eu estava fazendo aqui no Estado, mas assim mesmo continuei atento e comecei a guardar novamente catálogos, cartazes, os que tinham mais exposições, os que eram com mais estilo, ai completei um livro de artes plásticas que está na Fundação José Augusto para ser editado, com 175 artistas, aumentei muito, tem umas 600 páginas, porque tem os verbetes, tem meia página de quadro, quase todos os quadros coloridos, e tem opiniões críticas de autores nacionais e internacionais, tem opiniões críticas até do Japão. O livro abre com Abraão Palatnik que é hoje considerado um do maiores artistas cinéticos do Brasil, e um dos remanescentes das artes cinéticas do mundo. Eu tenho muita admiração por ele.

15. Recentemente, você publicou pela editora da UFRN, "A Hora Única" e "A Necessidade do Mito". São ensaios?

São ensaios. Eu estive com a reitora e ela fez essa homenagem. Eu tinha conversado com Tarcísio Gurgel sobre as edições de que já tinha participado; tinha em catálogo " O Traço, a Cor e o Mito", livro publicado pela editora da Universidade em parceria com outras entidades, e a reitora foi maravilhosa, pois abriu um espaço, dando uma titularidade à coleção Dorian Gray, porque eu vi lá a Coleção Câmara Cascudo, então eu namorei um pouquinho essa coisa, mas não tive coragem de pedir, e ela me deu o título para a minha coleção. Começou com esses dois livros, "Necessidade do Mito" que é um livro bem já volumoso, e a "Hora Única" que é o número um. Tenho mais dois livros a publicar, além da " A Hora Única" e a "Necessidade do Mito", e tenho para publicar também uns cinco ou seis livros que eu acho que são importantes para que eu seja conhecido nessa área da literatura, que são as vertentes da literatura brasileira. O primeiro volume foi publicado já pela Fundação José Augusto, que é a gravura que se fez no Rio Grande do Norte. Continuei a trabalhar sobre esse aspecto da gravura de cordel em 3 volumes, e a gravura brasileira erudita que é o que fecha o ciclo da gravura na minha obra. Além desses livros sobre cordel, eu continuo o livro da "A Hora Única" em mais dois volumes.

16. Dorian, que mensagem você deixaria para essa nova geração que está surgindo agora, tanto na literatura como nas artes plásticas?

Eu acho que a primeira coisa que você tem que ver, é o seguinte: se você tem compulsão por literatura, pela poesia, e é uma coisa que você não pode viver sem exercê-la, você deve assumir a vocação de artista que é dolorosa porque eu impliquei em muita coisa, em muitas decepções, muito empenho, muito trabalho, e a gente chega num ponto de querer até desistir. É difícil, é árdua essa tarefa de ser poeta, ser escritor, ser pintor. A resposta não é aquilo que você estava pensando; então você põe seus sonhos todos, como na infância eu punha aqueles sonhos todos pra descortinar alguma coisa, e você vai se atropelando diante das coisas que vão aparecendo, e você tem que vencê-las porque você assumiu aquele compromisso com a arte, assumiu um compromisso com sua própria alma. Aquilo que transborda em você, é o que você vai gota a gota deixando para seus amigos, para sua geração, neste mundo, o que você fez e o que você deixou.

17. Agora, mais duas perguntinhas: um balanço da sua trajetória. Dorian, parafraseando um poeta, eu pergunto: até aqui tudo valeu a pena?

Respondo com sim. Já está banalizada a frase de Fernando Pessoa: "Tudo vale a pena", e inclusive encontrei em Luís da Câmara Cascudo, encontrei em Camões, algo quase igual a essa frase de Fernando Pessoa, já quase no décimo livro do canto de Camões. Fernando Pessoa era antenado com a cultura de Portugal.

18. Dorian Gray também é contista?

Eu tenho até vergonha de mostrar as coisas, eu tenho treze poemas inspirados num cordel, treze poemas não, trezes contos inspirados num cordel e acho que uma vez por outra publico alguma coisa, muito pouco.

19. E para finalizar, uma pergunta bastante difícil: quem é o artista Dorian Gray Caldas?

Eu sou eu, eu acho que sou o único , porque a gente por mais que se descubra, por mais que você seja participativo, por mais que você escreva, você nunca chega na sua alma interior ao fundo do poço, você quer beber água do poço, você quer se aprofundar nos sistemas que são mais desinentes, você tem que descobrir porque é que veio, porque está aqui, e porque vai embora; então eu estou sempre perguntando, daí eu escrever o livro "A Necessidade do Mito" para me redescobrir. Se eu falo, discuto o mito, a abrangência de Deus, é porque eu queria me descobrir; assim eu recorria ao mito, ele me dava alguma resposta, e é tudo.

*Entrevista concedida a Thiago Gonzaga em agosto de 2016.

ARTIGOS E ENSAIOS

Além do retrato

Diogenes da Cunha Lima

Ainda sob intensa emoção de perda, a propósito, escrevo.

O artista Dorian Gray Caldas viveu muito além do personagem complexo de Oscar Wilde. Trazia deste apenas a dedicação à beleza, à criação artística que ultrapassa a vida. Ele exerceu sua arte não apenas com os instrumentos da pintura, desenho, escultura, tapeçaria, canto e poesia, mas, sobretudo, a arte de viver. Tivemos amizade, que poucos irmãos conseguem, por mais de meio século. Ele tinha o *entusiasmo* da invenção, cumprindo o sentido etimológico da palavra: Deus estava dentro dele. Não conseguia ver o lado negativo das pessoas ou das coisas. Segundo a perfeita definição de Valério Mesquita: "Dorian Gray tem a áspera e doce condição de ser do Rio Grande do Norte, de amá-lo e de ser, por ele, amado".

Pena que não o tenha gravado cantando com sua voz harmoniosa, fazia verdadeiras serenatas para os amigos. Tinha amizades ativas e generosas. Amava surpreender. Dedicou-me poemas, ilustrou meus livros, transpôs poemas para pintura. Na inauguração do atual escritório de advocacia, chegou com um presente que retrata as minhas coisas e cidades amadas: o trem de Nova Cruz, a casa de Câmara Cascudo, o Potengi de Natal, o Duomo de Florença e até o meu sino tenor. Antes já havia pintado o Baobá com o Pequeno Príncipe e as Xananas de alto valor simbólico e que enfeitam os nossos cantos e recantos urbanos. Para a nossa Academia Norte-rio-grandense de Letras, doou uma obra plástica inesquecível: Cascudo, o fundador da ANRL, apresentando a cidade em festa folclórica.

Dorian Gray não era apenas personagem, retrato na parede. A escolha do seu nome de batismo já foi uma destinação do menino às artes, à literatura. Era um inovador diário. Trabalhava a paisagem de Natal e dos seus habitantes com talento. Ele próprio é uma referência da cidade, vaidosa do que ele fez. Era um artista

completo. Derramava poesia em tudo o que fazia. Até a sua amizade era densamente poética.

Dorian era um promotor de cultura. Descobria o lado bom das pessoas, enfatizava o que de bom produz o artista do Rio Grande do Norte. Se nele existia um defeito como crítico, era o de não querer ver a imperfeição naquilo que os outros produziam. Sua poesia de sabor pictórico é a presença da natureza, das crenças, sentidos e sentimentos, gestos e formas populares. Eram também poéticas as marinas que encantaram o seu viver.

Dorian dedicou a sua vida ao fazer estético. Conseguiu viver profissionalmente como artista nesta cidade linda, mas economicamente periférica. Teve sempre o apoio de sua família: Vanda, Adriano, Dione. E ampliou continuamente os seus amigos e admiradores. Foi o artista em tempo integral e dedicação exclusiva. Pintor de emoções, fraterno artesão, escultor da palavra. Insuficientes os adjetivos. Dorian Gray exige neologismos, **doriânico** amigo.

O escritor Getúlio Araújo disse que Dorian construía dia a dia a sua obra de arte majestosa, como grande mestre da pintura contemporânea. Não é à toa que sua arte tenha sido premiada na França e na Bélgica, e valorizada em coleções particulares e de museus. Ele fez, por solicitação do governo do Estado, seis monumentais painéis. Um deles mede trinta e seis metros quadrados sobre cerâmica vidrada, em celebração aos mártires de Cunhaú e Uruaçu. O Governo, através da Arquidiocese, destinou os painéis ao monumento religioso erguido. Dorian custeou as despesas e dedicou o seu tempo e todo o seu amor ao trabalho, realizando-o com a costumeira maestria. São obras-mestras os seus murais que dão impacto estético e histórico a visitantes, inclusive, estrangeiros.

Para a tristeza de muitos, o nosso artista maior partiu. Não vamos esquecê-lo. Já dou início à sua biografia. A biografia prometida!

DIOGENES DA CUNHA LIMA é advogado, escritor e poeta, autor de *Os Pássaros da Memória, Corpo Breve* e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Nosso amigo Dorian:

Um natalense, mais do que natalense

Sônia Faustino

"Amigos fiéis são remédios de vida"
Eclesiástico 6:16

Nesta *hora única* dos meus *dias lentos*, a família e os amigos ajudam-me a vencer uma saudade maior que todas as saudades.

Na infância, na voz do pai, ecoava um nome de um livro cujo autor fora vítima de ignóbeis preconceitos ingleses. Assim, aquele livro-retrato, trazia no seu título um nome forte que atravessou o Atlântico e, na cidade do Natal Cascudiana, inspirou um casal ao escolher o nome de batismo para seu filho; Dorian Gray: nome de um natalense mais do que natalense…

No I Festival de Cultura Universitária, em 1965, ao colocar para o grupo da JUC, que se encontrava reunido em Emaús, a idéia do festival foi logo aceita e, a seguir, realizado pela força dos idealistas juquianos. Convidamos para a exposição coletiva de artes plásticas o já consagrado pintor Dorian Gray, o qual não se fez de rogado. Com o seu gesto, ele quis estimular os neófitos que, como eu, estreavam no disputado campo das artes visuais.

No conturbado ano de 1968, nos momentos de fruição, parávamos não só para ver a banda passar, dançar a ciranda de Lia ou a dança de Zorba, mas, sobretudo, para compartilhar a efervescência da vida artística natalense, simbolicamente representada nos fantásticos murais de Dorian Gray e de Navarro, no interior da nova escola técnica federal (ETFRN). Assim, os painéis da sala dos representantes, bem como a ceia em azul do refeitório, encantavam os nossos olhos: meus e de João Faustino.

Enquanto isso, no espaço da vida privada da nossa casa-jardim (na encraterada Avenida Prudente de Morais), a vizinha da

frente bordava as coloridas tapeçarias de Dorian Gray. A habilidosa bordadeira era sua cunhada, casada com Luís Carlos (*in memoriam*), irmão da suave Wanda.

Na segunda metade do século passado, mais exatamente no início da década de setenta, o Secretário da Educação do Município de Natal, juntamente com o seu amigo e auxiliar, Deífilo Gurgel, promoveu a primeira feira de arte e cultura da cidade, na Praça André de Albuquerque; a presenca de Dorian, com suas coloridas e vibrantes tapeçarias, elevava a estima dos expositores. Carlos José, Carlos Furtado, Mirabeau e Jesiel com seu teatro nas escolas, eram nomes que colaboravam com o idealismo insuperável do jovem secretário.

Dorian Gray, Navarro, além de Manxa, Thomé, Aécio e Zaíra Caldas, irmã de Dorian, entre outros, foram convidados por João Faustino para deixar gravados nas escolas da rede pública estadual a marca dos seus talentos. Dez grandes murais foram produzidos em dez grandes escolas; desses, só o de Dorian permanece, os demais foram destruídos pela ação ou omissão dos descompromissados gestores públicos.

Pergunta-se: por que só o de Dorian? E a resposta é uma só: porque o próprio artista faz, sistematicamente, o trabalho de recuperação dessa sua obra. Talento, solidariedade e operosidade são marcas indeléveis de Dorian Gray.

Quando tornei-me sua confreira, na Academia de Letras e no Conselho de Cultura, o elo de amizade, bem-querer e admiração (mirar à distância), fortaleceu-se.

Por ocasião da homenagem que a UFRN prestou-lhe pelos seus sessenta anos de vida artística, propusemos a criação da Academia de Artes e Design do RN, no intuito de marcar o evento.

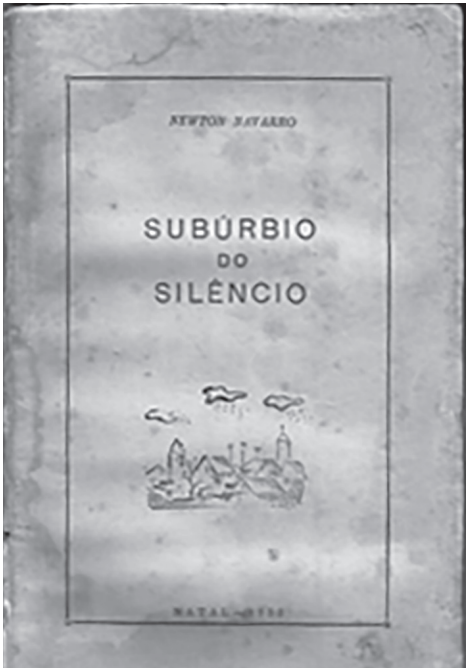
Ao promover em São Paulo "A arte que banha o nordeste", João Faustino tinha em mente um só nome: Dorian Gray. E no Palácio dos Bandeirantes está fincado o nome do Natalense, ombreado a Aldemir Martins, Lula Cardoso Ayres, Portinari e tantos outros do panteão nacional.

Nos dias sombreados que hoje vivo, ainda encontro motivos para dizer que felizes fomos nós, por termos visto, admirado e convivido com um artista completo.

O nosso amigo, meu e de João, Dorian Gray, para além da genialidade, é um *gentleman* e um ser humano maior que o nome da obra que o inspirou.

Natal, maio de 2014.

SÔNIA MARIA FERNANDES FAUSTINO é professora e escritora, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autora de *Rosa la France* e outros livros.


NEWTON NAVARRO
SUBÚRBIO
DO
SILÊNCIO

ROSA DE PEDRA
Poesia
ZILA MAMEDE

Navarro, navarrear

Vicente Serejo

No ano de 1953, governo Silvio Pedroza, saíram dos prelos da Imprensa Oficial dois livros que rasgaram a quietude literária da província que dormia um tanto esquecida dos versos modernistas de Jorge Fernandes, ele que daria nome às revelações poéticas que seriam reunidas, e lançadas, uma década depois, na coleção que revelaria nossos os novos poetas. Como se logo ali, naquele quase meado dos anos cinquenta, reinaugurassem a nova dicção poética a incendiar as tardes nos nossos quintais parnasianos.

Subúrbio do Silêncio e *Rosa de Pedra* estilhaçaram a calma das vidraças da cidadezinha ainda modorrenta. A estética do novo se revela, ali, em cada detalhe, a partir das duas capas concebidas por Newton Navarro. Dentro das cercaduras em traços finos e vermelhos, como iluminuras ilustram os títulos. No livro de Newton uma pequena vila que identifica Natal na torre humilde da Igreja do Galo; e em Zila, uma Rosa de Pedra flutua sobre velas de barcos sobre uma ilha, tudo miudamente desenhado, como umas joias.

Navarro ainda cria uma terceira capa, no mesmo padrão, para um terceiro livro de poemas - *A Canção da Montanha,* de Othoniel Meneses, 1955, também pelo Departamento de Imprensa. Um bico de pena que reúne vários elementos - uma figura humana, montanhas, uma mão que segura uma flor sobre um açude e cactos, e assina *Di Navarro.* O poema que nomeia o livro tem versos que gritam assim:

Ventos do mar ventos da terra ventos do mundo,

Ventos da morte ventos da revanche vento do medo!

Zila já chega com a marca de sua certidão poética, inaugurando o seu mar que reinventou nas águas mortas dos açudes da infância no sertão de Nova Palmeira:

Parado morto mar da minha infância

Sem sombras ou lembranças de sargaços

Ninguém imaginaria que 32 anos depois, num dezembro de 1985, ela desaparecesse nas águas fundas do mar como aquela flor extinta do seu soneto, numa bela e trágica antevisão impressionante.

Nas brumas, morto caule inconformado,

Liberto foi de corpo ensanguentado,

Perdido corpo azul de extinta flor.

Não foi menos marcante a poesia de Newton Navarro que ele ainda tentou circunscrever num subúrbio metaforizado pelo sentido de distância de todas as coisas, mas principalmente da glória. E abre sua coleção de apenas treze poemas com um desenho autobiográfico:

Quase sem vogais

Deram-me o nome,

Em letra amarga

E tom cinzento escrito.

Essa tintura penumbrista que lhe tisna os primeiros versos parece vir das leituras de poetas franceses. Não é à toa que grafa em francês a segunda parte do *Subúrbio do Silêncio*, os três poemas que chama de *Bestiaires* - o sapo, a abelha e a aranha.

Logo a seguir, no poema *Morte Incompleta, vem* a revelação mais clara desse penumbrismo que discretamente fugiu pelas pontas dos versos autobiográficos em *funda tristeza.* Parece ser seu pai o morto velado na incompletude de um *silêncio escondido* sob *o manto de terra e sono.*

A morte e seu silêncio são a anatomia do livro de estréia de Navarro. Aquela ideia que parecia incompleta, de repente se ergue por inteiro no poema *A Morte*. Mas, só a morte lhe parece completa, o morto não. O morto é incompleto - *sem pranto, sem olhos, sem saudade, sem lembranças*. Para ele, *semente apodrecida* que espera raízes - *incompleto, inconsequente / e só.* O poeta avisa que os sinos da cidade não o despertarão, e pergunta:

Por que, então, o vosso pranto, Senhores?

O mais longo e confessional dos treze poemas do livro é *Composição*, datado de junho de 1952. Entre a letra do poeta e a paleta do pintor, veste-se de linho, inventa disfarces vermelhos para cobrir os olhos e o coração, e confessa sentir saudades dos amores antigos. E na tarde mais uma vez silenciosa quase pede desculpas pelas cores que escolheu, principalmente aquele azul molhado que se sentia ferido, mansamente.

Um rio é um rio, avisa o poeta. E vai além: *corre em si mesmo / como um rio.* Diante do que sente como *o úmido mistério da noite*, o poeta transcende ao apenas real e, nessa transcendência, a sombra verde do rio *misteriosamente se transforma em sexo.* Mistério que sobe até a lua e *atravessa o mundo*.

O poeta é romântico, por isso abre o poema *Limitações* tristemente assim:

Tenho um verso na mão direita

E na esquerda meu coração

E no seu idílio, retorna à casa grande da infância para confessar, entre parênteses:

(Dizem que a minha inocência
Ficou lá dentro,
Entre crótons,
Avencas e sombras de mangueiras).

Mas o poeta é sempre inconcluso, como o silêncio e a morte que cercam sua vida toda envolvida pela penumbra guardando a distância invencível das coisas perdidas:

Atrás de mim
Um tempo inconcluso
Onde é sempre tarde...

Noturno e, algumas vezes iluminado pelo sol da alegria em pequenas canções, o poeta desce as ruas do seu subúrbio como quem procura e encontra o silêncio das cores em súbitas descobertas:

As linhas, as curvas,
Os súbitos horizontes
Transformaram-se em sons

Rumo ao desconhecido, navegando barcos azuis e cinzentos de marinheiros insones, o poeta olha o barco verde-esperança, livre de tormentas, recoberto de calmosas velas, e nele embarca seu futuro, sua vida. E para a viagem deseja a si mesmo:

Barco da Boa-Viagem!

Deus vos guarde,

Deus vos guarde!

E resta no seu bestiário feito de sobradas heranças poéticas como um Apollinaire, um sapo, uma aranha e uma abelha. O sapo destila um amarelo e nele o poeta rasteja a morte. Depois oscila, oscila, seguindo os passos oscilantes da aranha; e, por fim, imita a abelha, e com ela guarda no escuro o gosto escondido das rosas.

Newton Navarro tinha nos olhos as cores do povo e nos ouvidos sua poesia. Câmara Cascudo, a quem é dedicado o poema *ABC do Cantador Clarimundo*, vencedor do concurso promovido pela Prefeitura de Natal em dezembro de 1955, consagra no texto do prefácio o substantivo e o verbo do poeta do *Subúrbio do Silêncio. E*screve, inscreve:

-'Sempre esperei que a poesia do povo conquistasse a sensibilidade do poeta da cidade'. Para Cascudo, na voz do poeta erudito, é como se a poesia popular, nas vozes da tradição, encontrasse um Stradivarius 'a soar a ingênua toada dos sertões'.

O ABC conta a história de um cantador em 42 estrofes/ estações - as seis últimas reunidas em torno do que Navarro chamou de *Embalo de violas para Clarimundo*. É um poema cinematográfico, entre o sublime e o trágico, e o embalo de cordas é o seu epílogo.

Ele conta a história de um cantador dos campos da Boa Vista que ouvia desde moço o triste gemido das cordas de sua viola, cobrindo *a vazante calma*, no seu triste sossego. Um dia, numa estrada do povoado - *Monte Santo inda dormia / com luzeiros pelo céu* - Clarimundo ouviu uma voz que gritava seu nome - *E muitas mãos de silêncio / como botes de serpentes / contra seu corpo indefeso / morte bruta arremessaram / e cinco cortes ardentes / sobre seu corpo deixaram.*

Ali Clarimundo tomba sem vida.

E o poeta, como de olho enfiado numa lente panorâmica, pinta a paisagem daquela hora:

Últimos tons da manhã

Nas serras que longe azulam

Persistem brilhos difusos

Tal como pontas de estrelas

Trazidas do azul do vento

Que corre desabalado

Pelo campo ainda escuro

Morto, seu corpo amortalhado sob o sereno manso, como narra o poeta, não levou para a sua grande viagem o amavio do seu canto. Deixou como herança ao seu povo. É um cantador apenas adormecido no sono mágico e, por isso, o gemido de sua viola e de sua cantoria se ouve certas noites vinda dos longes do mundo:

Às vezes quando ventava

E nessas vezes somente,

Alguém contava que ouvia...

Morto pela polícia porque cantava as glórias de Lampião, Seu Capitão, Clarimundo, protegido por ele, morreu de vingança invejosa dos meganhas. Cantador era de paz com suas armas que um dia apresentou a Lampião:

__Senhor Capitão, meu chefe

O que tenho vós bem sabeis.

Nem faca, nem fios gumes

Nem revolver, nem fuzis.

Nem bala, nem cartucheiras,

Nem armas de nomes vis.

Clarimundo está morto de morte morrida, mas morto não está no sentido mágico que o longo poema inscreve em torno do seu sono de cantador apenas adormecido. No *Embalo de Violas*, o belo epílogo do poeta para saudar o cantador de um lugar chamado Boa Vista, o poeta repica os versos:

Trinta estrelas matutinas
Seu rosto devem velar.
Trinta fontes de águas claras
Seus olhos devem lavar.
Trinta violas sonoras
A sua alma serenar,
E um anjo feito sereno
Aos céus sua alma levar...

Eis o poeta no seu subúrbio feito de silêncios e azuis, recortado num apanhado de versos. O prosador das crômicas e contos fica pra outro dia. É conversa mais demorada.

Newton Navarro é substantivo e é verbo.

Navarro, navarrear.

Natal, julho de 2016.

VICENTE SEREJO é jornalista, escritor e professor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de "Cena Urbana", "Cartas da Redinha" e "Canção da Noite Lilás".

A Academia chega aos oitenta anos*

Lívio Oliveira

I

"Deus quer, o homem sonha, a obra nasce." (Fernando Pessoa)

O tempo é inexorável. Mudanças e transformações se apresentam. Faz-se e se refaz o mundo. Essencial é manter-se fazendo e criando em nosso redor. Criar é antes pensar e é ser, viver em essência. Viver requer ação prática, por evidente. Ação requer planos para a perpetuação do fazer, da obra. Tudo gira, enfim. Tudo gira. Acontece que portas se fecham e se abrem enquanto o mundo e a mente humana descrevem suas circunvoluções e as superluas se posicionam sobre os nossos olhares curiosos que se jogam à escuridão da noite em busca do sanguíneo e sensual satélite a nos advertir sobre as nossas ancestralidades, nossas antiguidades e nossas possibilidades – limitadas ou nem tanto.

A ideia da imortalidade – ou o apreço à mesma – como maneira de desafiar a mais poderosa e indesejada personagem antagonista, está sempre sendo cultivada na mente humana. Daí porque os seus símbolos fortíssimos se mantêm, firmando-se psíquica e culturalmente. Em indivíduos e em coletividades, em grupos que almejam essa espécie de "perpetuação". As academias de letras do mundo ocidental são assim. No mundo todo e aqui. São assim. Simbolizam vida eterna – muito mais da obra do que do homem ou da mulher que tomam assento nessa espécie de templo intelectual, associação, corporação, confraria, ou como mais se entenda sobre sua natureza.

Não sou dos que torcem o nariz para as academias. Ao contrário. Antes, percebo-as com a naturalidade e o respeito de quem compreende a importância das instituições como alicerces das sociedades organizadas e enraizadas sob aspectos civilizatórios que se buscam perenes. As academias, em si, não são boas e nem más.

Bons ou maus são os homens e mulheres que eventualmente as compõem. Ali o que se mede são as biografias pessoais e as obras. É assim que deve ser, para que se mantenha a regra basilar do jogo.

O jogo da arte literária e da história pessoal, medindo-se como isso pode contribuir com a posteridade, com a memória humana. Ora, os maiores beneficiários que uma arregimentação de homens e mulheres podem ter são os homens e mulheres das gerações que lhes são contemporâneas e daquelas que estão por vir. Em suma: um lugar individual ocupado num ambiente coletivo como uma academia de letras deve sempre trazer o que há de elevado, digno e essencial à edificação de uma sociedade plural e emancipada.

Percebo e presencio a realidade da nossa brava Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, que chegou aos 80 anos no recente 14 de novembro. Cada vez mais se direciona (e os seus membros) no rumo da luz ("Ad lucem versus") e do entrosamento com a sociedade culta e com os mais profundos valores da arte literária.

Em evento comemorativo ao octogésimo aniversário, o Presidente Diogenes da Cunha Lima descreveu as muitas realizações e metas, lançamentos sequenciados e contínuos da "Revista da Academia", capitaneada pelo acadêmico Manoel Onofre Júnior e pelo sócio benemérito Thiago Gonzaga, com outros projetos diversos sendo tocados, anunciando ainda os merecedores das "palmas acadêmicas" e da nova comenda da entidade – em entrosamento da arte literária com a arte jornalística, homenageando-se o imortal e saudoso jornalista Agnelo Alves.

Também têm sido anunciados intercâmbios literários que servirão aos autores e a todos os amantes das Letras. Evidente que haverá sólido componente didático-pedagógico, com o chamamento das escolas. E é claro que isso tudo se aperfeiçoará. Há até a possibilidade da criação de um pequeno memorial ou acervo que homenageie os patronos e acadêmicos.

Uma ótima fonte de informações sobre essa espécie de acervo vivo é o livro do acadêmico Jurandyr Navarro intitulado "Memoriais Natalenses" (Offset Editora, 2016). Essa obra passeia por vinte e um Memoriais existentes na Cidade dos Reis, mostrando-nos que

são muitos os modelos existentes para a realização do desiderato que ora se relembra. A Academia e todos os patronos e acadêmicos são merecedores desse retrato histórico.

II

"Comecei minha vida como hei de acabá-la, sem dúvida: no meio dos livros" (Jean-Paul Sartre, in "As Palavras").

No último domingo, às vésperas de um feriado municipal em que teria mesmo que trabalhar, decidi me embrenhar por entre livros e itens dos meus alfarrábios guardados, pequenas relíquias colecionadas entre pastas e em gavetas ancestrais. Numa dessas pequenas viagens em torno dos meus papéis, encontrei um documento valiosíssimo para mim: um diploma. Não um diploma burocrático qualquer, desses que poderiam compor um chatíssimo *curriculum vitae* (aqui vale lembrar que o Mestre Sanderson Negreiros já nos avisou numa de suas crônicas deliciosas: "Irmãos, desmoralizemos definitivamente o *curriculum vitae*").

Repito que não trato aqui de um diploma burocrático, antipaticamente curricular. É um diploma de sonho, sim. Retrata algo que aconteceu há trinta e um anos e se passou exatamente na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, quando a entidade octogenária sequer havia chegado ao seu primeiro cinquentenário. E eu explico adiante o sentido da emoção por essa lembrança.

Entre os dias 06 a 10 de maio de 1985 eu conheci, naquela Academia, um senhor, um grande escritor brasileiro chamado João Guimarães Rosa. Claro que não foi pessoalmente (Rosa faleceu em 1967), mas foi intenso, profundo. No ambiente da nossa Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, o escritor de Cordisburgo/Minas, passeava com desenvoltura diante dos olhos imaginativos daquele adolescente de dezesseis anos incompletos. Outros escritores falavam sobre ele e faziam sua anatomia intelectual e humana através da exploração de temas como "Rosa, o bruxo da linguagem", "O Regional e o universal em Guimarães Rosa", "Guimarães Rosa, o homem", "O epos da narrativa rosiana", "Deus e o Diabo em Guimarães Rosa".

A cada palavra dos escritores, os palestrantes daquela semana, eu percebia e entendia as muitas facetas do escritor colossal que foi Guimarães Rosa. E também compreendia melhor o papel daquela Academia que nos brindava (havia muitos estudantes no recinto) com o projeto "Academia para os jovens", que ainda existe altaneiro e cheio de brilho e que, certamente, será ampliado e ganhará novo colorido nos próximos anos.

Esse diploma, datado de 10 de maio de 1985, assinado pelo Presidente Diogenes da Cunha Lima, eu o guardo comigo como quem guarda um relógio Patek Philippe de ouro. Exagero? Nenhum! Nenhum mesmo! É porque ele simboliza vários aspectos importantes da minha vida. Por exemplo, o fato de que sempre amei os livros e os autores. Também, que desde cedo alimentei desejo intenso de fazer parte do mundo dos escritores. E a Academia, já naquela época, oferecia nutrientes para isso, fazendo-me conhecer o maior autor – em língua portuguesa – no terreno da prosa ("Grande Sertão: Veredas" e "Sagarana" serão sempre as obras máximas, em prosa, para mim).

Voltando a 2016, destaco que presenciei o Cônego José Mário de Medeiros e o Padre João Medeiros Filho (ambos ilustres acadêmicos da ANRL) celebrando missa (tornando célebre a data e o acontecimento, como lembrado pelo Cônego) na manhã do aniversário de oitenta anos da Academia. Naquele dia cheio de sol, tivemos os presentes a felicidade de ouvir, além das palavras firmes e precisas do Cônego José Mário, uma homilia belíssima proferida pelo Padre João Medeiros. Nela se mostrou revelado, mais uma vez e brilhantemente, o real sentido da palavra literária, corolário preciso da palavra de Deus.

Assim disse o sábio Padre, numa passagem poético-teológica que nos trouxe a lume verdades inegáveis: "É importante dizer que a literatura constitui uma forma de oração, sendo uma experiência mística. Ela ultrapassa os limites das palavras, por isso o Verbo quis concretizar-se em livro, ou seja, literatura em plenitude." E foi exatamente essa certeza que adquiri, inicialmente, naquela semana de 1985 e que guardarei comigo até o meu derradeiro dia sobre a Terra.

III

"Duas tarefas dificílimas: ensinar e escrever. Sem falar do 'ofício de viver', ainda mais difícil." (Norberto Bobbio, in "O Tempo da Memória")

O amor pela beleza e pela palavra impulsiona a arte literária, é fator que mobiliza o escritor. Também, anjos e demônios íntimos e aspectos diversos da exterioridade dos fatos ocasionam a busca da palavra escrita. O papel do escritor se apresenta e se eleva à medida em que combina esses itens todos da receita, de maneira apropriada e condigna artisticamente, realizando obra que valha o nome. O escritor, nesse contexto, afirma-se e permanece se souber bem lidar com todos esses ingredientes servidos à grande mesa das palavras, essas com sentido estético, humanístico, em seara aprofundada e valiosa.

Os que compõem e os que buscam compor uma Academia de Letras certamente possuem noção precisa acerca da realidade acima descrita. A dupla realidade que se impõe: essencial é que se ame a arte, essencial é que se ame a palavra. E que se busque trabalhar com a arte e com a palavra de maneira meticulosa, responsável, edificante artisticamente. Imprescindível que o escritor (ou o que almeja chegar a tal condição) empregue todos os seus tesouros intelectuais em busca das melhores palavras e da plenitude e do prazer do texto (lembre-se de Roland Barthes), que se pretende ver aceito como peça artística a compor, com alguma dignidade, o mundo cultural e do intelecto. Sem que tudo isso se efetive, não haverá sentido no fazer. Afinal de contas, não se pretende e não se aceita que o escritor seja um mero burocrata das letras, meramente as associando sem que lhes dê vida e essência.

Não é fácil, portanto, o ofício do escritor. Não é fácil e há até aqueles que nem se encorajam a tentar. Ou tentam e não conseguem. Mas também não é fácil viver. E aí não tem mesmo jeito. Diferente da arte de escrever, da qual se pode desistir (e às vezes até se deve), quanto à vida, é sempre válido persistir.

As Academias de Letras são lugares dos que insistem, persistem e conseguem obter das palavras a essência em beleza. A Academia

Norte-Rio-Grandense de Letras tem nos dado grandes exemplos de homens e mulheres (há um verdadeiro pioneirismo da ANRL quanto à inserção das mulheres em suas cadeiras) que abrilhantaram e abrilhantam os lugares ocupados no passado e no presente.

Tenho à mão um interessantíssimo livro de Pedro Salinas. Chama-se "La Responsabilidad del Escritor", publicado pela Seix Barral em Barcelona, Espanha. Passo umas folhas e começo a recordar os grandes nomes da nossa Academia, os que souberam e os que sabem lidar artisticamente com as palavras. Uma passagem me chama atenção: "Al escritor, al artista, hay que dejarlo em paz. Por la sencilla razón de que él tiene ya movida, desde que nace, su própria guerra dentro, y há de atenderla." Reflito. E percebo. De fato, há que se respeitar o escritor em sua condição mais íntima, de desbravador, de guerreiro, conquistador das palavras, traduzindo sentidos e instantes, fazendo ARTE.

Arte elevada é a primeira das responsabilidades do escritor. É o que dele deve se exigir: essa espécie de amor. A história de nossa Academia está repleta desses seres que sabem e souberam amar a palavra artística, bastando, para confirmar isso, dedicar-se à leitura de estudos e obras sobre a ANRL. Por enquanto cito os seguintes, para exemplificar: "Patronos e Acadêmicos" (Veríssimo de Melo, Pongetti,1972, 02 volumes); "Na Companhia dos Imortais" (Armando Negreiros, Natal, AS Editores, 2003); "Academia Norte-Rio-Grandense de Letras – Ontem, hoje e sempre – 70 anos rumo à luz" (José Soares Júnior, ANRL, 2007, 02 volumes) e, mais recentemente, "A grande pesquisa", um conjunto interessante de anotações e dados reunidos por Francisco Martins e publicado pela 8 Editora, ano de 2016.

Também destaco que, na segunda edição, revista e aumentada, do livro "Alguma Prata da Casa", do acadêmico Manoel Onofre Júnior, há excelentes páginas com "perfis acadêmicos". Já se tem notícia, também, acerca de futura e próxima publicação de obra que está sendo escrita pela acadêmica Leide Câmara. Aguardamos essa obra, com ansiedade, para a ampliação de dados e informações acerca dos nossos patronos e acadêmicos, artistas da palavra que se imortaliza, avança em perenidade.

IV

"Queremos registrar apenas aquilo que edifique." (Veríssimo de Melo, no texto introdutório de "Patronos e Acadêmicos", volume I, ed. Pongetti, RJ, 1972).

No início daquela semana em que o Brasil e o mundo perderam o colossal poeta Ferreira Gullar, andei buscando respostas às íntimas indagações que me invadiram: Por quais razões sou um apaixonado pelos livros? E esse prazer pela leitura? De onde surge a minha necessidade de sempre escrever? Meti-me, então, entre alguns dos melhores autores, em minha biblioteca; inclusive, entre obras do próprio Gullar, em pesquisa sôfrega para a obtenção de alguma resposta válida que me trouxesse alento e calma. Naquele ambiente, mergulhei de cabeça à procura das palavras de aclaramento.

Foi folheando – mais uma vez, dentre muitas – "A Biblioteca e seus Habitantes", obra-monumento do saudosíssimo Américo de Oliveira Costa, que me deparei com esse trecho, que talvez explique razoavelmente o sentido da entrega ao exercício da leitura e da escrita de livros: "Com uma unção quase religiosa foi que o maltratado Maquiavel penetrou, igualmente, o nobre sentido, a exata, a pura verdade dos livros. Eis uma passagem de carta sua a um amigo: 'À tardinha, volto para casa e vou para a minha biblioteca; deixo à porta as roupas poeirentas que usei durante o dia, e visto-me decentemente antes de ingressar no recinto dos homens do passado. Eles me acolhem com bondade, e com eles me nutro do alimento que me é próprio e para o qual fui feito. Tenho a ousadia de a eles dirigir-me e de perguntar-lhes as razões por que agiram desta ou daquela forma. São boas almas e, em regra, respondem. Assim, por muitas horas, estou livre de aborrecimentos, esqueço todas as minhas dificuldades, domino o medo da pobreza e o horror da morte.' "

Acreditei, naquele momento, ter obtido algumas evidências acerca das raízes da paixão pelo livro e pela escrita. É que a palavra escrita é móvel da própria vida. Assim como o sábio florentino Niccolò dominava os seus medos e horrores, entregando-se à companhia dos antigos que lhe exibiam caminhos de luz, também o fiz

naquele dia em que o poeta maranhense partiu. Também permaneço fazendo tal esforço da coragem e da luta, neste mundo cheio de perigos e riscos, armadilhas por desfazer.

Como o próprio Gullar insistia num dos seus poemas mais célebres: "Uma parte de mim é só vertigem;/outra parte, /linguagem." A linguagem dos livros e dos homens e mulheres que já foram e também a presença dos que estão vivos e que compartilham os seus saberes e esse sentimento em torno da memória e do sonho eternizado em palavras. Disso é que falo aqui. É isso que me faz nutrir amor pelos livros. Esse tipo de amor digno e elevado que sempre vi sendo cultivado num templo literário – que se mantém ereto e firme através do tempo – como é a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

O sentido que se busca é o da palavra perene. É a palavra dos livros e dos seus autores. O sentido do eterno é mesmo o que vale quando estamos entre os livros e nos banhando de palavras dos antigos e dos atuais escritores, os que produziram e produzem arte verdadeira. O essencial é procurar as palavras que nos possam fazer altivos, na companhia dos que também as amam. São assim os que engrandeceram e os que engrandecem a Casa Manoel Rodrigues de Melo, edificação do saber e da convivência entre pares ilustrados, edificadores.

Josué Montello já afirmava acerca da ABL, no livro intitulado "Uma palavra depois de outra" (Instituto Nacional do Livro, RJ, 1969): "A Academia é uma instituição vitalícia. Quem ali ingressa, ingressa para o resto da vida." E é mesmo assim com todos os verdadeiramente apaixonados pelo livro e pela palavra escrita. É porque a relação de amor não cessa nunca. É por toda a vida.

***Texto publicado, em quatro partes, no jornal Tribuna do Norte, nos dias 17, 24, 30 de novembro e 16 de dezembro do ano de 2016.**

LÍVIO OLIVEIRA é Procurador Federal, poeta e escritor, membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Autor de "O Colecionador de Horas", "Teorema da Feira" e outros livros.

A lucidez final de Ferreira Gullar

Nelson Patriota

Um nítido contraste serve de linha divisória para os dois textos em que o nome de Ferreira Lugar se despede dos seus leitores nas páginas da *Folha de S. Paulo*. Referimo-nos à edição de 11 de dezembro de 2016 desse diário paulista, uma semana depois da morte do poeta. Um dos textos é a coluna "Arte do futuro", que Gullar ditara, no leito de hospital, para a neta Celeste, e que é retinto de pessimismo e ironia sobre a arte que conhecerá o futuro. É, porém, na entrevista que deu ao jornalista Pedro Maciel que o leitor pode reencontrar o combativo poeta maranhense em toda a sua melhor forma: lúcido, mordaz, poético e crítico.

A entrevista também se presta a considerações sobre o papel do entrevistador e sobre o risco que corre seu trabalho quando aquele lança mão de suposições que considera de aceitação geral e se depara com uma reação contrária a essa suposição. A primeira pergunta formulada pelo repórter da Folha, é, nesse sentido, exemplar, denotando pouca familiaridade do entrevistador não só com a história da poesia, sua função e sua presença, mas sobretudo com as ideias do entrevistado: a pergunta é a seguinte: "Como o poeta se sente num tempo em que a poesia perdeu sua importância cultural?".

De fato, a pergunta se revela de todo inadequada, porque se se trata realmente de um assunto cujo tema prescreveu, não valeria a pena – ao menos do ponto de vista jornalístico – trazê-lo ao juízo de seus leitores. O adjetivo "cultural", que o entrevistador acrescenta ao final da pergunta, tem aí o propósito de atenuar a despolidez da afirmativa sobre a perda da importância da poesia, como se isso fosse um fato unânime, geral e inequívoco nas letras brasileiras, apesar da popularidade de que gozam tantos poetas, dentre eles, o próprio Gullar.

Falávamos, antes, na lucidez de Ferreira Gullar, e ele a demonstrou desde a primeira resposta que deu ao equivocado entre-

vistador. Vale a pena ler seu teor na íntegra: "Não sei se a poesia perdeu sua importância cultural. Acho que não perdeu. Uma coisa é a cultura de massa, a badalação em torno de bobagens que preponderam na nossa sociedade. Outra é a verdade, a verdadeira arte, a verdadeira poesia, os verdadeiros valores. A poesia, mais que nunca, é fundamental para as pessoas exatamente porque elas vivem uma vida alucinada em que todo valor é banalizado. Então, as pessoas recorrem à poesia. É claro que não é a maioria, mas nunca foi a maioria. Em época alguma do mundo a maioria procurou a poesia".

A partir dessa tomada de posição pela poesia, a argumentação de Ferreira Gullar ganha ares de uma verdadeira poética minimalista, apoiada em três ideias-força: a primeira é que a poesia é indefinível; a segunda, é que fora do poema a poesia é só uma promessa, uma expectativa; a terceira é que o poema é o lugar onde a palavra vira poesia porque, fora do poema, fora da obra de arte, a poesia não está em parte alguma. Gullar não titubeia nem mesmo em desautorizar o Octavio Paz que vê no ritmo o núcleo do poema, defendendo, pelo contrário, que esse núcleo jaz no que diz o poema. E enfatiza: o que o poema diz, só o poema diz!

Gullar não se deixa intimidar nem mesmo diante de uma pergunta provocativa do tipo "A arte poética é uma tentativa de salvação da existência?", ante a qual muitos poetas costumam tergiversar, dada sua conotação excessivamente datada. Para Gullar, a pergunta é uma oportunidade de desvelar o ardil que existe por trás dela, e, ao mesmo tempo, uma reafirmação dos verdadeiros valores da arte. Na verdade, Gullar expressa, nessa afirmação, sua experiência com a poesia, e trata-se de uma experiência madura, fundamentada na vivência com e pela poesia. Seu primeiro argumento é de recusa: "Depende do que a gente está chamando de salvar. Se é salvar a alma, aí não, porque a poesia não serve para isso". Sem dar tempo para contestação, prossegue Gullar, agora em defesa da real utilidade da poesia: "A poesia ajuda as pessoas a viverem, é para isso que ela serve. As pessoas necessitam ser felizes, ter uma vida com alguma alegria, com alguma maravilha, com alguma beleza. E a função do artista é propiciar isso". No arremate, não resista a fazer uma blague: "A poesia não salva ninguém porque isso aí é função de bombeiro".

A entrevista prossegue em torno de considerações sobre a arte, o Modernismo e sua superação, sobre o significado do tempo, para finalmente chegar a duas questões vitais para o poeta Ferreira Gullar: o amor como valor essencial à vida, e a ideia de morte como fim. Sobre o amor, o poeta chega a se revelar de natural romântico, mas foge ao lugar-comum ao refletir que "o amor é uma coisa altamente significativa. Porque o amor também transfigura o relacionamento das pessoas. E tem outra coisa também, o entendimento e a compreensão que estão envolvidos no amor. Quer dizer, o amor não te julga. Pelo menos como eu entendo, o amor é um refrigério, é um recanto onde você é aceito sem o julgamento implacável que normalmente as pessoas fazem umas das outras".

Sobre a morte, este é um ponto que o poeta enfatiza reiteradamente: "a morte é só o fim. A morte é o fim, não é o todo. A morte é muito mais o nada do que o todo. É o fim. A morte é o nada. É o nada". Mesmo o entrevistador não tendo interpelado o que havia por trás dessa convicção, o próprio poeta explica, à maneira hinduísta: "Você é uma coisa temporária, particular, mas a sua origem, é o todo" [o nirvana para o qual todos os seres migram, no Hinduísmo]. "Você vem do todo e, momentaneamente, existe como uma individualidade. Depois, você se dissolve nesse todo e desaparece".

Ante essa resposta "niilista", o repórter é levado a supor que o poeta é um grande pessimista, um homem sem esperança. Mas Gullar o surpreende, outra vez, ao afirmar: "A realidade do mundo para mim não é sombria. Essa visão é que é um pouco sombria demais para o meu gosto. Eu estou vendo luz aqui, o verão, a praia azul, o mar. Eu não tenho essa visão pessimista da vida".

É nesse tom de reviravolta que a entrevista chega ao seu termo. É evidente que ela foi realizada no apartamento do poeta, em Copacabana, quando ele ainda gozava de boa saúde, num dia ensolarado e soprado pela brisa do mar.

É certo também que muitos temas caros à poesia de Ferreira Gullar, como o aspecto social de sua poesia, as diversas fases que pontuaram sua evolução como poeta, crítico de arte e artista plástico, jornalista e militante político, seus exílios e seu retorno ao

Brasil, ficaram de fora dessa que foi possivelmente a última entrevista que deu ao jornal no qual escreveu por décadas. O que falou, porém, revela que o artista, o poeta, o colunista crítico e atento às questões do seu tempo, continuava lúcido como sempre, mas com uma lucidez temperada pela experiência, o tempo e a vida, de um lado, e a arte do outro. A junção desses elementos fez dele um daqueles homens brechtianos – aqueles que se tornaram imprescindíveis porque lutaram a vida inteira. Essa foi, certamente, a imagem que Ferreira Gullar tentou deixar de si. E o conseguiu, supomos.

NELSON PATRIOTA é escritor, crítico literário e poeta, autor de "Uns Potiguares" e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

O memorialista Joaquim Nabuco

Ivan Maciel de Andrade

"Minha Formação" de Joaquim Nabuco é um livro de memórias escrito há mais de cem anos. Mas ainda hoje de leitura, por vários motivos, fascinante, sobretudo nos capítulos – que são a maioria – de teor mais acentuadamente autobiográfico.

O ensaísta Wilson Martins vê nessas memórias "a mesma linha de introspecção e de técnica proustiana 'avant la lettre'. Uma "soberba busca do tempo perdido".

Na realidade, o livro, além de inigualável testemunho intelectual e político, possui também uma tocante dimensão humana e poética.

Se dependesse do prefácio, "Minha Formação" seria um dos livros mais lidos da nossa literatura. É uma página deliciosamente bem-escrita, da autoria de Gilberto Freyre, que tem uma nota dominante: a transbordante admiração por Joaquim Nabuco.

Mas a introdução escrita pelo autor de "Casa-Grande & Senzala" não é apenas apologética. Tem descobertas e revelações essenciais ao conhecimento de Nabuco e de seu livro de memórias (a edição que tenho é de 1963, da Universidade de Brasília). Além de conter uma avaliação crítica, que peca, é verdade, por alguns excessos laudatórios, mas, apesar disso, é basicamente justa, uma vez que fixadora das qualidades de escritor, de orador e de líder político de Nabuco.

Entre esses dois pernambucanos havia, aliás, uma diferença fundamental de comportamento: Gilberto Freyre sempre viveu e quis viver no Recife (o grande mestre de Apipucos), enquanto que Joaquim Nabuco, embora sem nunca perder as raízes sentimentais recifenses, passou grande parte de sua vida, por lúcida opção pessoal, no exterior, servindo na área diplomática.

Informa Joaquim Nabuco que "a data do livro para a leitura deve ser 1893-99, havendo nele ideias, modos de ver, estados de espírito de cada um desses anos".

Uma das constatações de Gilberto Freyre: "A Joaquim Nabuco não faltou a coragem de deixar claro (...) que nascera fidalgo; que crescera menino de engenho aristocrático, à sombra de uma madrinha um tanto matriarcal, pela imponência de sua figura e pela amplitude do seu prestígio; e, ainda, que se fizera homem público por vocação apolineamente patrícia para a alta política, já praticada por seu pai 'na mais alta hierarquia'". Censura Gilberto Freyre: evitou Nabuco em suas memórias "o trivial, o cotidiano". E completa: "É um livro pelo qual não passa nem de leve saia de sinhá moça com seu ruge-ruge de seda fina".

A infância de Nabuco foi no engenho Massangana, próximo do Recife. Tanto o marcaram as impressões da infância que confessa, liricamente: "Eu por vezes acredito pisar a espessa camada de canas caídas da moenda e escuto o rangido longínquo dos grandes carros de bois".

Aduz Gilberto Freyre: "'nhô Quim' de Massangana não escreveu um livro apenas pessoal: escreveu uma parte da história da formação nacional do Brasil". E conclui: "Sob este ponto de vista – o de um depoimento de interesse nacional, especificamente nacional, dentro do humano – é obra que se inclui entre os mais expressivos livros escritos no Brasil".

Nabuco construiu toda uma densa e erudita formação intelectual na Europa: integrou-se ao requintado ambiente social da aristocracia europeia e apurou o gosto literário através do contato com a cultura e o mundo literário da França, tornando-se amigo íntimo dos grandes escritores franceses da época (Renan ocupou o principal papel).

Consagrou-se como orador popular em discursos abolicionistas no Recife e na Câmara dos Deputados e, ainda, como jornalista e escritor cujas obras figuram entre as mais importantes de nossa literatura.

Ele próprio admite, sem preocupações com a modéstia, ter sofrido "o magnetismo da realeza, da aristocracia, da fortuna, da beleza, da inteligência e da glória". Não perdeu, todavia, "a consciência de alguma coisa superior, o sofrimento humano".

Em razão disso, abandonou "a vida diplomática pela advocacia dos escravos". Durante essa luta, escreveu um livro profundo,

analisando as marcas da escravidão em nosso país e em nosso povo: "O Abolicionismo". Esse livro é "tido em nossos dias como obra-prima", segundo Francisco Iglesias, autor, por sinal, de belíssimo estudo sobre essa obra de Nabuco.

Também obra-prima foi a biografia que escreveu de seu pai, "Um estadista do Império", considerada por Raymundo Faoro uma "história visceralmente artística", alcançando ou, mesmo, ultrapassando, sob esse aspecto, o que se fez de melhor na historiografia universal.

Importa lembrar que Nabuco foi grande amigo de Machado de Assis. Amizade que começou quando Nabuco era ainda muito jovem. Mas que se acentuou ao longo do tempo. Para comprová-lo, basta citar o seguinte episódio.

José Veríssimo escreveu um artigo de homenagem a Machado e nele o classificou de mulato: "Mulato, foi de fato um grego da melhor época". Numa sociedade escravocrata, Machado ascendera socialmente por seu enorme valor intelectual e pela obra genial que produziu.

O apolíneo Joaquim Nabuco não se conformou com o termo usado no artigo de Veríssimo para identificar a cor da pele do romancista recém-falecido. Escreveu, então, Nabuco a Veríssimo: "Eu não o teria chamado mulato e penso que nada lhe doeria mais do que essa síntese. Rogo-lhe que tire isso, quando reduzir os artigos a páginas permanentes. A palavra não é literária e é pejorativa. O Machado para mim era branco, e creio que por tal se tomava: quando houvesse sangue estranho, isso em nada afetava sua perfeita caracterização caucásica. Eu pelo menos só vi nele o grego." A leitura da palavra "mulato" chegara a lhe causar "arrepio".

Ao escrever as suas memórias, tinha então Nabuco cerca de cinquenta anos. Já passara a sua fase de político, de "reformador social", de abolicionista. Escreveu-as atendendo à "nostalgia do passado", à "sedução crescente da natureza", ao "retraimento do mundo", à "doçura do lar". Pena não se ter motivado a continuar escrevendo-as.

IVAN MACIEL DE ANDRADE é advogado e escritor, autor de "O Exilio das Palavras". Colaborador de jornais e revistas, com artigos e crônicas. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

O cronista da cidade

Gustavo Sobral

Quando desceu na Europa, Berilo Wanderley já era um cronista experimentado. Havia começado em 1956, com a coluna Revista da Cidade, no jornal Tribuna do Norte, substituindo o titular Woden Madruga que viajara para Maceió, e conquistou o espaço desenvolvendo um jornal próprio, espécie de revista de variedades: comentário de livros, filmes, notas rápidas sobre os últimos acontecimentos, enquetes, publicações de poemas e cartas do leitor. E a crônica, carro chefe da coluna. A crônica era o que se fazia no momento. Era a literatura do registro diário no jornal. E assumia o papel de revelação do cotidiano, impressões do cronista, comentário de algum fato do presente, confissões, autobiografia, conversa fiada, tudo que ainda hoje é possível no balaio da crônica. Berilo não fugiu da cartilha, mas apresentou estilo e temas próprios, escolheu falar da vida da cidade de Natal que era a sua vida, das suas impressões de leitura, do cinema que era a sua paixão e da literatura e, com Revista da Europa, voltaria à cena noticiando um mundo estrangeiro.

Tudo documentado e enviado pelo Atlântico para as páginas do jornal impresso Tribuna do Norte, em Natal, capital do Rio Grande do Norte, para a alegria do seu fiel público leitor que o conhecia da sua afamada coluna diária, a Revista da Cidade. O cronista havia se despedido da Revista da Cidade por um breve período, "e lá vai B.W. para terras de Espanha!" (Revista da Cidade, Até Breve!, sexta-feira, 23 de setembro de 1960). "Há muito precisava viajar", escreveu na despedida, alegando que aprendeu sobre a Espanha na mesa com o espanhol Nemésio Marquecho, que contou saudades de sua terra e mandava ao irmão, em Granada, uma caixa de charutos pelas mãos do cronista. Berilo partiu. Retornaria com notícias do além mar, inaugurando a Revista da Europa com crônicas da viagem. Seguiu para Espanha no final de setembro de 1960, rumo ao Colégio Mayor Universitário Hispanoamericano Nuestra Señora de Guadalupe para uma pós-graduação em Direito, opor-

tunidade ofertada pelo consulado da Espanha. Seria sua primeira e única estadia no continente europeu, de lá o cronista retornaria um cidadão do mundo e faria de Revista da Europa o retrato de um tempo vivido e da Espanha do começo dos anos 1960.

Revista da Europa deve ser considerada a continuidade de um processo que começa na Revista da Cidade. Berilo traça o mesmo projeto de ver a vida da cidade, as pessoas, registrar os momentos e as suas impressões de tudo. Só que agora abria-se um museu de novidades, o cronista estava na Europa e havia de contar o que via, ouvia e vivia. É a experiência no Velho Mundo, como um diário aberto, uma reportagem do dia, uma narrativa histórica, um perfil bem acabado o que se encontra na Revista da Europa que, reunida, forma um conjunto harmônico, um álbum de retratos que, revisitado, revela um frescor atual, como se o tempo não tivesse passado e pudéssemos voltar à Espanha, à Europa, naquele começo dos anos 1960 e sonhar entre um fino e outro e viajar agora não só mais no espaço, mas também pelo tempo decorrido.

O que se verifica na crônica, passado o tempo da sua publicação, é a sua perenidade. É possível, nestes textos, recuperar a Europa de 1960 e 1961, por isso, um documento de interesse que transpõe as fronteiras do Rio Grande do Norte. Neles estão acontecimentos e personagens fixados num dado momento que é o tempo presente da crônica. A narrativa contempla os fatos e não há imposição de se fazer um registro histórico. A descrição é do presente e é sobre o intangível da vida que se preocupa o cronista. A crônica é um olhar para o cotidiano e também, porque não, relato de viagem como serviu aos viajantes e aventureiros do passado para contar o que descobriram e encontravam nos lugares visitados geralmente desconhecidos do público leitor. Com Revista da Europa, Berilo retoma este caráter utilitário e de registro histórico característico da crônica de viagem. Há um *ensemblage*, rico, flutuante e incomum, porque há também um quê de notícia e reportagem.

Revista da Europa estava reservada para os domingos na Tribuna do Norte, considerado o dia nobre, de maior circulação dos jornais, as crônicas, portanto eram semanais, talvez e também, por uma mera razão dos sistemas de comunicação e transporte disponí-

veis na época, vinha tudo pelo serviço postal. Berilo era um jovem de vinte e seis anos, recém-formado em Direito, primeira turma da Faculdade de Direito de Natal, na Ribeira, praça Augusto Severo, solteiro, boêmio, jornalista por ofício e total vocação para cronista, personagem de destaque na cidade, frequentando círculos intelectuais em torno dos temas do seu interesse e instituindo-se como um guia das gerações mais jovens, amigo dos nomes que fariam o jornalismo e a literatura do Rio Grande do Norte entre tantos outros, o jornalista e poeta Celso da Silveira, os poetas Myriam Coeli, Luís Carlos Guimarães, Zila Mamede, Newton Navarro, o jornalista Woden Madruga, o poeta Paulo de Tarso Correia de Melo e o escritor Moacy Cirne.

Embora tenha cursado Direito, sua vida profissional começou no jornal. Berilo se considerava essencialmente jornalista e viajou assim caracterizado no seu passaporte. Revista da Cidade, que praticou de 1956 até viajar no ano de 1960 para Espanha, era um verdadeiro Caderno B, que é aquele onde se publicam as notícias, reportagens, resenhas, críticas, comentários, notas que tratam dos temas culturais, quais sejam, literatura, cinema, teatro, música, as artes em geral, um caderno de cultura completo de tudo que havia de necessário à época: a crônica, o cinema, a música, a literatura, entretenimento e a vida da cidade em notas. A crônica era parte deste seu jornal publicado diariamente nas páginas da Tribuna do Norte. Berilo seguia uma escola que havia sido lançada por Rubem Braga, e que angariava cronistas do naipe de Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos, entre outros.

No mesmo período, e por outras razões, encontramos o cronista Augusto Severo Neto flanando pela Europa, em um mergulho do encontro em si mesmo, relatado no seu primeiro livro de viagem, *Do outro lado do mar* (1960), a que outro se seguiu, no gênero, *Estórias de distâncias* (1982), com as temporadas constantes a passeio pelo continente europeu. Também Newton Navarro, nos anos 1960, cronista da cidade, compôs crônicas de sua passagem pela Europa, algumas no livro *30 crônicas não selecionadas*. Se hoje pode parecer banal, lugar comum falar da beleza de Notre Dame, de Paris à noite iluminada, dos pastéis de Belém, de Portugal e

das touradas da Espanha, o olhar local sobre o estrangeiro, naquele tempo, era artigo de primeira novidade e privilegio dos muito menos que tiveram espaço nos jornais, já conquistado, para relatar estas experiências. A literatura de viagem reúne no mesmo baú diversos autores no Rio Grande do Norte e se mostra uma vertente ainda à espera de considerações a seu respeito.

Berilo pertence à geração dos cronistas modernos que nasceu no século XX, aquela em que cada cronista traça o seu próprio caminho para explorar o gênero e assim defini-lo. Jornalismo e literatura, a crônica também é um registro do tempo presente, portanto, documento. Gênero textual, apresenta características próprias dentro de uma variedade de temas e práticas como se percebe na sua construção histórica que se pode ter como marco inaugural, no Brasil, a forma e o tratamento que lhe concedeu o cronista carioca João do Rio e o seu ancestral o folhetim, prática dos jornais do século XIX. Precisa é ser reconhecida pela capacidade documental. E Revista da Europa é um exemplo disso: a crônica é um registro histórico de uma época. Um documento que deve ser também explorado como tal. E, por isso, perdura. Longe de ser efêmera, sua perenidade e importância é a sua razão de ser: o registro do cotidiano.

Ao mesmo tempo em que Berilo, em suas crônicas, mantém o traço com que o gênero se configurou nos jornais, uma curta narrativa ou descrição de um fato cotidiano, o cronista resgata o espaço da crônica como o espaço do folhetim que era utilizado, para registro de comentários, acontecimentos, publicação de pequenos ensaios, poemas, contos. Berilo incorporou um pouco de tudo isso à Revista da Cidade. A coluna, como dito, compunha-se da crônica em si e de outras seções que contemplavam os temas culturais: cinema, literatura, música. Revista da Europa não fugiria a este modelo. O modelo lançado por Berilo, se instituiu no jornalismo impresso do Rio Grande do Norte e gerou não só admiradores, mas também seguidores. Os cronistas da cidade ainda em atuação, Woden Madruga e Vicente Serejo são adeptos da escola de Berilo em que se denota o emprego da ironia, da perspicácia, da formação humanística e cosmopolita do cronista, atributos sem os quais seria impossível alcançar o jornalismo de excelência que exercem.

A lição de Berilo é de quem incorporou da crônica moderna (a que começa a ser praticada por João do Rio e se define com Rubem Braga) o tom literário de quem também fazia reportagem no que escrevia, com o uso dos recursos literários em seus textos. Então, há a composição de cenas, perfis, diálogos. E também reportagem. A reportagem é um gênero jornalístico para o registro de fatos em profundidade. Enquanto a notícia é breve e totalmente informativa: (o que aconteceu, onde, quando e porque, ensina a técnica do lead); a reportagem vai além e procura explicar, descrever, contextualizar. Berilo foi jornalista que de fato nunca fez reportagem no sentido estrito, mas que, procurou um novo caminho expressivo para o registro da sua viagem. E conferiu às suas crônicas de viagem o tom da reportagem. Assim, recupera os fatos históricos em contexto, trata dos costumes e hábitos em terras de Espanha e segue a proposta de ser cronista da cidade, papel que está intimamente ligado a sua vida e às suas vivências onde quer que esteja o cronista.

Há uma faceta demarcada das crônicas-reportagem de Berilo, a construção de perfis. "Michel é um jovem poeta de Paris que pode ser encontrado depois da meia-noite no La Méthode". São retratos de figuras que observa ou com quem convive na Europa; há o professor Carmona apaixonado, o português Alberto Torres, o jovem poeta em Paris, Janiel dos cabelos longos, o velho Basílio, o casal francês, o peruano, Josefina, Jean- Pierre, e até o presidente brasileiro Jânio Quadros, em passagem pela Europa; há as cidades como personagens, Madri, Paris, Córdoba, Sevilha,Toledo, Málaga, Granada, Lisboa. É possível seguir os passos de Berilo ainda hoje pelas ruas e pelas praças, pelas salas de cinema e teatro, está tudo lá à espera de quem quiser viver a Europa. Há nas crônicas um roteiro de viagem incomum. Aborrecem o cronista os pontos turísticos, que não deixa de visitar, e resta a lição de que para conhecer uma cidade é preciso viver as suas ruas, os seus espaços, confundindo-se com os citadinos.

Observador da vida, das pessoas que passam, do que acontece, o cronista vive a perseguir a vida na cidade em busca de personagens e situações. Imprescindível é viver. Mesmo que esteja com um livro aberto e absorto na leitura – o cronista sempre está com

um livro aberto – ele não deixa de perceber e registrar o que está ao seu redor. E sabe que, como um diretor de cinema, é ele quem determina o enfoque, o enquadramento, os elementos da cena e tudo parte do seu ponto de vista. Não é mera descrição do que está diante de si, mas são as suas impressões da vida, o que lhe interessa e que se escreve com a sua visão de mundo, carga de humor e sarcasmo, ironia. São as suas experiências individuais. Além de observador e narrador, o cronista é personagem, está integrado ao que conta, presente no momento dos fatos, é autor das impressões que registra, e registra porque vive.

Ao contar o que vê, revela como vê. O repórter está em cena. O cronista está na Europa, mas a sua terra natal não sai de perspectiva, é ponto de referência, é o contraponto para as suas observações, é o espaço de resgate das suas memórias, vivências, família e círculo de amizades. Sopra o vento numa tarde em Madri assobiando nos telhados, "e, de repente, confessa o cronista, a memória se desprende para bem longe e pousa num cenário antigo e diferente". O cenário daquele momento é a Fazenda Nova Cruz, dos avós maternos, no Rio Grande do Norte, onde cresceu a infância. Decididamente, Berilo tem a sua geografia sentimental como parte e referência permanente em suas crônicas. É a fazenda, é Natal, é onde vive, é de onde parte o seu olhar para o mundo, seu ponto de referência. O Potengi, a cerveja com peixe frito, a família, os amigos seja cá, seja lá, seus temas estão definidos.

Natal é o seu mundo e é sobre o seu mundo que o cronista escreve. Berilo teve a preocupação de fixar Natal na sua história. A sua proposta de cronista da cidade não arrefece. Distante, é para o jornal de Natal que remete as sua Revista da Europa e é Natal que será lembrada em certos momentos.

A Europa para Berilo começa e termina na Espanha. Uma determinada Espanha que se fixa em Madri, onde o cronista está sediado e parte para incursões nas redondezas. O cronista vai explorar em viagens a região da Andaluzia e algumas de suas cidades. O sul da Espanha é um espaço pleno de ambientação, estamos no mar mediterrâneo de clima quente e úmido como a sua Natal. O cronista deixa Natal no último domingo de setembro, chega a Madri em outubro.

É lá em Madri ou Madrid (as duas formas estão corretas, e o cronista ora usa uma, ora usa outra) que fixa residência pelo período de estudos. É de onde parte para conhecer outras cidades da Espanha, ir também a Paris para o Ano Novo e Lisboa. Madri é o centro da Revista da Europa. Nas suas crônicas estão o vinho, a comida típica, os ciganos, as touradas, a paisagem e o clima, as pessoas nas ruas. As cidades são aquelas em que se anda a pé e se come e bebe pelos bares, em que se anda em grupo, os estudantes do colégio universitário, oriundoss do Brasil, da América Latina. As mulheres, ele as vê por todo canto, e se encanta com a beleza que anunciam.

Os primeiros iberos chegaram a Espanha há mais ou menos três mil anos e deixaram a imagem do touro tomando conta dos caminhos de gado que lá havia. A praça dos touros assim se institui como ponto nevrálgico e central das cidades da Espanha e o toureiro passa a representar a bravura e a sensualidade com seu traje emblemático, disposto para matar ou morrer. A tourada é um ritual que Berilo assiste com desprezo por considerar um excesso de brutalidade. "Fui a uma dessas touradas, escreverá, num certo domingo de outubro, e a conclusão que tirei é que tourada é espetáculo que só espanhol entende e aplaude e que estrangeiro vê por uma curiosidade infantil que todo turista carrega consigo". Para mais adiante confessar: "foi de uma monotonia exemplar, se é que um espetáculo selvagem pode comportar monotonia". Mesmo assim, não deixará de frequentá-las, o cronista entende que não se pode escrever sobre aquilo que não se vive, e não se pode absorver e entender os costumes e paixões de um povo, sem vivenciar seus hábitos.

Para Berilo "tudo se resumiu em uma porção de toureiros sem nenhuma maestria nem arte de que sempre se ouviu falar como dons naturais do bom toureiro, matando sangrenta e primitivamente, meia dúzia de touros". A tourada na Espanha é um espetáculo. O toureiro se mede pelos chifres do touro e começa o balé com a capa, olé, olé, e controla, acua, põe no centro da arena o touro bravo e sanguinolento provocado pelo tecido vermelho que o atiça. O toureiro movimenta os pés e o corpo em passos orquestrados, baila, dança com o touro. A plateia fica em suspense à espera do desfecho. Há touradas por toda Espanha e a que Berilo mesmo

contrariado participara um tanto de vezes para reforçar o seu enfado por aquela manifestação, era despropositada de violência ao animal, mas, um traço profundo e milenar da cultura de Espanha que o cronista não poderia deixar de fixar. A crônica de Berilo não foge ao testemunho, o cronista aponta o espetáculo da tourada, explora o ritual, e não deixa de registrar o seu recado pessoal.

A crônica então é uma viagem cultural pelos lugares e costumes. O embate entre Hemingway, o grande escritor norte-americano, badalado por seus livros de ficção com o tom de reportagem, um vivente da Europa da guerra e do pós-guerra, admirador das touradas, e o toureiro madrilenho Dominguin, era a polêmica do momento. Hemingway acusava de performático o grande toureiro, ao que o Dominguin retrucava. Considerado o maior toureiro da Espanha naquele tempo, admirado e venerado, com flertes e namoros com atrizes badaladas, Ava Gardner e Sophia Loren e tantas outras, dizia: o americano nada entende de touradas. E assim seguia a discussão pela revista Gaceta Ilustrada (1956), uma revista no estilo da Time, Match e da Veja brasileira, celeiro das grandes novidades, semanal, frequentada por grandes. Berilo estava sempre atualizado, lia revistas e jornais da Espanha, também acompanhava a imprensa francesa, e registrava nas notas finais a cada Revista da Europa, um apanhado de novidades.

Havia outras formas de diversão, sobretudo, quando encerravam-se as temporadas. Cinema, teatro, os night clubes e as caves, espécie de bares, onde se bebe vinho, se ouve boa música e todos cantam em clima de confraternização, ali choram os violões, eram os pontos de frequência e encontro de uma cidade festiva em que circulavam a gente do povo, os artistas e os poetas e os espetáculos de dança flamenca que por lei deviam funcionar até às 2h30, enquanto os bares poderiam descer à noite até às 3h30 da manhã. A dança flamenca é típica da Espanha e tradicional na região da Andaluzia. As mulheres dançam, sapateiam, batem as castanholas, o público bate palmas e o violeiro acompanha tudo na sua guitarra (como chamam o violão na Espanha) e ao som do batuque na caixa de percussão. É um espetáculo de balé, em que a dançarina com seu vestido rodado trabalha o movimento das mãos, do corpo, e joga as mãos para o

alto, e vive e interpreta a música como um sentimento, enquanto o violão chora e o sapateado marca o passo. A bailarina, dança, dança, e dança, até que a música termina e os aplausos substituem as palmas.

O cronista recomenda o show do Corral de la Moreria, casa fundada em 1956, ainda em atividade, e deve-se ressaltar é a casa de flamenco mais famosa da Espanha. O espetáculo que Berilo assistiu numa Madri de novembro de 1960, compunha-se de cinco bailarinas e três guitarristas, à mesa, vinho e a comida servida com molhos. Em novembro começa o inverno na Espanha, é preciso se esconder sob os agasalhos e, na fuga ao frio abaixo de zero, chega a ser estar em casa, para o viajante, uma opção tediosa que resolve saindo à rua tão logo suba um pouco a temperatura ou apareça uma proposta de sol. O frio também se resolve com um bom conhaque, um destilado produzido a partir do vinho, bebida forte, entre 40 a 60 por cento de teor alcoólico, tradicional na Espanha, e que tão necessário se faz no inverno que o espanhol o trata por "el sol embotellado", em tradução livre, "sol engarrafado". O inverno de 1960 sucedeu um outono dos mais chuvosos. Só quando o sol retoma e a primavera se anuncia é que o cronista se anima.

Aliás, lhe explica a moça que vende castanhas na Calle de Princesa, uma das ruas de comércio mais movimentadas, um inverno como aquele anuncia uma agradável primavera. O cronista não levava mais que quatro minutos a pé do colégio até ali, colégio este, fundado em 1947, como parte das atividades do Instituto de Cultura Hispânica, integrante da Universidade de Madrid. A Calle de Princesa é uma das principais artérias da cidade, assim denominada em homenagem à princesa das Astúrias, Isabel de Bourbon, nasce na Praça de Espanha, centro histórico da cidade, onde está abrigado o Monumento a Cervantes. Da praça se avistam os edifícios España e Torre de Madrid e de lá se toma caminho para a Gran Via, primeiro pouso do cronista. O cronista logo que chega se abriga numa pensão na Gran Via, artéria conhecida como a Broadway madrilenha, por abrigar teatros, cinemas, hotéis, bares e cafés com seus terraços. A rua, larga, espaçosa, de grandes edifícios. Lá estão, o edifício Coliseum, os teatros Compac Gran Via, Lope de Vega, Rialto, o Cine Capitol, o centro da sua Espanha festiva.

Uma rua com aspecto de avenida bastante movimentada e agitada numa cidade em que se convive com ruas estreitas e antigas que tanto fascinaram Berilo ao flanar pela cidade. O cronista também será visto na taberna Las Cuatro Puertas, onde foi encalhar assim que pousou na cidade, solitário com suas leituras e copo de vinho, nos espetáculos noturnos no Fontana e até na boate El Elefante Blanco e na Plaza de Toros atento aos espetáculos das touradas. A temporada em Madrid era uma festa para o estudante que levava da sua cidade Natal o hábito de viver a vida e a cidade. Após o ano novo em Paris, a volta às aulas e à vida em Madri, o cronista encontra no feriado da Semana Santa a oportunidade, formando um grupo com os colegas brasileiros e estrangeiros do curso, de andar pela região da Andaluzia, sul da Espanha. Na Andaluzia estão as cidades de Córdoba, Sevilha, Málaga e Granada. Uma região histórica, ocupada, no passado, pelos romanos e pelos mouros, cada qual com seu período de dominação, deixando registrada a sua passagem em construções e em influências culturais que permanecem. Cortada pelo rio Guadalquivir, que forma um vale, a Sierra Morena e cordilheiras.

O clima mediterrâneo impera na região da Andaluzia, que se torna lugar de refúgio no inverno, em razão das temperaturas mais amenas e da presença do sol. As praias são badaladas, a proposta turística, e à mesa há fartura de frutos do mar frescos que se serve com vinho branco. A cerveja também é hábito, não só o vinho. Tapas, mariscos e pescados são as delícias da culinária andaluza, sempre acompanhada do vinho. A uva emblemática da Espanha é a Tempranillo, de casca mais grossa e baixa acidez, o nome vem da palavra "tempro", que significa "cedo", pelo fato de que a uva amadurece antes das demais. A Andaluzia é famosa pela produção do Jerez. Jerez, ou fino, como são conhecidos, é um tipo de vinho fortificado e doce, como o vinho do Porto português; Manzanilla é dos mais conhecidos, é dele que se fartará o cronista no seu passeio pela região. O cronista vai se regozijar com o pescaíto (peixe frito e empanado com farinha de chícharo), jamón serrano e gaspacho. E as tapas.

A história das tapas é capítulo primoroso da mesa na Espanha. Nas tabernas, servia-se o vinho com uma fatia de jamón para

cobrir o copo e acompanhar o vinho. A tapa servia para tapar o fino, e qualquer comidinha passou a servir como tapa. O cronista vai se fartar delas com vinho nas mesas de Sevilha. E também se deliciará com os mariscos e pescados do Guadalquivir. Impressiona a presença das mulheres nos bares tomando vinho com os seus maridos e até uma senhora tomava naturalmente a sua cerveja naquela Semana Santa, março de 1961, em Sevilha. Hábito que o cronista adquirirá, será sempre visto com a sua Maria Emília (namorada, noiva e esposa), nos bares da cidade de Natal, tomando o seu vinho, no Granada Bar, avenida Rio Branco, Cidade Alta, Natal, do amigo espanhol Nemésio, e até nas barracas de praia. A vivência na Espanha também veste o cronista de novos hábitos que incorporará à sua vida.

Em Málaga, abril na Espanha, foi visto nas cadeiras da calçada, tomando cerveja (melhor que a de Madri, afirma) com chaquette (peixinhos fritos) que se come aos punhados, depois descerá para a praia de Torremolinos para se regalar com vinho e *puncho moruño* assado na brasa com pimenta, bouquerone frito no azeite e camarões. O cronista em sinestesia com os cheiros, os sabores, a cultura e a história, a experiência viva de uma Espanha que vibra e marcará para sempre a sua formação. Toda viagem é também um processo de transformação do viajante e de autoconhecimento e que fica para sempre impressa nas crônicas, em sua completa função de ser, registrar a vida no momento em que acontece. Berilo foi, viveu e, mais que isso, tomou a crônica como diário e, assim, registrou o perecível da vida, os acontecimentos dos dias que sobrevivem ao seu leitor contemporâneo e que chegam ao futuro como testemunho de um tempo.

Quando retorna da Espanha, pronuncia um discurso em 19 de agosto de 1961, na seção do Instituto de Cultura Hispânica de Natal. O cronista já não é mais o mesmo rapaz que deixou Natal. Volta para o jornal, mas não mais para a Revista da Cidade, escreve agora nos mesmos propósitos uma coluna que assina Jornal de B.W. e pretende novos voos, deseja conquistar o Rio de Janeiro, capital federal naquele tempo, e anuncia a pretensão desejada de escrever para os grandes jornais do país. O cronista estava certo do

seu talento, expertise e conhecimento. A leitura das suas crônicas não deixa outra impressão, havia agora um cronista formado, ciente do seu estilo, senhor dos seus temas e nesta aventura embarca para o Rio de Janeiro em 1962. Mas a aventura carioca não dá pé; na volta, se casa com Maria Emília, torna-se pai de Alexandre, Rômulo, Henrique e Milena, tenta nova aventura em São Paulo, volta à Natal e se estabelece Promotor de Justiça e professor da Faculdade de Jornalismo, escrevendo as suas crônicas todos os dias até o fim. Autoridade em cinema na cidade, fundador da crônica moderna, figura marcante e querida da cidade, subitamente falece em 1979. Acometido por infarto enquanto dormia, aos 45 anos de idade. Berilo foi definitivo por elevar a crônica ao patamar de jornalismo literário e por ter sido assim o maior cronista da cidade.

GUSTAVO SOBRAL é advogado e jornalista, Mestre em Estudos da Mídia (UFRN,2012), autor de "Arquitetura Moderna Potiguar" e outros livros. Organizou com o poeta Paulo de Tarso Correia de Melo, a reedição do livro de contos "*O Solitário Vento do Verão"* de Newton Navarro.

Eça de Queiroz e a culinária portuguesa (2)

Manoel Onofre Jr.

O romance *Os Maias* é considerado por muitos estudiosos a obra-prima de Eça. Alguns críticos, em menor número, dão a primazia a *O Primo Basílio*, e ainda outros, encantados com os primores estilísticos do autor, preferem *A Cidade e as Serras*. Certo é que *Os Maias* constitui-se no trabalho mais ambicioso do grande ficcionista – a obra que mais exigiu da sua capacidade de fabulação e do seu engenho na construção da narrativa e dos personagens.

Um vasto painel da alta-sociedade lisboeta em determinados períodos do século XIX, tendo, no enredo, como *piéce de resistence*, um caso de incesto : Carlos da Maia, jovem e diletante médico, neto querido do fidalgo Afonso da Maia, senhor do "Ramalhete", apaixona-se por uma bela mulher, Maria Eduarda, mas vem a descobrir, tardiamente, que ela é sua irmã. E em tudo se faz presente o espirito crítico, por vezes irreverente e cáustico, do autor.

Assim se define, de modo simplista, essa obra inigualável, verdadeira culminância do Realismo em língua portuguesa.

Curiosamente, não é nas suas páginas que se encontra o Eça gastrônomo por excelência. Ao longo dos dois alentados volumes, que compõem o livro, surgem apenas sete referências à culinária portuguesa típica, além da mencionada linhas atrás a respeito dos ovos moles de Aveiro. Não é muita coisa se comparada à fartura de acepipes descritos em *A Cidade e as Serras*, obra bem menos extensa.

De saída há em *Os Maias* uma passagem bem humorada, em que se destacam duas especialidades da cozinha lusitana : as queijadas e o bacalhau.

São famosas as queijadas de Sintra. Ainda hoje, turistas que visitam aquela serra paradisíaca, nos arredores de Lisboa, não deixam de se deliciar com essa guloseima feita com farinha de trigo, leite, ovos, queijo e açúcar.

Quando o personagem Cruges vai a Sintra, em companhia de Carlos da Maia, na hora da partida, "uma voz esganiçada de mulher gritou-lhe de cima" (do primeiro andar de sua casa):

"-Olha, não te esqueçam as queijadas."

Em Sintra os dois amigos passeiam, conversam, desfrutam as belezas serranas, mas , em dado momento, Cruges exclama:

"-Diabo! É necessário que não me esqueçam as queijadas!"

Mais passeios, mais conversas, e encontram o amigo Alencar, festejado poeta da velha guarda, romântico empedernido, que, após cumprimentá-los com efusão, convida-os:

"...vou-me entender lá abaixo à cozinha da velha Lawrence, e preparar-vos um " Bacalhau à Alencar", récipe meu... E vocês verão o que é um bacalhau !Porque, lá isso, rapazes, versos os farão outro melhor; bacalhau, não!"

E fartam-se de bacalhau e de Sintra.

Na volta, já dentro do *break* (carro de tração animal) (1), que os levaria a Lisboa

"-Com mil raios! – exclamou de repente o Cruges, saltando de dentro da manta, com um berro que emudeceu o poeta, fez voltar Carlos na almofada, assustou o trintanário (2).

"O *break* parara, todos olhavam suspensos; e, no vasto silêncio da charneca, sob a paz do luar, Cruges, sucumbido, exclamou:

"- Esqueceram-me as queijadas!

Páginas adiante, João da Ega, o amigo e confidente de Carlos da Maia, vindo de Sintra, depara-se, numa das salas do "Ramalhete", com Carlos e sua amada Maria Eduarda. Surpreso com a presença da mulher, ali, no solar dos Maias

"Ega ia largar atarantadamente o embrulho, para apertar a mão que Maria Eduarda lhe estendia, corada e sorrindo. Mas o papel pardo, mal atado, desfez-se; e uma provisão fresca de queijadas de Sintra rolou, esmagando-se, sobre as flores do tapete. Então todo o embaraço findou através de uma risada alegre – enquanto o Ega, desolado, abria os braços sobre as ruínas do seu doce.

"- Tu já jantaste? – perguntou Carlos.

"Não, não tinha jantado. E via já ali uns ovos moles nacionais que o encantavam, enfastiado como vinha da horrível cozinha do Vítor. Oh ! que cozinha! Pratos, traduzidos do francês em calão como as comédias do Ginásio!"

Note-se que, embora citando, ao longo do seu romance, vários pratos da culinária francesa (3), Eça gostava mesmo era das comidas da sua terra.

Em outra passagem de *Os Maias*, quando Ega diz que, talvez, vá a Sintra, Carlos recomenda-lhe:

"...E tu, se fores, traz-me umas queijadas para a Rosa, que ela gosta!..."

-0-

O arroz-doce, "grande acepipe nacional", não poderia faltar num jantar oferecido a Maria Eduarda pelo seu amado:

"A mesa redonda e pequena, parecia uma cesta de flores; o champanhe gelava dentro dos baldes de prata; no aparador a travessa de arroz-doce tinha as iniciais de Maria."

"E Carlos, alegremente, anunciou um jantar à portuguesa". Mr. Antoine, o chef francês, fora com o avô. Ficara a Micaela, outra cozinheira da casa, que ele achava magnifica, e que conservava a tradição da antiga cozinha freirática do tempo do Sr. D. João V.

"- Assim, para começar, minha querida Maria, aí tens tu um caldo de galinha, como se comia em Odivelas, na cela de madre Paula, em noites de noivado místico..."

-0-

Num restaurante de Lisboa, Ega foi almoçar, ainda abalado com a revelação do parentesco entre Carlos e Maria Eduarda.

"O bife era excelente – e depois de uma perdiz fria, de um pouco de doce de ananás, de um café forte, Ega sentiu adelgaçar-se, enfim, aquele negrume que desde a véspera lhe pesava na alma."

Esta é, aliás, a segunda alusão ao ananás (abacaxi), que, à época da ação romanesca, devia ser fruta exótica, rara e cara.

Na quinta dos Olivais, junto a Maria e Ega, "Carlos ria, preparando numa travessa o ananás com sumo de laranja e vinho da Madeira" (...) Conversavam animadamente.

"Mas o Domingos servia o ananás. E o Ega provou e rompeu em clamores de entusiasmo. Oh! que maravilha! Oh! que delicia!"

-0-

Encontrando-se, tempos depois, no Chiado (4), com os amigos Alencar e Cruges, Carlos convida-os a jantar.

"Tenho um jantarinho à portuguesa que encomendei de manhã, com cozido, arroz de forno, grão-de-bico, etc., para matar saudades..."

Um dos pratos mais afamados da cozinha típica portuguesa – o cozido. Nele entram, em profusão, carnes bovina e suína, legumes, verduras, e especialmente, embutidos – chouriço, paio, etc. -; isto o diferencia do cozido à brasileira. Diga-se que não vem acompanhado de pirão, como o nosso.

-0-

Já numa das páginas finais de *Os Maias* , Carlos, havendo retornado a Lisboa, após longa ausência,revê a sua cidade em companhia do amigo Ega. Trocam ideias, formulam " teorias" sobre o sentido da vida, falam de Portugal e dos seus males, e tudo veem com um olhar extremamente crítico. De repente, Carlos teve um largo gesto de contrariedade:

"- Que ferro! E eu que vinha desde Paris com este apetite ! Esqueci-me de mandar fazer hoje, para o jantar, um grande prato de paio com ervilhas".

Esse anseio pela culinária típica talvez fosse, também, do próprio Eça, que morou, longos anos, em Paris, mas nunca cortou os laços com a sua terra.

NOTAS.

1-*Break (*breque). "Carruagem de quatro rodas com um assento alto adiante e ordinariamente dois bancos atrás longitudinais e fronteiros um ao outro" (*Lello Universal – Dicionário Enciclopédico Luso- brasileiro.* Vol. I – p.387- Porto: Lello & Irmão Editores, sem data).

2-Trintanário. " Criado que senta na carruagem ao lado do cocheiro e que abre a portinhola, entrega bilhetes de visita, etc." (Ob. cit. Vol. IV,p. 1076).

3- *Sole normande, jambóm aux épinards, poulet aux champignons, galantine*.

4- Chiado – bairro de Lisboa; um dos recantos mais elegantes da cidade à época da ação romanesca (e ainda hoje).

MANOEL ONOFRE JR. é escritor, autor de "Chão dos Simples", "Ficcionistas Potiguares" e outros livros, ocupante da cadeira nº 5 da Academia Norte-rio--grandense de Letras.

Gonçalves Dias, expoente do romantismo brasileiro

Horácio Paiva

O encontro me remete a um tempo pessoal já antigo: 1965, quando eu tinha 19 anos, na casa de meu irmão Daltro, em Macau, no calor da tarde, antes do vento Nordeste soprar. Ali encontrei o romântico Gonçalves Dias, emocionado e inspirado (algo, aliás, próprio dos românticos), no torvelinho estético da dor e da poesia em que se envolvera, ao relembrar a paixão amorosa de sua juventude, podada pelo destino, e com maestria exposta em seu notável poema "Ainda uma vez - adeus!", que Daltro declamava com ávido entusiasmo.

Trata-se de poema dos mais belos e também dos mais vivos do romantismo latino-americano. Algo prosaico, confessional, e sobretudo humano, confere-lhe ares de modernidade.

Claro, não foi o primeiro Gonçalves Dias que vi, pois já conhecera o da "Canção do Tamoio" (quase uma oração de otimismo e força) e o da "Canção do Exílio" (quase um hino - e estando, de fato, algumas de suas expressões no Hino Nacional), e vários outros, desde remotíssimos tempos escolares. Já se chegou a dizer que a "Canção do Exílio" é o maior fenômeno de intertextualidade da cultura brasileira, tal o número de produções sequenciais que gerou. Tais poemas citados - aos quais acrescento "I – Juca-Pirama" (*"o que será morto"*, considerado a expressão máxima da poesia indianista) e "O Canto do Piaga" -, todos belos, tratando de povo e terra pátria, têm a natureza do romantismo social, segmento da escola romântica tão ao gosto dos italianos e também explorado por outro grande poeta nacional, o baiano Castro Alves - com as cores da política e do protesto.

Com efeito, duas vertentes jorram da sensibilidade estética de Gonçalves Dias, ambas de águas límpidas, mas torrenciais: uma, épica, social, nacional, indianista e naturalista, que exalta e defende

o povo originário - os Índios - e a natureza exuberante do Brasil tropical, da qual os mencionados poemas são exemplos; outra, amorosa, íntima, sentimental, individualista.

Pérolas desse romantismo intimista, lírico, autobiográfico e emocional (cujo subjetivismo constitui a sua característica emblemática, por vezes chegando a definir o cerne da própria escola) são, sem dúvidas, os seus poemas "Olhos verdes", "Não me deixes" e "Ainda uma vez - adeus!". Este último, especialmente, que traduz episódio dos mais intensos de sua vida - quando o poeta sentiu *a mão pesada e dura do áspero destino*, como diria José Albano -, chega a resultado lírico dos mais sublimes. Ao final desta resenha, transcrevo nota do poeta e tradutor Onestaldo de Penafort, redigida sobre o assunto, a pedido de Manuel Bandeira.

Nasceu Antônio Gonçalves Dias em 10 de agosto de 1823, no sítio Boa Vista, Município de Caxias, Maranhão, e faleceu em 3 de novembro de 1864 (aos 41 anos), tragicamente, quando retornava da Europa, no naufrágio do navio Ville de Boulogne, na costa daquele Estado (mais precisamente no baixio dos Atins, em frente à Ponta da Boa Vista, perto de Tutóia). Foi, aliás, o único a morrer nesse naufrágio: esquecido em seu leito, agonizante, com a tuberculose em fase avançada, afogou-se.

Era filho de pai branco e mãe índia, ou cafusa (mestiça de africano, negro, com índio). Seu pai, o comerciante português João Manuel Gonçalves Dias, se refugiara com a amante, Vicência Ferreira, no sítio onde nasceu o poeta, para escapar a perseguições políticas de nacionalistas radicais. Nunca legalizou essa união conjugal, encerrada por ele, que se casou com outra mulher. Não obstante, manteve a guarda do filho, afastado assim da mãe com apenas 6 anos de idade. Anos depois, havendo-lhe morrido o pai, o poeta contou com o apoio da madrasta, que o mandou estudar em Portugal. Ali, na histórica Universidade de Coimbra, concluiu seu curso de Direito, retornando ao Brasil em 1845. O período passado em Portugal foi sobremodo importante para sua formação. Além do curso universitário que fez, estudou língua e literatura de vários países: França, Inglaterra, Alemanha, Espanha, Itália. E teve contato com diversos escritores do romantismo português, entre

eles Alexandre Herculano, Almeida Garrett, Feliciano de Castilho. Também em Coimbra escreveu os "Primeiros Cantos", parte dos "Segundos Cantos" e, em 1843, aquele que viria a ser o seu poema mais famoso e mais reproduzido e conhecido em nosso País: a "Canção do Exílio".

De volta ao Brasil, exerceu diversos cargos públicos, desde professor de Latim e História do Brasil no renomado Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, oficial da Secretaria de Negócios Estrangeiros (o que lhe deu novas oportunidades de viagens ao exterior) a membro da Comissão Científica de Exploração.

Mesmo nesta *apertada* síntese biográfica, não pode faltar a citação desses episódios escritos pela mão do destino e que marcaram o poeta, servindo-lhe como tema do célebre poema do adeus: seu encontro e paixão imediata por Ana Amélia Ferreira do Vale, em 1851, no Maranhão, e, no ano seguinte, 1852, a rejeição, pelos pais dela, do pedido de casamento, motivada pela origem bastarda e mestiça do poeta.

Voltando ao Rio, nesse mesmo ano de 1852, casou com Olímpia Carolina da Costa. Mas não foi feliz: separaram-se em 1856. Tiveram uma única filha, que morreu ainda na primeira infância.

Produziu extensa obra literária.

Além de poeta, teatrólogo, romancista, etnógrafo, historiador, advogado, professor, exerceu o jornalismo.

Estudioso do Tupi, escreveu um dicionário: o "Dicionário da Língua Tupi", impresso em Leipzig, Alemanha, pela editora Brockhaus, em 1858.

Como poeta, publicou: "Primeiros Cantos" (1846), "Segundos Cantos" (1848), "Últimos Cantos" (1851), "Os Timbiras" (1857), "Cantos" (1857). Após sua morte, são publicados os poemas então inéditos de "Lira Vária", em 1869. À exceção de "Os Timbiras" e "Cantos", editados em Leipzig, os demais o foram no Rio de Janeiro.

Eis o seu memorável poema *"AINDA UMA VEZ - ADEUS!"*, que precede a *NOTA* desta resenha:

Ainda uma vez — Adeus!

I
Enfim te vejo! — enfim posso,
Curvado a teus pés, dizer-te,
Que não cessei de querer-te,
Pesar de quanto sofri.
Muito penei! Cruas ânsias,
Dos teus olhos afastado,
Houveram-me acabrunhado
A não lembrar-me de ti!

II
Dum mundo a outro impelido,
Derramei os meus lamentos
Nas surdas asas dos ventos,
Do mar na crespa cerviz!
Baldão, ludíbrio da sorte
Em terra estranha, entre gente,
Que alheios males não sente,
Nem se condói do infeliz!

III
Louco, aflito, a saciar-me
D'agravar minha ferida,
Tomou-me tédio da vida,
Passos da morte senti;
Mas quase no passo extremo,
No último arcar da esp'rança,
Tu me vieste à lembrança:
Quis viver mais e vivi!

IV
Vivi; pois Deus me guardava
Para este lugar e hora!
Depois de tanto, senhora,
Ver-te e falar-te outra vez;
Rever-me em teu rosto amigo,
Pensar em quanto hei perdido,
E este pranto dolorido
Deixar correr a teus pés.

V
Mas que tens? Não me conheces?
De mim afastas teu rosto?
Pois tanto pôde o desgosto
Transformar o rosto meu?
Sei a aflição quanto pode,
Sei quanto ela desfigura,
E eu não vivi na ventura...
Olha-me bem, que sou eu!

VI
Nenhuma voz me diriges!...
Julgas-te acaso ofendida?
Deste-me amor, e a vida
Que me darias — bem sei;
Mas lembrem-te aqueles feros
Corações, que se meteram
Entre nós; e se venceram,
Mal sabes quanto lutei!

VII
Oh! se lutei! . . . mas devera
Expor-te em pública praça,
Como um alvo à populaça,
Um alvo aos dictérios seus!
Devera, podia acaso
Tal sacrifício aceitar-te
Para no cabo pagar-te,
Meus dias unindo aos teus?

VIII
Devera, sim; mas pensava,
Que de mim t'esquecerias,
Que, sem mim, alegres dias
T'esperavam; e em favor
De minhas preces, contava
Que o bom Deus me aceitaria
O meu quinhão de alegria
Pelo teu, quinhão de dor!

IX
Que me enganei, ora o vejo;
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime;
Não te esqueci, eu to juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e glória por te amar!

X
Tudo, tudo; e na miséria
Dum martírio prolongado,
Lento, cruel, disfarçado,
Que eu nem a ti confiei:
"Ela é feliz (me dizia),
"Seu descanso é obra minha."
Negou-me a sorte mesquinha. . .
Perdoa, que me enganei!

XI
Tantos encantos me tinham,
Tanta ilusão me afagava
De noite, quando acordava,
De dia em sonhos talvez!
Tudo isso agora onde pára?
Onde a ilusão dos meus sonhos?
Tantos projetos risonhos,
Tudo esse engano desfez!

XII
Enganei-me!... — Horrendo caos
Nessas palavras se encerra,
Quando do engano, quem erra
Não pode voltar atrás!
Amarga irrisão! reflete:
Quando eu gozar-te pudera,
Mártir quis ser, cuidei qu'era...
E um louco fui, nada mais!

XIII
Louco, julguei adornar-me
Com palmas d'alta virtude!
Que tinha eu bronco e rude
Co'o que se chama ideal?
O meu eras tu, não outro;
Stava em deixar minha vida
Correr por ti conduzida,
Pura, na ausência do mal.

XIV
Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu, outro fora,
Pensar que te vejo agora,
Por culpa minha, infeliz;
Pensar que a tua ventura
Deus ab eterno a fizera,
No meu caminho a pusera...
E eu! eu fui que a não quis!

XV
És d'outro agora, e pr'a sempre!
Eu a mísero desterro
Volto, chorando o meu erro,
Quase descrendo dos céus!
Dói-te de mim, pois me encontras
Em tanta miséria posto,
Que a expressão deste desgosto
Será um crime ante Deus!

XVI
Dói-te de mim, que t'imploro
Perdão, a teus pés curvado;
Perdão!... de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão da minha miséria,
Da dor que me rala o peito,
E se do mal que te hei feito,
Também do mal que me fiz!

XVII
Adeus qu'eu parto, senhora;
Negou-me o fado inimigo
Passar a vida contigo,
Ter sepultura entre os meus;
Negou-me nesta hora extrema,
Por extrema despedida,
Ouvir-te a voz comovida
Soluçar um breve Adeus!

XVIII
Lerás porém algum dia
Meus versos d'alma arrancados,
D'amargo pranto banhados,
Com sangue escritos; — e então,
Confio que te comovas,
Que a minha dor te apiede,
Que chores, não de saudade,
Nem de amor, — de compaixão.

-0-

Nota redigida por Onestaldo de Penafort, a pedido de Manuel Bandeira:

"A poesia "Ainda uma vez - adeus!", bem como as poesias "Palinódia" e "Retratação", foram inspiradas por Ana Amélia Ferreira do Vale, cunhada do Dr. Teófilo Leal, ex-condiscípulo do poeta em Portugal e seu grande amigo. Gonçalves Dias viu-a pela primeira vez em 1846 no Maranhão. Era uma menina quase, e o poeta, fascinado pela sua beleza e graça juvenil, escreveu para ela as poesias "Seus olhos" e "Leviana". Vindo para o Rio, é possível que essa primeira impressão tenha desaparecido do seu espírito. Mais tarde, porém, em 1851, voltando a S. Luís, viu-a de novo, e já então a menina e moça de 46 se fizera mulher, no pleno esplendor de sua beleza desabrochada. O encantamento de outrora se transformou em paixão ardente, e, correspondido com a mesma intensidade de sentimento, o poeta, vencendo a timidez, pediu-a em casamento à família. A família da linda Don'Ana - como lhe chamavam - tinha o poeta em grande estima e consideração. Mais forte, porém, do que tudo, era naquele tempo no Maranhão o preconceito de raça e casta. E foi em nome desse preconceito que a família recusou o seu consentimento. Por seu lado, o poeta, colocado diante das duas alternativas: renunciar ao amor ou à amizade, preferiu sacrificar aquela a esta, levado por um excessivo escrúpulo de honradez e lealdade, que revela nos mínimos atos de sua vida. Partiu para Portugal. Renúncia tanto mais dolorosa e difícil por que a moça que estava resolvida a abandonar a casa paterna para fugir com ele, o exprobou em carta, dura e amargamente, por não ter tido a coragem de passar por cima de tudo e de romper com todos para desposá-la! E foi em Portugal, tempos depois, que recebeu outro rude golpe: Don'Ana, por capricho e acinte à família, casara-se com um comerciante, homem também de cor como o poeta e nas mesmas condições inferiores de nascimento. A família se opusera tenazmente ao casamento, mas desta vez o pretendente, sem medir considerações para com os parentes da noiva, recorreu à justiça, que lhe deu ganho de causa, por ser maior a moça. Um mês depois falia, partindo com a esposa para Lisboa, onde o casal che-

gou a passar até privações. Foi aí, em Lisboa, num jardim público, que certa vez se defrontaram o poeta e a sua amada, ambos abatidos pela dor e pela desilusão de suas vidas, ele cruelmente arrependido de não ter ousado tudo, de ter renunciado àquela que com uma só palavra sua se lhe entregaria para sempre. Desvairado pelo encontro, que lhe reabrira as feridas e agora de modo irreparável, compôs de um jato as estrofes de "Ainda uma vez - adeus!", as quais, uma vez conhecidas da sua inspiradora, foram por esta copiadas com o seu próprio sangue."

HORÁCIO PAIVA é advogado poeta e escritor, autor de "Navio Entre Espadas" e outros livros.

Rebarbativo, não. Passional!

Jarbas Martins

Não poderia deixar de falar de um velho amigo, MOACY CIRNE, que conheci aos 17 anos, vindo do Sertão de Caicó para morar em Natal.

Na mesma idade, construímos nossa amizade, respeitando nossas diferenças e semelhanças. As primeiras bem mais marcantes e visíveis.

Somente agora, quando ele partiu, é que tenho consciência dessa fenda, ferindo-nos eternamente, esse racha, esses encontrões. Ele se dizendo ateu e eu cristão. Ambos procurando um sentido para a vida. Ele lendo Sartre e eu o existencialismo católico. Eu Vasco, ele Fluminense. Foi aí que entrou o diálogo entre marxistas e cristãos, João XXIII e Kruschev se entendendo. Ingressei na Ação Popular e ele, já no Rio de Janeiro, ingressou no Partido Operário Comunista, uma dissidência trotskista. Mas antes da angústia existencial, bem antes de Marx, Gramsci, O Livro Vermelho de Mao Tsé Tung, a guerrilha de Che Guevara, havia o amor pela arte poética, amamentadora, de peitos magros, de todas as artes.

Moacy incursionava, a contrapelo dos cânones, pela Teoria Literária, Cinema, Futebol, a Vida. Detestava os hábitos burgueses, o capitalismo, o cinema hollywoodiano, rendendo-se porém ao faroeste, o signo mais irrefutável do imperialismo norte-americano. Tempos depois, trocaria John Ford por Sérgio Leone, o macarrônico diretor de bang-bangs. Detestava as academias,o academismo talvez fosse melhor dizer. Largou o curso de Direito, da faculdade da UFRN, onde estudávamos, alegando que pouco tinha a aprender naquele curso. No Rio ingressou na Revista Vozes, onde foi editor e publicou importantes livros, angariando prêmios ("História e crítica dos quadrinhos brasileiros" (1990), premiado em Cuba com o troféu La Palma Real. Laureado, em 2000, com o Troféu Angelo Agostini, de São Paulo). Ficou mais conhecido por integrar

o movimento vanguardístico do Poema Processo, ao lado de Wlademir Dias-Pino, Álvaro de Sá e outros. Foi um dos fundadores do PT, nunca renegando seu ideário. Mesmo quando abandonou a militância política. Na última conversa que tivemos, disse estar satisfeito com os rumos que o seu partido tomava. E mais: falou que José Dirceu fazia parte da história do PT e do país. Moá, apelido criado carinhosamente pelos seguidores do seu blog Balaio Incomum, nunca se graduaria em Universidade nenhuma. Foi convidado para ensinar na Universidade Federal Fluminense em Niterói, levando-se em conta o seu "notório saber"- título que lhe foi outorgado pela Universidade onde lecionava e onde chegou a ser Chefe do Departamento de Comunicação Social. Nunca se afastou do Rio Grande do Norte, principalmente da Região do Seridó. A paixão foi o seu método, para chegar aonde queria: o Comunismo ou a Terra de São Saruê, a utópica pátria dos sertanejos, segundo os cordéis de feira dos pobres camponeses.Tinha costumes simples. Com sua barba podia ser confundido com Marx, um profeta sertanejo de Caicó, ou de Canudos.Havia,claro, os reacionários e preconceituosos que o detestavam. Eu, parodiando Lafargue, chamava-o de Jeová Barbudo de Caicó.Rebarbativo, não. PASSIONAL!!!

JARBAS MARTINS é Promotor de Justiça aposentado, poeta e escritor, autor de "Contracanto", "14 versus 14" e outras obras. Membro da Academia Norte--rio-grandense de Letras.

Veríssimo de Melo, um missivista

Michelle Paulista

O traço mais notório da correspondência de Veríssimo de Melo talvez seja sua qualidade intelectual, bem como seu empenho em valorizar e registrar as manifestações folclóricas do Rio Grande do Norte. Dois aspectos, particularmente, nos saltam aos olhos, em se tratando de Veríssimo: sua atuação como folclorista e antropólogo (grande nome na criação do Instituto de Antropologia, hoje Museu Câmara Cascudo) e a valorização da obra de Jorge Fernandes. Foi um pesquisador das tradições e da cultura popular do Estado; intelectual que colecionou cargos importantes, tais como a Secretaria da Academia Norte-rio-grandense de Letras e a presença no Conselho Estadual de Cultura.

Veríssimo de Melo ou *Vivi*, como era tratado na intimidade, nasceu em Natal em 1921, ano anterior à Semana de Arte Moderna de 1922, pois. Não teria, em princípio, recebido influência direta do movimento modernista em sua produção literária. No entanto, revela traços da vertente modernista pelo fato de sua obra ter se ocupado relevantemente de aspectos etnográficos, com grande interesse nas questões antropológicas e folclóricas, que valorizariam as características locais, perceptíveis na nossa literatura.

Sobre as cartas de Veríssimo, é possível, por meio de uma leitura preliminar, destacar nos enredos aspectos voltados ao estudo das tradições populares, da pesquisa engajada dos aspectos folclóricos das terras potiguares, bem como as reverberações na escrita de tendências historiográficas.

Certamente, a obra com viés de pesquisa literária e etnográfica de Veríssimo vem muito de sua condição de missivista, uma vez que ele se relacionava com autores diversos por meio de cartas, tratando dos mais distintos assuntos.

As cartas nos abrem portas e nos permitem conhecer os bastidores da política, os jogos de poder, indicações de cargos etc. Por

elas, também é possível a qualquer um ensaiar o seu lado "psicólogo", "leitor de perfis", pois nos diálogos travados, é possível conhecer um pouco de cada indivíduo que se deixa "ler" nas laudas das correspondências, entre linhas e palavras, num tom informal: o das cartas.

Embora datadas, as cartas trazem em si algo de atemporal, característica peculiar do texto literário; isto, claro, se entendermos a leitura das cartas como um processo de percepção da realidade, envolvendo fatores emocionais, sensoriais e racionais.

O gênero carta permite enxergar um autor na sua instância mais pessoal. Entretanto, é fundamental atentar para o contexto de produção e as relações existentes entre os interlocutores. Em suma, fazer "bom uso" das cartas.

Ainda no que se refere às cartas, ao lê-las, percebe-se uma certa aura de suspense, ideia de expectativa: pode-se esperar dias pela chegada de uma carta, o que se opõe ao imediatismo das mensagens de correio eletrônico e das redes sociais da contemporaneidade.

Contudo, o tom pessoal das cartas e uma provável ineficácia de circulação (em comparação ao *e-mail*, por exemplo) não são suficientes para tirar-lhes a representatividade que ostentam no que se refere à cultura de uma época, visto que a reflexão crítica não se abstém, necessariamente, da subjetividade, principalmente em se tratando de missivistas que têm relações aproximadas de amizade.

Cartas geralmente são impregnadas de teor pessoal, como já pontuamos, ainda que sejam produzidas para tratar de assuntos relativos a negócios, política ou cultura. Os interlocutores sempre mantêm uma relação amistosa e tal característica aparece evidente nas alusões a episódios vividos em comum ou mesmo a parentes (esposa, filhos).

Como já exposto, as cartas trazem uma fortuna de subjetividades diversas, expressas ora na disposição gráfica (manuscritas), ora no teor que apresentam – ainda que tratem de assuntos distintos dos pessoais.

AS CARTAS DE OSWALDO LAMARTINE

Não sem muita resistência do próprio Oswaldo, em 1995, Veríssimo de Melo reuniu em um livro as "Cartas e cartões de Oswaldo Lamartine", publicação feita pela Fundação José Augusto. Nas palavras do próprio Veríssimo, Oswaldo teria sido o maior entre os escritores potiguares contemporâneos.

A resistência de Oswaldo em ter suas correspondências publicadas justifica a seguinte explicação por parte de Veríssimo: *Estamos escrevendo para o futuro. Trata-se de contribuição nossa ao conhecimento da figura humana e do intelectual Oswaldo Lamartine de Faria – quer ele queira quer não – que será amanhã motivo de indagações, pesquisas e estudos.*

De fato, muitos pesquisadores têm-se voltado para o estudo da correspondência de autores, em busca de vestígios culturais e literários que expliquem ou dialoguem com uma tradição que se reinventa, no presente.

O conjunto da correspondência de Oswaldo Lamartine é um tratado etnográfico do sertão potiguar, com vieses folclóricos e humanistas. Temas de interesse regionais, fauna, flora e tradições sertanejas; bom e refinado humor, estilo esmerado sem perder a simplicidade, composições e arranjos linguísticos: é diverso o conjunto de questões tratadas nas correspondências *lamartinianas.*

Por fim, alguns fragmentos da correspondência de Lamartine nos quais as temáticas supracitadas encontram exemplificação:

E que neste 1965/ Deus lhe guarde:/Da água, / E de ladeira acima – o fogo. / Do homem assinalado/ e da mulher do papo encarnado. / Do indivíduo caviloso/ e de baba de raivoso. / Dos sentimentos mesquinhos/ e de pote que não esfria. / E das três palavras de castigo: "Esteja preso! "/ "Eu vos declaro marido e mulher: " / "e Jesus vai contigo. " (30 de outubro de 1988).

MICHELLE PAULISTA é professora de Língua Portuguesa e Literatura das redes estadual e municipal de Natal e doutoranda pelo PPgEL/UFRN

Tarcísio Gurgel:

50 anos de atividades literárias

Thiago Gonzaga

Em 1966, a literatura potiguar fez surgir dois dos nossos principais escritores, através da primeira antologia de contos potiguares organizada por Nei Leandro de Castro, *Contistas Norte-rio--grandenses,* que, na época, além de autores mais experientes como Afonso Bezerra, Peregrino Júnior, José Bezerra Gomes e Newton Navarro, revelou dois jovens que eram promessas e hoje fazem parte do cânone literário potiguar, coincidentemente como ficcionistas e pesquisadores: Tarcísio Gurgel e Manoel Onofre Jr, este último, inclusive, tendo estreado dois anos antes, com o livro *Serra Nova* (1964).

O *boom* ,no conto, que foi um fenômeno nacional, chegaria ao Estado, a partir dos anos 70, com a publicação de vários livros, como por exemplo, *Os Mortos São Estrangeiros* de Newton Navarro, *Os de Macatuba* de Tarcísio Gurgel, *A Primeira Feira de José* de Manoel Onofre Jr., *A Noite Mágica* de Francisco Sobreira, *Os Deserdados da Chuva* de Eulício Farias de Lacerda, *Cada Cabeça uma Sentença* de Socorro Trindad, e trouxe uma multiplicidade estética sólida para a nossa literatura. Ao contrário da poesia que jorrava em todas as esquinas do Rio Grande do Norte, o nosso conto discretamente evoluiu, porém de modo extremamente positivo, e tem sido, como já observamos, um dos mais relevantes entre os gêneros literários, no Estado, pela dinâmica e qualidade literária que revela. Portanto, se até o século passado a literatura norte-rio-grandense era conhecida principalmente pela sua tradição poética, é válido considerar que houve uma mudança significativa nesta virada do milênio.

Dois dos escritores citados, Tarcísio Gurgel e Manoel Onofre Jr,. foram os que mais se dedicaram ao longo desses anos, a tentar registrar e divulgar nossa literatura para as novas gerações.

Queremos nesta oportunidade enfocar a obra de Tarcísio, por estar comemorando, em 2016, 50 anos da sua estreia, quando surgiu na Antologia já referida.

Nei Leandro de Castro comenta, em seu livro, que á época, meados dos anos 60, Tarcísio Gurgel participava ativamente do movimento teatral de bases ousadas e renovadoras no Estado. E confirma que datava de pouco tempo a estreia do jovem autor mossoroense na literatura, com publicações de contos nos jornais da capital. Mas, enfocou que o seu surgimento o deixava entre os melhores contistas de sua época.

Tarcísio Gurgel dos Santos nasceu em Mossoró (RN), e através da ficção, da pesquisa e da sua atuação como professor, tornou-se um dos autores mais conhecidos do Estado. Graduado em Comunicação Social pela UFRN, possui Mestrado em Literatura pela PUC-RIO e Doutorado em Estudos da Linguagem pelo Programa em Pós-Graduação de Estudos da Linguagem da UFRN. Foi professor no Departamento de Letras, inclusive lecionou a disciplina Literatura Potiguar. Morou no Rio de Janeiro, trabalhou no Jornal do Brasil, voltou a Natal, para gerenciar a Livraria Universitária. Aprovado no vestibular da UFRN começou a cursar Comunicação Social, e foi nomeado Diretor Cultural da Fundação José Augusto pelo então Presidente , o poeta Sanderson Negreiros. Além disso editou o segundo caderno da Tribuna do Norte, e tempos depois, o Contexto suplemento cultural de A República. No inicio dos anos noventa, foi Pró-reitor de Assuntos Estudantis da UFRN .Atualmente presta assessoria no Gabinete da Reitoria da UFRN.

Tarcísio Gurgel nos relatou, em entrevista para o livro *Impressões Digitais, vol. 2,* que, entre suas primeiras leituras, figuram *As Aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain, *A Volta ao Mundo em Oitenta Dias*, de Júlio Verne (adaptação para o público infanto-juvenil) e os romances de José de Alencar. "É possível que tenham me influenciado. Mas o chamado romance regionalista de 30 é que definitivamente fez minha cabeça nordestina" – disse ele. E comentou da importância do irmão Deífilo Gurgel em sua vida. "Certamente, nos saraus da casa do meu irmão Deífilo Gurgel, onde morei por pouco mais de um ano, que me apresentou à obra de Zila Mamede,

de Jorge Fernandes, de José Bezerra Gomes, de Miguel Cirilo – que de vez em quando aparecia, e era uma festa". – E ainda afirmou: "O primeiro livro que de fato, me empolgou foi o *Livro de Poemas de Jorge Fernandes.*"

O primeiro livro de sua autoria *Os de Macatuba*, recebeu o Prêmio Câmara Cascudo de 1973, e é um marco da ficção potiguar. Esta importante obra da nossa literatura foi objeto de um longo estudo da professora e ensaísta Irma Chaves no livro *O Jogo da Criação* (1984), além de ter vários de seus contos analisados em TCCs e ensaios universitários.

Para Irma Chaves: "Território da ideologia, a cidade imaginária de Tarcísio Gurgel é uma realidade verbal que enfatiza até à exaustão a precariedade de qualquer linguagem que não seja a do poder ou que não a reduplique. Isto indica uma relação complexa da literatura com o real".

Para o crítico literário Gilberto Mendonça Telles, os contos de *Os de Macatuba* formam um tipo especial de narrativas-quadro: estão semântica e estruturalmente enquadrados no tema geral da cidade, como se percebe, aliás, no próprio titulo do livro. "É como se fosse um romance segmentado em episódios [...] A disposição dos contos no livro obedece, antes, a uma ordem técnica que faz com que a leitura deles, do primeiro ao último, crie a ilusão de um duplo movimento: o de um passeio pelas ruas de Macatuba e, ao mesmo tempo, o da tomada de consciência dos seus problemas humanos".

No ano de 1978, Tarcísio Gurgel publicou seu segundo livro de contos, *O Eterno Paraíso*, fruto de sua euforia, devido ao bom acolhimento do primeiro livro, e segundo o próprio autor, não se saiu tão bem como no primeiro, de modo que se salvam apenas alguns contos.

Nos anos oitenta, Tarcísio Gurgel lançou, ainda, *Pai, Filho e Espirito da Coisa*, (1988), resultante da sua dissertação de mestrado. E somente dez anos depois, viria publicar outro trabalho, *Conto por Conto* (1998), o qual, apesar da boa qualidade dos contos nele enfeixados, não teve o destaque merecido.

Neste livro – afirma o pesquisador Manoel Onofre Jr. – "continua o despojamento estilístico, a busca da concisão, mas não mais o humor franco e o traço pitoresco das obras de ficção anteriores. Seus contos agora ganham maior densidade psicológica" (*Ficcionistas Potiguares*, 2010).

O escritor e crítico literário Nelson Patriota afirma no prefácio do livro *Conto por Conto* "A sequência de contos aqui enfeixada é absolutamente irresistível. Quer do ponto de vista estilístico, quer pela percepção aguda com que o autor põe em cena episódios do nosso cotidiano que passam despercebidos a nós outros, afogados que estamos no redemoinho dos fatos da vida, mas incapazes de racionalizá-los sob forma literária". E ainda afirma Nelson Patriota: "a força de *Conto por Conto* está nessa originalidade radical, onde estilo e conteúdo parecem conspirar para criação de uma forma toda própria de narrativa, cuja primeira, mas não a única, característica é a de proporcionar uma indisfarçável sensação de fruição estética".

Para as pesquisadoras Constância Duarte e Diva Cunha em *Literatura do Rio Grande do Norte: Antologia* (2001), a originalidade do contista Tarcísio Gurgel reside na capacidade de captar a oralidade e transformar os pequenos episódios do cotidiano nordestino em um texto ágil e bem equilibrado, situado entre o picaresco, o grotesco e o dramático. Para as estudiosas o autor demonstra extrema facilidade na criação de tipos humanos na construção do universo ficcional, através, principalmente, da utilização de uma linguagem coloquial econômica, peculiar à região.

Paralelamente às suas atividades ficcionais e ensaísticas, Tarcísio Gurgel, organizou dois trabalhos literários de outros autores, *Os Dias de Domingo* de Dorian Jorge Freire, *A Hora da Lua da Tarde* de Sanderson Negreiros e participou da obra coletiva, *Introdução à Cultura do Rio Grande do Norte* (história literária e crítica, em parceria com Vicente Vitoriano e Deífilo Gurgel).

Em 2001, surgiu *Informação da Literatura Potiguar*, um dos seus trabalhos mais ricos e mais completos sobre a nossa literatura, uma tentativa de sistematizar a nossa história literária.

Em 2006, Tarcísio Gurgel defendeu tese de doutorado, no programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, no Departamento de Letras da UFRN, tendo como orientador o Professor Dr. Humberto Hermenegildo de Araújo; esta tese deu origem ao livro *Belle Époque na esquina - o que se passou na República das Letras Potiguar*, (2009). O livro mapeia e sistematiza o que de mais importante ocorreu na vida cultural de Natal entre os últimos anos do século XIX e os primeiros 30 do século XX, quando se viu pelos aceiros de dunas natalenses "a reprodução do modelo parisiense".

Seu mais recente livro, *Inventário do Possível* (2015), obra de memorialística, reúne textos nos quais revive fatos e tipos humanos: familiares, amigos e personagens do cotidiano em suas vivências nas cidades de Areia Branca e Mossoró.

Tarcísio Gurgel também é apresentador de TV, dramaturgo e ator, escreveu, por exemplo, *Chuva de Bala no País de Mossoró*, espetáculo que retrata a resistência da cidade ao bando de Lampião, e que vem sendo encenado na cidade desde 2002; participou de peças teatrais, e também da adaptação do livro *As Pelejas de Ojuara - O Homem que Desafiou o Diabo* de Nei Leandro de Castro, para o cinema, fazendo o papel do barbeiro. Apresentou e dirigiu por vários anos o *Memória Viva,* (TVU), programa de entrevistas autobiográficas com depoimentos de personalidades que fizeram e fazem a história do Rio Grande do Norte.

O professor, jornalista, escritor, dramaturgo e pesquisador Tarcísio Gurgel recebeu, recentemente, merecida homenagem da Academia Norte-rio-grandense de Letras, pelo seu trabalho e dedicação à nossa cultura literária.

THIAGO GONZAGA é pesquisador da literatura potiguar, autor de *Impressões Digitais - Escritores Potiguares Contemporâneos.* (3 vols.) e outros livros Sócio benemérito da Academia Norte-rio-grandense de Letras..

Um potiguar no Rick's Café de Casablanca

Valério de Andrade

Em seu novo livro, "As Pequenas Histórias", o jornalista e cronista Osair Vasconcelos adentrou na galeria dos ficcionistas de primeira categoria, agora, já em caráter definitivo. Um contista que excede os limites geográficos e literários do Rio Grande do Norte, mas, por seu livro ser uma edição local (Z Editora), lamentavelmente, como ocorreu com outras publicações potiguares, não chegará às livrarias do Rio de Janeiro, São Paulo, até mesmo nas capitais nordestinas.

O SONHO DO PROJECIONISTA – Para nós, cinemaníacos, o conto, que o Autor prefere classificar de "lembranças nebulosas e relatos nem sempre confiáveis", desperta imediata atenção por ter como cenário uma obra que jamais será levada pelo vento do esquecimento: "Casablanca" (1942). O amor ao cinema faz o amante sonhar e querer conviver com os personagens corporificados pelos heróis e heroínas dos seus filmes inesquecíveis. Se o critico de cinema carioca Paulo Perdigão deu um jeito de entrar em "Os Brutos Também Amam" para salvar Shane, Rui, o personagem de Osair, saiu da cabine de projeção do Cine Universal e foi parar em Casablanca, no Rick's Café Americaine de Humphrey Bogart.

A PORTA DO SONHO – Como fazia todos os dias, Rui ia na sua bicicleta para o Cine Universal, quando, de repente, "sentiu algo estranho, mas não ruiu. Uma fagulha espocou dentro de sua cabeça. Um raio de tamanho imaginável, de tão pequeno, e de uma velocidade só vista, talvez, nos episódios de Flash Gordon". É através desse insólito mal estar, mais mental do que físico, que Rui materializa sua entrada no filme que mais vezes viu em seus oito anos de projecionista.

O PIANISTA, A CANÇÃO, A MULHER AMADA – Já dentro de "Casablanca", como um figurante privilegiado e invisível, ele, Rui, ao lado de Sam, o pianista, vê, bem pertinho dele, a

mulher divinizada por Ingrid Bergman: "Seus ouvidos e olhos só querem ouvir Ilsa, ver Ilsa, quando ela pede, com a voz que nenhuma outra jamais terá, com aqueles olhos só dela, e a boca perfeita: "Toque algumas das velhas canções, Sam".

DE VOLTA AO COTIDIANO – Embora, tradicionalmente, a maioria dos relatos que sucedem ao final dos sonhos vividos sejam frustrantes, em "Para Maria, de Rui" isso não ocorre. E "naquela noite, agora de volta ao Cine Universal, os espectadores assistiram a uma cena inaudita fora da tela: Rui dar o sinal sonoro anunciando a sessão, ligar o projetor, descer rapidamente a escada estreita e sentar-se ao lado de Maria, na última fila".

A ULTIMA SURPRESA – Surpreender o espectador sempre foi uma das preocupações de Alfred Hitchcock, e, neste seu fascinante relato, transfigurado pela criatividade literária em conto, OSAIR VASCONSELOS, num desfecho à altura do mestre Hitch, também surpreende o leitor: na tela, "Ilsa, discreta e cúmplice, piscou, para somente Rui Marciano ver, um dos mais belos olhos que a humanidade já apreciou".

VALÉRIO DE ANDRADE é jornalista, crítico de cinema, pesquisador. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

A importância da cultura e da lenda *Cruz da Cabocla* no cenário potiguar

Maria Aparecida de Almeida Rego

1. Introdução

No imaginário da tradição popular há espaço para várias temáticas, a exemplo do mistério, o medo, o incerto, a humanização dos animais e a transformação dos elementos da natureza, a devoção a santos e a entidades que se acredita terem poder. São imagens construídas que, ora consideradas falsas pela ciência, prevalecem, cuja síntese imagética é a "lei da palavra" repassada, capaz de garantir veracidade às representações que estão diretamente ligadas à origem de lugares e/ou justificativas de fatos. Assim, ao coletarmos narrativas sobre a *Cruz da Cabocla*, situada no bairro de Felipe Camarão, na região Oeste de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, identificamos uma coletânea de histórias reais e/ou lendárias que habitam o imaginário de um povoado, como forma de registro de um passado que contém elementos do fantástico e do lendário como tentativa de explicação para fatos que influenciaram e influenciam na construção de suas identidades. Verdades estas que se encontram mergulhadas em um mundo de ambiguidade, sempre abertas para contínuas revisões, transgressões e interpretações.

Esses relatos servem como uma porta aberta para uma nova realidade, com perspectivas de caminhos para o sobrenatural, o estranho, o inexplicável, de tal modo, como o maravilhoso, através do simbolismo implícito no inconsciente de suas tramas a fim de justificar suas histórias e sua cultura. Assim, "a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores" (BENJAMIM, 1994, p. 198).

Nesse sentido, o presente estudo aborda o tema da cultura e da literatura fantástica para melhor se compreender a lenda *Cruz da Cabocla,* lenda tradicional que foi passada de gerações a gera-

ções e permeia a cultura do local e o imaginário dos moradores do bairro de Felipe Camarão. Mostraremos, a partir dos relatos coletados, que o imaginário de um povo influencia na formação de sua identidade. Portanto, o foco do estudo está centrado no texto oral como fonte de representações simbólicas o qual é determinante no comportamento humano.

2. Pressupostos teóricos

Para dialogarmos com a proposta de estudo, faremos uso de *O imaginário*, de autoria de Gilberto Durand (2001), *O Narrador*, segundo Walter Benjamim (1994) e *Cultura: um conceito antropológico,* de Roque de Barros Laraia (2004).

Os avanços da modernidade permitiram ao homem moderno grandes "progressos nas técnicas de reprodução por imagem, permitindo ao século 20 acompanhar a construção de uma 'civilização da imagem'" (DURAND, 2001 p. 5), causando uma revolução cultural nas ciências que passaram a admitir a manipulação e o uso desse imaginário. Entretanto, esses avanços, contraditoriamente, não contribuíram para uma ruptura, na cultura ocidental que está atrelada, milenarmente, às informações "verdadeiras" fornecidas pelo sistema da escrita.

Paradoxalmente, o racionalismo do mundo moderno, fundamentado em uma tradição empirista e positivista, permite ao homem um desenvolvimento técnico e científico. No entanto, aprisiona-o em um mundo individualizado, categorizado e insensível, incapaz de usar a sua percepção para transpô-lo do real ao metafísico, da verdade única às possíveis verdades imaginárias, do físico ao fantástico e maravilhoso.

Nessa perspectiva, segundo Benjamim (1994), o saber que vem de longe, da tradição, está substituído por um saber da informação imediata, controlável pela experiência. Estamos cada vez mais pobres de histórias surpreendentes porque "quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação" (BENJAMIM, 1994, p. 203).

Assim, qualquer imagem que não possa ser comprovada quase que cientificamente será automaticamente desvalorizada e descartada, por isso, gera-se um verdadeiro estigma sobre os poetas, os loucos, os visionários, os míticos, os lendários e, por fim, à cultura popular que se baseia na oralidade.

Portanto, o homem ocidentalizado, civilizado, encontra-se mergulhado numa cultura do materialismo empobrecido e, consequentemente, menospreza toda e qualquer cultura do que está à margem da ciência. Esse pensamento preconceituoso foi e é o disseminador de muitos conflitos que causaram inúmeros "equívocos", prejudicando várias culturas que utilizavam as imagens ditas "inferiores".

> Segundo os lógicos, o status da identidade deixa de ser uma "extensão" do objetivo/conceito para tornar-se uma "compreensão" (o conjunto de suas qualidades e seus "atributos". Segundo a velha fórmula, "in subjecto" (praedicatum inest subjecto ...), a identificação já não reside mais "num sujeito", mas na trama relativa dos atributos que constituem o "sujeito" ou, melhor, o objeto... (DURAND, 2001, p. 81)

Levando-se em consideração que a identidade se constitui a partir de um tempo/espaço relativo e diferente, em que não há uma interdependência entre passado e futuro, é passível de revisão e releituras, o imaginário é reformulado por uma lógica que diferentemente da clássica, resultam também na construção dessa identidade os sonhos, o mito, a narrativa da imaginação. Consequentemente, o imaginário em relação a sua lógica em suas manifestações mais típicas, é mais flexível, contendo elementos contraditórios, por muitas vezes redundantes e ambivalentes, que se complementam, numa coerência imaginária e coexistente, que causam rupturas com a descrição histórica.

Essa relativização dos nomes próprios, pelos substantivos adjetivados, causa uma insignificância no sujeito da ação e ressalta as

atribuições dessas qualidades que possuem maiores valores semânticos e várias relações simbólicas possíveis. Assim também, como há uma inversão de valores no que se refere ao sentido de herói positivamente valorizado, pois este está preso em uma categoria muito coerente, diferentemente do antagonista que, marginalizado, clandestinamente possui maiores possibilidades de ações, acarretando uma maior carga simbólica e várias relações possíveis.

3. O que é cultura e como se faz cultura norte-rio-grandense?

Segundo Laraia (2004), Edward Tylor foi o primeiro a definir cultura do ponto de vista antropológico, no livro *Primitive Culture* (1871) que considerava cultura um fenômeno natural. Já para o antropólogo americano Alfred Kroeber, cultura "é um processo cumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores." (LARAIA, 2004, p. 49). Deste modo, podemos considerar o ser humano um agente incessante da cultura em todas as suas ações. Há quatro tendências antropológicas: a que vê cultura como sistema de padrões de comportamento; a que trata cultura como um sistema de conhecimento da realidade; a que encara cultura como um sistema estrutural e; por fim, a que a entende como sistema simbólico de um grupo humano. Entretanto, o conceito de cultura não se limita ao campo da antropologia, visto como engloba outras áreas do conhecimento, como a filosofia, as ciências humanas, a etnografia, dentre outros.

No contexto norte-rio-grandense, autores do estado mostram a literatura local apresentando-a como uma vontade "potiguar" no sentido de proporcionar ao Estado uma tradição. Atualmente, muitos poetas, professores, intelectuais e críticos da literatura potiguar afirmam que a grande riqueza existente nas tradições do estado do Rio Grande do Norte se mantém principalmente ou apenas no interior do Estado. É longe da capital do Estado que se verifica a transmissão das tradições sendo passadas de pais a filhos, de gerações a gerações; é o lugar onde se ouvem ainda vários "causos" e histórias, causando encantamento, medo, alegria e mesmo espanto. Percebe-se

por exemplo que a culinária e a vestimenta características da região e exaltadas no período junino são justamente as "do sertão".

Já a capital do Estado, Natal, ao longo dos anos, passou por vários fluxos de migrantes nacionais e estrangeiros que acarretaram transformações na cultura, na linguagem, na culinária e na vestimenta dos potiguares. Os fluxos de migração do interior para a capital e principais cidades do estado trouxeram essas tradições interioranas, ainda lembradas, por exemplo, em tempos juninos, quando a cidade se enche de símbolos festivos tradicionais (comidas e roupas juninas). A ocupação militar norte-americana durante a Segunda Guerra Mundial e a chegada de estrangeiros de várias nacionalidades (portugueses, italianos, espanhóis, dentre outros) que traziam e difundiam uma cultura diferente, foi bastante assimilada pelos natalenses, que "esqueceram", ao longo dos anos, suas próprias tradições.

Além disso, paralelamente à chegada destes estrangeiros, os processos de modernização da sociedade (sendo central o papel dos meios de comunicação audiovisuais e a influência da televisão) têm determinado a descaracterização do dado localista nesses processos. Dentro desse contexto surge a lenda *Cruz da Cabocla* no bairro de Felipe Camarão. Observa-se que as cruzes relativas a essa lenda ainda se encontram guardadas na igreja do bairro (ver fotos no anexo II) e que o seu texto foi transcrito (ver anexo I). Essa lenda já esquecida por muitos, resiste dificilmente ao longo dos anos; transmitida oralmente, enquadra-se como literatura fantástica.

4. Descrição

O bairro Felipe Camarão, onde é localizada a *Cruz da Cabocla*, tem sua história ligada ao Rio Potengi. O bairro foi formado mais ou menos em 1920, por uma pequena comunidade de pescadores, onde foi encontrado um peixe boi morto, assim conhecido Sítio Peixe-Boi. Recebeu o título de bairro em 24 de agosto de 1968. Desde a década de 80, cresceu como bairro popular periférico e foi incorporado a região metropolitana de Natal.

O marco da *Cruz da Cabocla* surgiu da história, segundo a tradição oral, da índia Luzia que, juntamente com seus dois filhos, se perdeu do grupo originário e resolveu descansar sob uma árvore. O mesmo local é palco de sua morte, provocada talvez pelo cansaço ou fome, uma vez que há indícios que no mesmo período houve uma seca intensa nessa região. Como homenagem e forma de demarcar o local da sepultura e devoção às almas, são fincadas três cruzes que simbolizam a cabocla e seus dois filhos. Posteriormente, em retribuições a um milagre realizado pela índia Luzia, é construída a capela da cruz da cabocla.

Haja vista que a narrativa do mito da Cabocla permeia na tradição da oralidade, outras versões surgiram ao longo do tempo. Embora diferentes, as histórias se cruzam em pontos comuns na elaboração mítica. São eles: o desligamento do bando original; uma parada para descansar; a morte no mesmo local de descanso; o desaparecimento do corpo. O que projeta no mito uma espécie de encantamento e mistério. No entanto, o templo citado passou por reformas estruturais, e, atualmente, pertence a igreja católica do bairro o que justifica a presença de elementos cristãos na capela. A existência do prédio data de 1800, quando no local só havia mato[1].

As histórias e as imagens que cercam o mundo imaginário da *Cruz da Cabocla*, mais recente, foram também coletadas por estudantes de 7º ano da Escola Estadual Prof Maria Queiroz, situada no barro Felipe Camarão, Natal, entre os dias 02 e 09 de agosto de 2013, estórias contadas pelos moradores do bairro. A partir desses relatos é possível localizar alguns fatos que a historiografia "oficial" não dá conta, havendo destaque para a grande quantidade de estórias lendárias que se passam de geração a geração.

As narrativas sobre a *Cruz da Cabocla* configuram-se, ao lon-

1 Esta versão tem como referência o trabalho "Capela da cruz da Cabocla: um espaço de sincretismo religioso e devoção popular", apresentado por Lourdes Viviane do Nascimento (UERN), no I Congresso Regional de Ciências da Religião, em Sergipe, 2009. Em: *http://congressocr.no.comunidades.net/index.php?pagina=1058372070* (acesso em 15 de agosto de 2013).

go dos relatos, em estórias que mesclam realidade e imaginário, passado e presente, fatos e narrador, além de experiências vivenciadas. Assim, o texto oral revela uma dimensão memorial que faz parte do imaginário coletivo, o que contribui para a formação da identidade do lugar, além do que colaboram para a construção de uma "territorialidade étnica".

5. Análise

O narrador assimila à sua substância mais

íntima *aquilo que sabe por ouvir dizer.*

(BENJAMIM, 1994)

O mundo imaginário e misterioso referente a esse lugar aparece desde a origem do nome *Cruz da cabocla*, até os possíveis milagres e objetos localizados no interior do santuário.

Dentre as narrativas coletadas, existem duas explicações para tal origem:

> A cabocla foi uma mulher que foi encontrada no pé do morro morta. Ela parece que era índia por isso que lá no local em que ela morreu foi feita uma capelinha.
>
> (Rosinete, 57 anos, há 17 anos mora no bairro)

> Segundo minha mãe a cruz da cabocla aconteceu assim: um dia quando aqui era só mato, vinha passando um vaqueiro e encontrou uma menininha morta encostada numa árvore. Aí segundo ele, ela era uma caboquinha. Aí daí ele enterrou e botou uma cruzinha. Por isso se chama a cruz da cabocla. Depois foi que fizeram uma igrejinha em cima do túmulo da caboquinha. Aí que surgiu a lenda da cruz da cabocla.
>
> (Francisca Gomes do Nascimento, 56 anos, há 27 anos mora no bairro)

Observamos que os relatos apresentados por Rosinete e Fran-

cisca são fatos que dizem respeito ao passado e que se fazem presentes no cotidiano das pessoas, a criação do fantástico na vida do homem, não havendo limites, e assim suas histórias se fazem. A denominação *Cruz da Cabocla* parece ter origem em fatos acontecidos. As diversidades existentes nas explicações narradas de sua origem resultam da presença do fantástico que transgride ao real e as leis da causalidade. Assim, não nos interessa saber se o fato é verdadeiro ou falso, uma vez que envolve o visível e o invisível, o fantástico e o real. O que se concretiza é a presença do santuário de Santa Luzia e o sobrenatural a respeito da *Cruz da Cabocla* presentes no cotidiano dos moradores de Felipe Camarão.

Segundo Laraia (2004), a cultura possui relações com a forma que o ser humano vê o mundo. Homens de culturas diferentes têm visões diferentes sobre as coisas que fazem parte de seu habitat. Nesse sentido, há uma relação simbólica entre os habitantes de Felipe Camarão e a *Cruz da Cabocla.*

Constatamos, quanto à origem de sua formação, não haver contradições entre os depoimentos. São relatos que dizem respeito à história de origem do santuário que é um monumento construído sem registro de data. No depoimento de Francisca, observa-se através da expressão: "Segundo minha mãe, a cruz da cabocla aconteceu assim" a imagem construída na memória das pessoas e repassada de geração a geração.

Identificamos também a presença da religião católica nas expressões "capelinha" e "igrejinha" mostrando a consciência de valor religioso que é atribuída ao local. O que se confirma na narrativa seguinte:

> Era uma mulher que vinha andando a pé. Ela e os dois filhos e o marido. Ela e os filhos não aguentaram mais andar. Aí ela e os filhos ficaram esperando o marido voltar porque ele continuou seguindo viagem. Aí quando ele voltou encontrou ela e os filhos mortos de fome e sede. Aí ele fez as cruzinhas e foi embora. Aí quando a população foi chegando,

> encontraram as três cruzinhas. Aí teve uma mulher que fez uma promessa não se sabe qual. Aí ela disse que se o pedido se cumprisse a promessa era fazer uma pequena capela para essa mulher. Aí o que ela pediu foi feito e ela cumpriu a promessa, fez uma pequena capela, mal cabia 10 pessoas. Aí essa mulher morreu e a população aumentou a capela e colocou o nome de Santa Luzia. Aí o povo ia lá para fazer promessas e rezar.
>
> (Amanda Soares, 20 anos que mora em Felipe Camarão)

Neste relato, além da presença da religiosidade, da fé, da promessa, não há nessa versão da etnia da mulher (se negra, se índia) e a existência de nova personagem: o marido. Encontramos também outra versão com a presença do marido, mas em desarmonia com a mulher (Luzia). Isso, possivelmente, seja reflexo das experiências vivenciadas (conflitos entre casais) por muitos moradores do bairro. Vejamos:

> Luzia brigou com seu marido e veio a pé dos Guarapes com dois meninos. Estavam cansados e se deitou debaixo de um cajueiro e morreu de fome e sede com seus dois filhos. E dois caçadores acharam eles e enterraram e fizeram três coroas e colocaram três cruz. Aí ficou fazendo milagres. As pessoas passavam colocavam pão e água e fazia milagre. Um homem fez uma promessa se a mulher ficasse boa ele fazia uma igreja e assim aconteceu.
>
> (Adelaide, 69 anos, moradora de Felipe Camarão)

A reiteração, apesar do uso de termos diferentes, é um elemento frequente na tradição oral que comprova as realidades míticas que são interpretadas, adaptadas e atualizadas de geração em

geração. Essas situações ocorrem fora do tempo e do espaço real, em lugar e denominação indeterminados que contribuem para a garantia da permanência desses símbolos, uma vez que o que realmente importa é o seu valor simbólico para o bairro. Esse evento já era mencionado por Benjamim: "Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica" (1994, p. 205). Podemos perceber que a realidade e a ficção se misturam, mostrando uma lenda permeada de fantasias.

6. Conclusão

A lenda *Cruz da Cabocla* é bastante rica, levando em consideração seu caráter fantástico. A riqueza de detalhes descritos quando da oralização da lenda, foi transmitida de gerações a gerações, guardando-se a essência da lenda por anos a fio. É uma lenda muito importante tanto para o Rio Grande do Norte quanto no contexto local em que se insere. Isso se confirma também com a publicação da matéria "Devoções populares nos cemitérios", do jornal Galante, nº 10, volume 03, em abril de 2006, na qual a *Cruz da Cabocla* aparece como uma das devoções populares mais importantes do Rio Grande do Norte.

Novos personagens e situações são incluídos a velhas estruturas da narrativa, retomando sempre as mesmas temáticas. Tais recorrências são vistas com regularidade também em diferentes localidades, a exemplo de igrejas, casa antigas, lagoas, túneis etc.

Percebemos que as narrativas não se constituem de forma elaborada, estão em pedaços e ligadas a um espaço geograficamente modificado decorrentes de eventos históricos. Ainda assim, a contação de histórias é a arte de contá-las de novo, precisa ter sempre alguém para fiar enquanto outro ouve. Segundo Laraia (2004), a cultura é dinâmica, entretanto as narrativas permanecem, principalmente, para os mais velhos. Para as gerações mais novas, podem

correr o risco de se apagarem em decorrência de novos padrões culturais, principalmente, tecnológicos e transformações geográficas do território. Nessa perspectiva, pode-se concluir que o homem de hoje tem dificuldades de cultivar o que não se pode abreviar.

Esse artigo pode abrir possibilidades para novos estudos, tais como análise do discurso, narrativas, mitos, lendas, memórias, dentre outros. E, como o discurso é construtor de um espaço, *A Cruz da Cabocla,* poderia ser somente um espaço com as cruzes, mas a partir de relatos orais e experiências vividas, o espaço foi modificado graças a fé no alcance de promessas, ele passa a ser ressignificado, isto é, houve apropriação imaginária de um território geográfico. Como afirma Laraia (2004, p. 49), "a cultura é um processo cumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações".

Histórias e lendas, verdades e/ou invenções, essas narrativas, que se perpetuam no imaginário desse povoado, reúnem vários elementos com características lendárias e fantásticas, contribuindo para a importância desse lugar e para a formação da identidade de seu povo, uma vez que esses relatos já ultrapassaram barreiras, percorrendo todo o estado.

Referências

BENJAMIM, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

DURAND**,** Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Tradução Renée Eve Levié. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 17. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura brasileira: o que** é, **como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

ANEXO I[2]

O culto a Cabocla Luzia compõe a história deste bairro, revelando as práticas devocionais da população, compartilhando as lendas urbanas do nosso Estado.

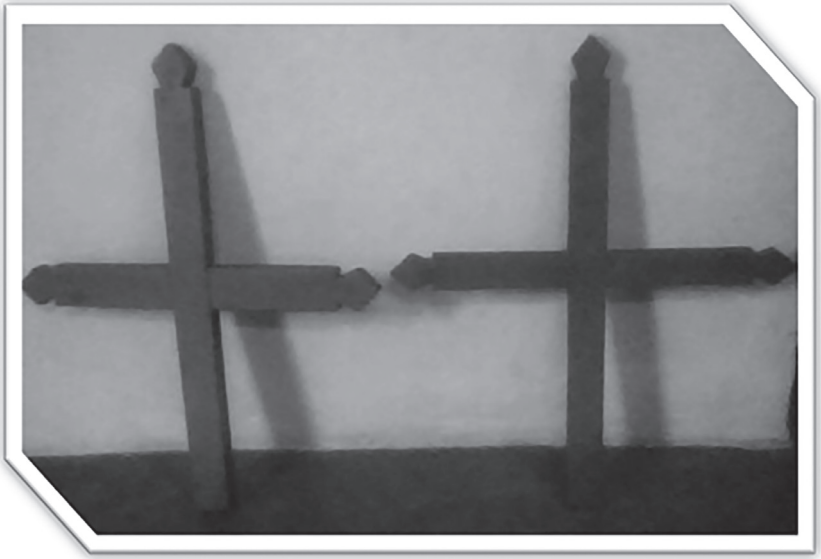
A cruz da cabocla no início era só um memorial constituído por três cruzes, fincadas naquele local para indicar que ali havia morrido Luzia e seus dois filhos. Acredita-se que por volta de 1960 já existia um cruzeiro bem rude, a ideia de erguê-la veio de uma devota que fez uma promessa com a cabocla, e após alcançá-la, retribuiu mandando construir uma capela de alvenaria para que nela fossem abrigadas as três cruzes.

As crianças chamavam o local de "casa de bruxa", nome dado pela aparência da construção que inspirava medo por suas estruturas serem antigas e suas paredes escuras. Devido às velas por lá acesas, o local apresentava fumaça e odor característico. As práticas devocionais no interior da capela, geralmente, por pessoas mais velhas, as mulheres utilizavam véus, demonstrando respeito pela capela considerada sagrada.

Por falta de espaço na capela os devotos que ali chegaram reuniam-se fora dela, onde acendiam velas, rezavam, agradeciam as promessas realizadas ou faziam novas promessas.

Hoje a mitologia em torno dessa história subsiste apenas na memória dos moradores mais antigos que tiveram acesso aos rituais de devoções frequentemente realizados por lá. Por não ter nenhum documento histórico que confirme as informações sobre a história,

2 Esse texto foi produzido por professores da Escola Municipal Djalma Maranhão, situada no bairro Felipe Camarão, em 2011, durante o desenvolvimento de um projeto pedagógico sobre figuras e monumentos importantes na história do bairro. Além da Cruz da Cabocla, o projeto também apresentou a Lenda da Viúva Machado e os saudosos mestres Chico Daniel, com seu teatro de bonecos e Manoel Marinheiro, com o Boi de Reis.



CRUZES DO SANTUÁRIO DA CABOCLA

CRUZ DE LUZIA

dá espaço para a existência de mais de uma versão à mesma.

Percebe-se que em alguns momentos a história apresenta uma família de índios à procura de viveres, já em outros, aponta uma índia desviada do seu grupo de origem. Outras leituras da história revelam que a cabocla Luzia do bairro de Felipe Camarão seria uma índia convertida ao cristianismo, integrante de uma missão que ocorria próximo ao lugar da tragédia.

Como marca das devoções populares, o culto a Cabocla dá margem a outras tradições religiosas. No universo umbandístico, por exemplo, Luzia era uma índia apaixonada (o relato não especifica se por um branco ou índio) e não suportando esse sentimento, descobre no rosário uma forma de apaziguar suas emoções. Assim, ela costumava praticar a reza no mesmo local (possivelmente aguardando o retorno do amado). Entretanto, um dia ela não regressou como de costume o que levou algumas pessoas a irem ao local procurar por ela.

Há ainda uma versão pouco conhecida de que ao amamentar seus filhos já mortos pela fome, Luzia não percebeu a aproximação de uma cobra peçonhenta, cujo ferimento venenoso a matou.

A ausência da identidade da Cabocla e as diversas narrativas a seu respeito confirmam que os discursos são baseados na oralidade. Transmitidos culturalmente.

Embora as versões da história revelem ambiguidade de culto, elas encontram partes semelhantes como o fato da índia estar ligada ao cristianismo. Em todos os relatos a Cabocla tem o mesmo nome: Luzia. Todas as interpretações da história, afirmam que o local de repouso é o local da morte.

Não podemos deixar de ressaltar que no período de morte da Cabocla (1800), embora sem registros de comprovação, houve uma grande seca, que contribuiu para a condição de miséria de Luzia. O que a levou, com o grupo a procurar comida e água.

ANEXO II[3]

Fotografia do estado atual da rua principal do bairro FELIPE CAMARÃO

3 Algumas imagens foram cedidas do acervo pessoal do Professor José Marques (Escola Municipal Djalma Maranhão) e outras foram registradas pela aluna Crislane (7º ano C – 2013, da Escola Estadual Prof Maria Queiroz, situada no bairro Felipe Camarão)

SANTUÁRIO DE SANTA LUZIA – BAIRRO FELIPE CAMARÃO

MARIA APARECIDA REGO é professora da Rede Pública de Ensino do Rio Grande do Norte. Especialista em Literatura e Cultura do Rio Grande do Norte. Mestre em Literatura Comparada pela UFRN.

Confúcio e a "República" de Platão

Jurandyr Navarro

O gênio de Platão, ao formular uma das teorias da sua monumental "A República", especificamente ao que concerne ao governo filosofal, o fez iluminado da fulguração socrática. O Estado ideal deveria seguir paralelo à esteira do Bem.

Teria o Mestre de Aristóteles conhecido a vida de Confúcio, vivendo depois deste, tendo passado mais de um século? Tudo faz crer que não. A precariedade de comunicação daquele afastado período histórico (século VI a.C.) nega toda e qualquer hipótese nesse sentido.

É que o discípulo de Sócrates teorizou, uma concepção, na qual a culminância do poder político seria destinado aos filósofos. "Os governantes deveriam ser filósofos e estes, governantes". Teoria que, ao lado de outras, foi objeto de acidulada crítica da Inteligência de Estagira.

A conclusão objetiva de Platão convergia para um caráter seletivo do binômio: sabedoria e virtude. Discípulo amoroso de Sócrates, cultivava os seus ensinamentos fundamentais na cultura e na ética. O saber teria que palmilhar paralelamente o caminho do bem. E a trilha do bem confluía com a moral.

Daí o inevitável sucesso que adviria do casamento perfeito, sob o aspecto político, do saber com a virtude. União que daria, teoricamente, frutos opimos, por congraçar duas qualidades cardinais completivas de uma personalidade eugênica e espiritual.

Esta a síntese da doutrina política, esboçada por Platão, do governo filosofal.

Tal tipicidade de governo seria mesmo aplicável na prática? Não resta a menor dúvida que sim. Entretanto, atendendo às peculiaridades de tais e quais sociedades, considerando-se, naturalmente, os fatores da ordem cultural e social de cada povo.

Uma análise mesmo superficial sobre os multifários ângulos político-sociais da questão exorbita dos limites traçados para o presente estudo. O que se propende colocar, em destacado relevo, é o fato de Confúcio, mesmo tendo vivido mais de cem anos antes de Platão, haver confirmado, na prática, com antecipação, o que este arquitetara, na sua "A República", referente ao governo dos filósofos, ou de pessoas intelectualmente preparadas para o exercício do Poder.

Confúcio, considerado pela crítica imparcial como filósofo moralista, foi, num período de sua vida, alçado ao governo de uma Província chinesa, onde afastara os apedeutas dos cargos públicos. E foi um sucesso como administrador. Todos que comentam a sua exercitação no múnus público não economizam elogios à sua pessoa. E o que mais admira é ter Confúcio ensaiado a sua administração numa época difícil em que atravessava a sua pátria. Estava a China de então sacudida pela turbulência das agitações. Grassava no multimilenário torrão asiático a incultura sob todas as formas, os desregramentos da política oficial, o banditismo, a licenciosidade, a pobreza comunitária e as consequências desse quadro caótico.

Assim recebeu Confúcio a Província de Chung-tu, para administrar. Tranquilo, como todo filósofo, iniciou o seu trabalho visando corrigir a desordem social que infelicitava aquela coletividade, entregue à sua própria sorte, pelo desatino dos políticos. E triunfou onde outros fracassaram, conseguindo a paz social e reabilitando o progresso. Dissiparam-se os delitos e os vícios, assim como a desonestidade e a corrupção administrativa. A lealdade voltou aos homens como código de honra e o pudor às mulheres.

E não ficou aí a carreira desse filósofo conservador, inaugurada pelo sopro benfazejo da sabedoria e da moral imprimidas. A consecução dessa performance política o credenciou a outras investiduras mais importantes, a nível ministerial. E assim assumiu altos postos de responsabilidades, entre os quais, Ministro do Crime, e depois Primeiro Ministro. Em todos se houve com dignidade e competência. Em cada investidura conquistada pelo seu talento, o filho de Shu-liang Her sobressaía-se, mercê do valor demonstrado.

O seu vertiginoso sucesso, na administração pública, gerou inveja naqueles que temiam politicamente o brilho da sua ação. A fe-

lonia foi ardilosamente traçada como gesto de autodefesa dos seus competidores. A trama foi urdida em noite maquiavélica e Confúcio, mergulhado na sua pureza, entrou em desgraça.

Como o episódio bíblico de Salomé, o perfume sensual de dezoito bailarinas virou a cabeça bêbada de vinho e de volúpia do monarca, seu amigo que, afinal, vencido pelos ardis do sexo e pela intriga palaciana, dispensou o seu antigo colaborador e ministro favorito.

Voltou Confúcio à sua vida de outrora, vida errante de filósofo, seguido por muitos que o idolatravam. Viveu até a morte, vagando de lugar a lugar. "A sua morada era os seus pensamentos..."

Infere-se, portanto, que não se deve desprezar a teoria platônica de governo, relativa à administração dos filósofos, considerada por muitos como utópica e impossível. E em favor dela deve-se ressaltar que Confúcio é considerado um filósofo ortodoxo, conservantista, um filósofo moral e tradicional, cuja ideologia poderia embotar uma ação política, em termos pragmáticos. E tal não aconteceu.

Assim sendo, tudo concorre a favor da concepção platônica, sob o aspecto aqui levantado, mesmo para a época atual, bastando o instrumental humano encarnar-se nos chamados filósofos-juristas, modernos e avançados na ciência política, e qualificados para uma direção de sociedades.

Pelo visto, é perfeitamente exequível a teoria platônica, despida, naturalmente, daquela preparação pedagógica e de algumas extravagâncias que a crítica, a serena crítica, não se omitiu em reprochar.

Foi possível o governo filosofal na China confuciana e na Magna Grécia de Sólon, que, transportada para a cultura atual, consistia, simplesmente, no governo do homem capacitado e probo!

O exemplo de vinte e seis séculos passados, dado por Confúcio, exclui toda e qualquer dúvida da aplicação da tese de Platão.

Na misteriosa Índia houve um dirigente da realeza, de espírito bondoso e impregnado de inspiração filosófica, de nome Ashopa, voltado para a prudência. No Égito o Faraó Amenófis IV - Aknaton, em cujo reinado adotou o monoteísmo, rendendo culto

ao Sol, denominando-o de Aton, e criando uma cidade em homenagem ao novo deus, também assim procedeu.

W. Durant o chama de um Shelley, no trono! tal a sua delicadeza, "com seus grandes olhos sonhadores"!

Aknaton proscreveu o culto de Amon, assim como os exercícios religiosos dos sacerdotes politeístas, suprimindo a prostituição sagrada - o harém dos deuses, que, na realidade, servia aos sacerdotes.

Declamou ao Sol apaixonados ditirambos, os quais se acham registrados na literatura egípcia.

"Com audácia de poeta lançou seus compromissos ao vento".

Tabletes babilônicos registram anteriores épocas da Suméria, ressaltando que as orações religiosas antecederam aos poemas madrigais.

Assim se portou Aknaton, o bom Faraó. No entanto, morreu cedo, aos 30 anos de idade, deixando a rainha Nefertiti fiel ao seu compromisso religioso, quando o Egito retornou ao politeísmo.

Na Grécia Antiga, Péricles deu exemplo magnífico de um pensador governante. Platão o achava preparado para dirigir a "coisa pública", porque, diferente de Aristófanes, o amante de Aspásia frequentava as palestras nos Jardins de Academus.

Em Roma, Senhora do Mundo, houve monarcas filósofos, que foram, segundo a crítica histórica, os seus maiores governantes. Disse Gibbon que o período de maior felicidade da raça humana foi o que medeia do reinado de Nerva à morte de Marco Aurélio.

Adriano realizou um governo sem igual, preocupando-se com a administração das Províncias. Foi um rei itinerante.

Antonino Pio, de quem Renan dissera ter sido o mundo governado, durante 30 anos, por um pai! destacou-se como um homem de bem. Momentos antes de morrer, dera a senha ao Oficial da Guarda: - "Equanimidade". Termo que definiu o seu reinado tranquilo e termo também extensivo ao temperamento de Marco Aurélio, de reta serenidade - seu sucessor.

Marco Aurélio, não obstante filósofo, teve, forçosamente, de guerrear contra as intermitentes incursões bárbaras. Mesmo assim,

no seu acampamento bélico aproveitou as horas vagas para escrever sua obra filosófica Meditações, livro de cabeceira dos estudiosos da ciência de Platão.

Disse Renan: - "Antonino teria na história a reputação de o melhor de todos os soberanos, se não houvesse designado para seu sucessor Marco Aurélio".

Trajano, que antecedeu Adriano, mudou a fisionomia de Roma com sua grandiosa obra arquitetônica. Embora sendo General, tinha sempre ao seu lado Dion Crisóstomo, para sentir de perto os ensinamentos da filosofia.

Merivale nos dá estrofes de Adriano na tristeza, quando doente, apelando aos amigos que lhe dessem fim à sua vida, ao que eles se retiravam:

> "Alma minha, bela esvoaçante, hóspeda e sócia do meu corpo, por que não te vais embora -Já que pálida, rígida, nua, não tens a alegria de outrora".

A estes monarcas filósofos, a Ashopa, a Aknaton e a Confúcio, podemos saudá-los como Napoleão extasiado dos grandiosos feitos de Ramsés II, Faraó, e admirado ante Goethe: - Voilá un Homme! (Eis um Homem).

JURANDYR NAVARRO é escritor, autor de vários ensaios, organizou a antologia do Padre Monte, entre outras. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ocupante da cadeira nº 28.

Dom Delgado e o Colégio Diocesano Seridoense

Padre João Medeiros Filho

A diocese de Caicó, sob a égide da Senhora Sant´Ana, celebrou os 75 anos de acolhimento do seu primeiro bispo, Dom José de Medeiros Delgado, cuja posse no sólio episcopal seridoense acontecera, aos 26 de julho de 1941, em plena festa da padroeira diocesana. Em 2017, terão lugar as homenagens e os festejos, por ocasião dos 75 anos de fundação da sua primeira obra marcante: o Ginásio Diocesano Seridoense. Pelo interstício entre sua chegada ao Seridó e a fundação dessa instituição de ensino, podemos aquilatar o empreendedorismo de um jovem prelado, escolhido pelo Papa Pio XII, com a idade de 35 anos apenas, para reger o povo de Deus da mais nova circunscrição eclesiástica do Rio Grande do Norte. Sua ação pastoral no campo da educação vem sendo objeto de estudos, artigos, dissertações e teses, nos estados do Rio Grande do Norte, Maranhão e Ceará, onde exerceu o episcopado. A frase de um padre norte-rio-grandense é bem significativa: "*Dom Delgado era um nobre, de alma e ações*". As pedagogas Paula Sônia de Brito, Marta Maria de Araújo, o sociólogo Márcio de Souza Porto e o professor José Ribamar Fernandes Brandão descreveram o antístite como grande educador de visão moderna e, sobretudo, um pastor dedicado, que antecipou e viveu as ideias do Concílio Vaticano II.

Nasceu na fazenda Timbaúba, município de Pombal, hoje Condado, no alto sertão da Paraíba, aos 28 de julho de 1905. Era filho de Manoel Porfirio Delgado e Francisca de Medeiros Delgado. Fez seus primeiros estudos na cidade da Serra Negra do Norte (RN), a partir dos sete anos, tendo sido Dona Mimosa sua primeira professora. Em Malta, concluiu o antigo curso primário. Entrou para o Seminário de Nossa Senhora da Conceição, de João Pessoa, no dia 4 de março de 1918, terminando ali os estudos de Humanidades e Filosofia em 1924. Foi enviado a Roma para estudar Teologia, pois havia se revelado como aluno brilhante. Cursou os dois

primeiros anos do ciclo teológico, de 1925 a 1927, na Pontifícia Universidade Gregoriana, tendo sido aluno do Pontifício Colégio Pio Latino-Americano. Voltando ao Brasil, por ordem de seu bispo, preocupado com a sua frágil saúde, terminou os estudos no Seminário de João Pessoa. Ordenado sacerdote, em 2 de junho de 1929 por Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, foi nomeado vigário paroquial de Bananeiras e, logo depois, para a mesma função em Campina Grande, em janeiro de 1930. Em junho desse ano, tornou-se pároco da Igreja de Nossa Senhora da Conceição (hoje Catedral da diocese de Campina Grande) e ali permaneceu, durante dez anos, até ser escolhido primeiro bispo de Caicó, no dia 15 de março de 1941, pelo Papa Pio XII. Recebeu a ordenação episcopal das mãos de Dom Moisés Sizenando Coelho, arcebispo da Paraíba, no dia de S. Pedro e S. Paulo, 29 de junho do mesmo ano. Foram consagrantes Dom Marcolino Esmeraldo de Sousa Dantas, bispo de Natal e Dom João da Matha de Andrade Amaral, bispo de Manaus. Empossado na diocese de Caicó, em 26 de julho de 1941, governou o bispado, até 26 de janeiro de 1952. De Caicó, foi transferido para São Luís do Maranhão em 4 de setembro de 1951, tendo sido recebido na Arquidiocese de São Luís, em 3 de fevereiro de 1952. Tomado de surpresa, após conhecer pessoalmente João XXIII, fora nomeado por este para a arquidiocese de Fortaleza, no dia 11 de maio de 1963. Em 4 de abril de 1973, renunciou ao governo do arcebispado: "*Paulo VI concedeu-me a liberdade de que hoje desfruto como simples pregador da Palavra de Deus, sem mais obrigação do governo diocesano, nas proximidades de completar 68 anos*".

Faleceu, em Recife, aos 9 de março de 1988 e está sepultado na Igreja Matriz de São José, antiga capela do Colégio Diocesano Seridoense, por ele construída e a seu pedido, formulado ao então bispo de Caicó, Dom Heitor de Araújo Sales.

No Colégio Pio Latino-Americano e na Pontifícia Universidade Gregoriana, conviveu com as futuras lideranças do clero e do episcopado brasileiro. Podemos destacar dentre os seus colegas e contemporâneos de estudos: Fernando Gomes dos Santos (arcebispo de Goiânia), Luis do Amaral Mousinho (metropolita de Ribeirão Preto), João da Matha de Andrade e Amaral (bispo de Ma-

naus), Carlos Gouvêa Coelho (arcebispo metropolitano de Olinda e Recife) e tantos outros que se destacaram como pastores, líderes espirituais e educadores.

Dom Delgado marcou o Seridó com a sua campanha em prol da construção de um educandário para jovens do sexo masculino. Em toda a região (pioneira na educação com a Escola de Latim do Senador Padre Guerra), havia apenas um educandário voltado para a formação das moças. Tratava-se do Ginásio Santa Teresinha, fundado em Caicó, no ano de 1925 e confiado à Congregação das Filhas do Amor Divino, durante o paroquiato do Cônego Celso Cicco e no episcopado do eminente bispo Dom José Pereira Alves, titular da única diocese potiguar.

O bispo caicoense visitava cada uma das propriedades rurais seridoenses (sítios e fazendas) e, de lá não saía sem a certeza da doação de um garrote, boi, vaca ou qualquer outro bem, que pudesse reverter para custear as obras de construção do ginásio, edificado em apenas sete meses de intensivos trabalhos. Há casos em que os fazendeiros, a princípio, se recusavam a doar suas reses. Ele simplesmente ria, não discutia ou contestava e ali permanecia hospedado durante dias, uma semana ou mais se preciso fosse, até conseguir o seu intento. Contava com a fidalguia da hospitalidade seridoense (não podemos esquecer que a sua genitora era de tradicional família de Serra Negra do Norte) e ali permanecia como hóspede. A conclusão de alguns fazendeiros e proprietários de terra era de que doar algum bem (bezerro, novilho etc.) sairia mais barato do que ser anfitrião de um bispo, por vários dias ou semanas, oferecendo-lhe "*do bom e do melhor, segundo a tradição*". Fomos testemunha, como seminarista, de algo pitoresco, quando da posse de nosso saudoso Dom José Adelino Dantas, como segundo bispo de Caicó. O trono episcopal, de muito bom gosto artístico e litúrgico, ostentava uma imagem de Cristo, o Bom Pastor, rodeado de ovelhas e carregando um carneirinho em seus braços. Um fazendeiro, durante a missa de acolhida do novo bispo, contemplando a pintura, sussurrou a um amigo: "*Este bispo de agora vem pior do que Dom Delgado. Ele carregava somente nossos garrotes, mas este vem levando tudo, até a miúnça e a criação*".

Nosso primeiro bispo legou a Caicó uma das mais belas obras educacionais, pioneiras no Rio Grande do Norte e no Brasil. Sua visão de educador era fundamentada na concepção do homem integral e inspirada na filosofia de Jacques Maritain, que tanto influenciou o mundo cristão na primeira metade do século XX. "É preciso educar o homem e não apenas instruí-lo", afirmava o pensador francês no seu humanismo cristão. Além de Maritain, não se pode negar a influência de Tristão de Athayde e do Centro Dom Vital no pensamento do primeiro antístite caicoense. Com tais ideias fundou o ginásio de sua diocese seridoense, cujo objetivo era preparar os futuros líderes e profissionais. Ao lado da educação tradicional, introduziu a primeira experiência de ensino profissionalizante do Estado (e talvez do Nordeste), criando a Escola Pré-vocacional de Caicó, que além do currículo regular, procurava preparar os jovens do sexo masculino para atividades de mecânico, carpinteiro, marceneiro, tipógrafo etc. O prelado foi um precursor do ensino profissionalizante e das primeiras escolas técnicas. Às moças eram oferecidos cursos de artesanato, bordados, corte e costura. E para preparar as donas de casa e dotá-las de sólida formação humanista, fundou, na sede diocesana, a Escola Doméstica Popular Darcy Vargas, posteriormente federalizada, dada a sua importância. Dotou a Sé episcopal da primeira creche, a conhecida Pupileira, campo de estágio das alunas da Escola Doméstica e local de cuidado das crianças, cujas mães já se lançavam no incipiente mercado de trabalho.

Dom José foi pioneiro no transporte escolar. Para levar os filhos dos moradores da Fazenda Sacramento, de propriedade da Diocese, distante vinte quilômetros de Caicó e na impossibilidade financeira de comprar um ônibus, o bispo adquiriu uma caminhonete com a venda do seu automóvel. Mandou equipá-la de bancos na carroceria. Assim propiciava às crianças a frequência diária às aulas. Incentivava as prefeituras a adquirir, com recursos próprios, veículos para tal fim. Diante das dificuldades encontradas pelos municípios para a compra, aconselhava os párocos a organizar uma associação para a aquisição e manutenção de transporte escolar. Passados alguns anos, coube a Jardim do Seridó ser a pioneira, seguindo suas orientações e graças também aos esforços de Manoel de Medeiros Brito. Assim, a sociedade jardinense num gesto comuni-

tário mantinha o transporte que trazia o alunado até Caicó. Os pais que podiam, contribuíam. A paróquia colaborava com uma parcela para ajudar os mais carentes.

Os primeiros estatutos e o regimento geral do antigo Ginásio Diocesano Seridoense tinham uma marca inovadora, graças a seu fundador, educador, humanista e pastor. Dentro do corpo diretivo inseriu uma figura nova, desconhecida das instituições congêneres. Trata-se do diretor espiritual. À época, inexistiam orientador educacional, vocacional e psicólogo nas instituições do ensino primário e secundário. O diretor espiritual deveria assumir tais funções, acompanhando a caminhada intelectual, o desenvolvimento da personalidade, a integração do discente na sociedade e na família, evitando um choque cultural e de gerações. Tinha por missão cuidar do desenvolvimento humano do aluno. Desejava Dom Delgado que os diretores espirituais fossem vistos, como pais e irmãos, orientando a caminhada dos jovens, sentidos e reconhecidos como pessoas muito presentes e amigos, aliados no processo de crescimento dos jovens. "*Cuidar da vida e das almas*" dos alunos, assim nos dissera o fundador do Ginásio Diocesano Seridoense (GDS), quando um dos seus sucessores, Dom Manuel Tavares de Araújo, nos nomeara para tal cargo, quando ainda éramos diácono.

Além dessa honrosa missão junto ao Ginásio, posteriormente Colégio Diocesano Seridoense, fomos escolhido docente de filosofia, cultura religiosa e química orgânica. Apesar de nossa pouca experiência, com alguns anos a mais que nossos alunos, demos o nosso contributo, como professor, a uma geração de futuros médicos, advogados, engenheiros, professores, economistas e administradores. Não logramos êxito com nosso exemplo e dedicação em influenciar nenhum dos nossos discentes para o sacerdócio. No entanto, não devemos esquecer que vivíamos a crise pós-conciliar e a figura do sacerdote não era tão atraente para os jovens – ora rurais, ora interioranos – que alçavam voos mais altos. "*A tonsura tinha deixado de ser a claraboia da cultura*", segundo Eça de Queiroz e não era mais sinônimo de "profissão" rendosa (muitos vigários do passado eram fazendeiros bem sucedidos e renomados) ou de status social e político, como aconteceu com o magnânimo monsenhor

Walfredo Dantas Gurgel, primeiro diretor do Ginásio, que se destacara com probidade e honradez no cenário político potiguar.

Morávamos ao lado do antigo Ginásio, no prédio do Seminário Santo Cura d´Ars, outra obra idealizada e realizada, em 1946, pelo primeiro titular da diocese caicoense, cuja finalidade era preparar o futuro clero da sua diocese. Ali, por algum tempo, acompanhamos de perto a evolução daquele educandário. Ajudamos a carregar o peso dos dias de penúria e brindamos os momentos de glória e conquista. Lembramo-nos da alegria de todos, quando da instalação do antigo curso científico, vespertino e misto, pioneiro desse nível de ensino em todo o Seridó. Caicó dispunha, até então, apenas da Escola Técnica de Comércio, funcionando no Colégio Santa Teresinha, cujas alunas passaram a segundo plano, como pretendentes a namoradas de nossos alunos.

O Colégio Diocesano Seridoense era o legítimo representante de todos os segmentos da sociedade daquela época. Descendentes de ruralistas, comerciantes, industriais, filhos de profissionais liberais e bolsistas formavam uma só família, coesa, que nem mesmo a radical política seridoense da época conseguiu separar, ao longo dos anos. O Diocesano era o centro de tudo, para ele convergiam todas as tendências e matizes filosóficos, ideológicos e econômicos. Até mesmo, alunos de outras instituições gravitavam em torno do Colégio Seridoense. Era uma plêiade de jovens intelectuais irrequietos, detentores da "*santa rebeldia*", que aglutinavam amigos e também mestres, sequiosos de mudanças. Nada mais natural, que ao lado, desse Panteón nascessem as tão desejadas primeiras faculdades. Literalmente ao lado do Colégio Diocesano Seridoense, no prédio do antigo Seminário, brotaram os primeiros cursos superiores de Caicó, vinculados à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em 1973. E vale lembrar, dentro do próprio Colégio, funcionou a primeira instituição de ensino superior particular do Seridó (Faculdade de Teologia Cardeal Sales), fechada de maneira açodada e lastimável!

Grande educador, Dom Delgado levou para São Luís do Maranhão o plano audacioso de criar uma universidade, que pudesse agregar a recém-criada Faculdade de Filosofia às Faculdades de Far-

mácia, Odontologia e Direito e à Escola de Enfermagem. Em janeiro de 1955, instituiu a Sociedade Maranhense de Cultura Superior **(SOMACS)** com objetivo de manter uma biblioteca, um museu, um teatro e as futuras faculdades, que serviriam de base para a criação de uma universidade. Em outubro do mesmo ano, em nome da Arquidiocese de São Luís, cedeu o Palácio Episcopal Cristo Rei para servir como instalação e espaço para as aulas da Faculdade de Filosofia. E em 1957, criou a Faculdade de Ciências Médicas do Maranhão, dirigida pelo professor doutor João Bacelar Portela, um dos maiores marcos na saúde do Estado.

Concretizou o sonho de fundar uma universidade, em 1961 – a Universidade Católica do Maranhão – agregando a Escola de Enfermagem São Francisco de Assis, a Faculdade de Filosofia, a Faculdade de Ciências Médicas e a Faculdade de Serviço Social. A organização da Faculdade de Ciências Econômicas, em 1965, possibilitou a Dom Delgado criar a Fundação Universidade do Maranhão, que absorveu as unidades da Universidade Católica e viria a se tornar, em outubro do mesmo ano, o embrião da Universidade Federal do Maranhão, em 1966. Passados cinquenta anos, em homenagem póstuma, Dom Delgado recebeu o título de doutor *honoris causa* da Universidade por ele fundada. Em outro ato, o Conselho Universitário da Universidade Federal do Maranhão, denominou o seu campus de "Cidade Universitária Dom Delgado". São homenagens fundamentais para perpetuar o nome daquele que pode ter sido o homem mais dedicado à UFMA. "*Dom Delgado tem uma importância muito grande não só para a Igreja Católica, mas também para o Maranhão, especialmente para a UFMA*". Foram palavras do Magnífico Reitor da Universidade Federal do Maranhão, Professor Natalino Salgado, comentando ser de suma relevância a figura de Dom Delgado como forma de perpetuar a lembrança do fundador da UFMA. E acrescentou: *"É importante resgatar nossa história. Com este ato, nós estamos fortalecendo nosso papel de ressaltar o nome de Dom Delgado para que todos reconheçam sua importância para a educação do Estado".*

Não devemos falar de Dom José de Medeiros Delgado, abordando apenas um aspecto de sua vida episcopal. Evidentemente,

o educador nele brotava do seu ser profundamente cristão e sacerdotal. A Ação Católica marcou muitíssimo a sua personalidade. O primeiro bispo caicoense privou do convívio e da amizade dos mais eminentes fundadores desse movimento religioso no Brasil, como o Cardeal Dom Sebastião Leme, Dom Jaime Câmara, Dom José Vicente Távora, Dom Helder Câmara, até o padre Joseph Cardijn (posteriormente cardeal da Santa Igreja), idealizador da Juventude Operária Católica. No Rio de Janeiro, aonde vinha, várias vezes, tratar de assuntos de sua diocese junto aos órgãos do governo federal e à nunciatura apostólica, Dom Delgado se tornou amigo de Alceu de Amoroso Lima e do abade do Mosteiro de São Bento, Dom Martinho Michler. Naquele convento, conheceu ainda o monge Dom Lourenço de Almeida Prado, educador de escol e diretor do Colégio São Bento, que exerceu influência em Dom Delgado sobre filosofia e metodologia educacional. Deve-se destacar igualmente a amizade do primeiro bispo seridoense com o Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara. Este fora o primeiro antístite de Mossoró, contemporâneo, por algum tempo, de Dom Delgado, quando este ocupava a Sé caicoense.

Cabe destacar a figura do fundador do Ginásio Diocesano Seridoense como um exímio pregador de palestras, conferências e retiros para religiosos, sacerdotes e leigos. Desse seu incessante trabalho de evangelizador, temos o legado de vários livros. Elencamos algumas de suas obras editadas, sem contar os inúmeros artigos publicados em jornais e revistas. Dentre as publicações, destacamos:

a) **Quando era bispo de Caicó.** 1) Vida Cristã, Paróquia, Ação Católica (Primeira Carta Pastoral), l941; 2) Ação Social, 1942; 3) Mistério de vida Cristã (Segunda Carta Pastoral), 1943; 4) Amor Fraterno (Terceira Carta Pastoral), 1949.

b) **Como arcebispo de São Luís do Maranhão.** 5) A Igreja e os Sacramentos (Quarta Carta Pastoral), 1952; 6) A Magia do Amor, 1952; 7) Leis do Amor, 1953. 8) Maria, Sacerdócio e Eucaristia (Quinta Carta Pastoral), 1954; 9) Homem e a Comunidade, 1956; 10) A Faculdade de Ciências Médicas do Maranhão, 1957; 11) Mensagem de Pentecostes,

1958; 12) Problema da Terra, 1958; 13) Mistério da Igreja, 1963; 14) Problema do Desemprego, 1963.

c) **Na arquidiocese de Fortaleza.** 16) Reflexões sobre a Santidade, 1965; 17) Juazeiro, Padre Cícero e Canindé, 1968; 18) Evangelho, Fé e Concílio, 1968; 19) O Homem, o Sacerdócio e o Sexo, 1969; 20) Igreja, Fé e Pastoral, 1969; 21) Cristão, a Vocação e a Prática do Amor, 1969; 22) Páscoa de 1969; 23) Padre Cícero, Mártir da Disciplina, 1970; 24) Igreja, Liberdade e Mundo Moderno, 1970; 25) Testemunho, 1971; 26) Pastoral, Missão de Amor, 1971; 27) Pedaços de mim mesmo, 1973.

d) Já na condição de **arcebispo emérito.** 28) Memórias da Graça Divina, 1978; 29) Deus e a Igreja em Você, 1979, 30) Tapete de Mistérios, 1980; 31) Teu Ser, 1981; 32) Somos Irmãos, 1982.

Durante o Concílio Vaticano II, assinou sobre o túmulo de Santa Domitília, em Roma, junto com mais quarenta bispos (entre eles Dom Helder Câmara) o "**Pacto das Catacumbas**". Por este documento de treze itens, os signatários comprometeram-se a levar uma vida de pobreza, despojar-se dos símbolos de poder ou privilégios e colocar os pobres no centro do seu ministério pastoral. Firmaram ainda o compromisso de viver a colegialidade e a corresponsabilidade da Igreja, como Povo de Deus, com a abertura ao mundo e a acolhida fraterna. Segundo alguns pesquisadores, este pacto influenciou a teologia da libertação e os rumos da Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Medellín.

Sobre o nosso primeiro bispo de Caicó, escreveu com muita precisão padre Geovanne Saraiva, do clero da arquidiocese de Fortaleza:

> *"No Ceará tivemos a sorte de contar com Dom José de Medeiros Delgado, um paraibano de personalidade e formação sólida, de uma cultura invejável, que compreendeu e assimilou o Concílio Vaticano II em toda sua plenitude, so-*

nhando com uma Igreja rejuvenescida, renovada, ou seja, o ***aggiornamento*** tão sonhado por João XXIII. O mais exigente – que se tornou a grande tarefa e arte de Dom Delgado – foi viver essa transição, fazer acontecer e levar o clero e o povo a uma compreensão do mundo, com suas exigências e mostrar que todos tinham a missão de construir a sua própria história. Neste sentido, seu gesto de pastor foi segundo o coração do Pai, grandioso e extraordinário".

Convém citar aqui as palavras de Jeremias: *"E dar-vos-ei pastores segundo o meu coração, os quais vos apascentarão com ciência e com inteligência*" (Jr 3, 15).

Gostaríamos de lembrar Dom Delgado como um bispo que, mesmo antes do Concílio, pregou e praticou o ecumenismo. Para ele, a mais perniciosa e cruel de todas as intolerâncias é a religiosa. Deus é Pai de todos. No evangelho de João, as palavras de Cristo não dão margem a qualquer tipo de fundamentalismo e convidam-nos à virtude da tolerância. "*Na casa do meu Pai, há muitas moradas*" (Jo 14, 2). O primeiro bispo do Seridó realizou o ecumenismo conciliar *ad intra* e *ad extra* (interno e externo). No início da década de quarenta, convidou para lecionar no então Ginásio Diocesano Seridoense, recém-fundado, José Gurgel de Araújo e Mirtila Lobo, presbiterianos praticantes. Indicou ainda o dentista Joffre Ariston de Araújo – que não se dizia católico – para inspetor do educandário. Quando questionado por alguns católicos mais radicais, padres e leigos, sobre tais nomeações, respondeu peremptoriamente: *Também são filhos de Deus e não os convidei para lecionar religião. Os cidadãos de amanhã deverão aprender a conviver com as diferenças*. Acrescentou ainda: "*A ciência é filha do Divino e não tem ideologia, credo ou religião*". Deus não aprova a segregação. Por outro lado, não faz sentido viver uma fé que nos separa e indispõe com os outros. É um contratestemunho de nossa fraternidade. Dom Delgado dialogava e sabia se relacionar como amigo e irmão de todos, não importando crenças e práticas religiosas. Era hóspede também de

Stoessel de Brito, espirita de formação e por opção. Com este empreendeu várias campanhas de caridade para os idosos e esquecidos dos governos. Sem precisar pregar, mostrava que as delicadezas humanas e sacerdotais nos ensinam o sobrenatural.

O ecumenismo é um ato de coragem e ruptura de nosso comodismo espiritual. É imitação do gesto de Cristo, que praticou com perfeição a abertura e o acolhimento. Não podemos esquecer que, mesmo diante das críticas e oposição do clero cearense, Dom Delgado recebeu em sua casa, como comensais, um bispo e um padre da igreja católica brasileira (dom Raimundo Simplício de Almeida e padre Neemias), cujas ordenações foram consideradas válidas pela Santa Sé. Lastimava a pouca caridade do seu clero com eles. A fé cristã não pode nem deve admitir intolerância, discriminação e arrogância. Cristo fora o irmão de todos. E o apóstolo Paulo expressa claramente: "*Fiz-me tudo para todos, para de alguma forma salvar alguns*" (1Cor 9, 22). Certa feita, disse numa reunião do clero de Fortaleza: "*A pedra que atiramos no outro, atiramos em nós mesmos"*.

Era costume, no Caicó da década de quarenta, as conversas noturnas nas calçadas, as famosas "*bolandeiras*". Ali se discutia política, falava-se de inverno, crises financeiras e problemas familiares. Nestas rodas, podia-se encontrar o bispo diocesano numa atitude de escuta e diálogo, mostrando que amar é também ocupar-se dos outros e a verdadeira amizade é um encontro de almas que se respeitam e se reverenciam. Dom José sabia transgredir a mesmice, que leva à mediocridade e esclerosa a alma. Revelou-se como "*pastor com cheiro de povo"*, como muito bem expressou o grande Papa Francisco.

Quando bispo de Caicó, deu provas incontestes de sua liberdade interior, capacidade de compreender e ousadia pastoral. Podemos ler no Livro de Tombo daquele bispado seridoense estas frases: "*Sou bispo desta Igreja, responsável por ela diante de Deus. Conheço as necessidades do meu rebanho*". Foram palavras escritas, após conferir as primeiras ordens ao seminarista Luiz de França, contrariando o direito canônico vigente, que não recomendava o acesso ao sacerdócio dos portadores de disritmia cerebral (epilepsia). Maior prova de abertura e visão pastoral, à semelhança do atual Papa, deu Dom Delgado, ao buscar a reabilitação do padre Cícero Romão Batista, incentivando

estudos e pesquisas, tais como as obras de Azarias Sobreira e Ralph Della Cava. Sobre o *Patriarca do Juazeiro*, afirmou, na década de 1960: "*Padre Cícero é um mártir da obediência*". Dele ouvimos esta frase inolvidável: "*Só a verdadeira conversão corrige nossos olhos. A Igreja não pode esquecer que Deus é acolhida, perdão e amor*".

Dom José de Medeiros Delgado nos dera a primeira comunhão eucarística na matriz de Jucurutu e ali nos confirmou na fé pelo sacramento da Crisma. Já como arcebispo emérito de Fortaleza, (onde mostrou sua grandeza, renunciando ao palácio episcopal para morar numa casa mais modesta), costumava passar alguns dias de férias na casa de nossos padrinhos de batismo, na Fazendo Baixio. Ali, diante de seus amigos, outorgou-nos o honroso título de seu "*sobrinho honoris causa*". Por isso, hoje ousamos pedir: Tio amado, que lá do céu, o senhor abençoe este menino que acolitava suas missas, mas sobretudo as obras que fundou em Caicó, São Luís e Fortaleza para o bem e crescimento do Povo de Deus e esplendor da Igreja, sacramento de Cristo, no tempo e na história!

E para concluir, ninguém melhor do que Alceu de Amoroso Lima, referindo-se a Dom Delgado.

> *Criatura humana de uma doçura, bondade e polidez incomparáveis. Pessoalmente, só posso dar testemunho de sua mansidão realmente tocante. Na sua conduta episcopal, como tão bem o demonstram certas passagens destas suas* **Memórias da Graça divina** *é a face de Deus que se revela. Longe de se deixar adormecer na prática de uma evangelização meramente convencional, sempre foi um corajoso abridor de caminhos, de alma aberta na direção das almas...*

JOÃO MEDEIROS FILHO é sacerdote católico, escritor e professor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Mário Soares

Símbolo da resistência ao salazarismo

João Batista Machado

O ex-presidente de Portugal, Mário Soares, falecido em sete de janeiro deste ano, em Lisboa, aos 92 anos, esteve em Natal entre os dias 16 e 19 de maio de 2007, atendendo convite do senador Garibaldi Filho e do professor Cláudio Emerenciano. Foi deputado, primeiro-ministro por oito anos e posteriormente presidente da República e ministro de estado. Condecorado pela governadora Wilma de Faria, recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Potiguar (UNP).

Fez conferência na Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte (FIERN) e recepcionado pelo prefeito Carlos Eduardo Alves no Palácio Felipe Camarão. Na UFRN foi recebido pelo reitor Ivonildo Rego e pró-reitores, ocasião em que assistiu explanação circunstanciada sobre o desenvolvimento educacional, científico e cultural da instituição, deixando-o bastante impressionado com o que ouviu dos expositores de maneira detalhada.

O jovem militante político foi obrigado a deixar seu país perseguido pela longeva ditadura de Oliveira Salazar, a quem fazia oposição. Exilou-se em Paris. Somente retornou à pátria por alguns momentos, para assistir o sepultamento do pai, com hora marcada para chegar e sair. Com a redemocratização implantada pela Revolução dos Cravos em 1974, que pôs fim ao salazarismo, após décadas de totalitarismo, pôde retornar a Portugal, que se livrara da nefasta ditadura.

Ainda exilado na França, filiou-se ao Partido Socialista, juntamente com onze compatriotas, entre eles, Jorge Quinta, colega de mestrado do professor Cláudio Emerenciano, na Universidade de Ciências Sociais de Lisboa, que o apresentou a Mário Soares. Este, ao retornar ao país, ingressou na vida pública. Fez amizade com as mais expressivas lideranças da Internacional Socialista, como Fran-

çois Mitterrand (França), Willy Brand (Alemanha) e Olaf Palme (Suécia), tragicamente assassinado por desafeto, ao sair de um cinema em Estocolmo. O crime nunca foi devidamente esclarecido.

A convite de Garibaldi Filho e Cláudio Emerenciano desempenhei, por 72 horas, a função de assessor de imprensa do ex-presidente português. Coordenei o acesso dos jornalistas ao estadista lusitano. Ele concedeu uma longa entrevista a repórter Ana Ruth Dantas, da Tribuna do Norte, de página inteira, sobre sua longa trajetória política, após almoço oferecido pelo prefeito Carlos Eduardo, no restaurante Camarões em Ponta Negra.

Por duas vezes, tomei o café da manhã com ele no Hotel Ocean Palace, onde esteve hospedado. Foi reconhecido e aplaudido no restaurante por turistas, na sua maioria mulheres, o que o deixou muito envaidecido. Levantou-se da cadeira, distribuiu beijos e posou para fotos. Ao retornar à mesa, elogiou a beleza e simpatia da mulher brasileira, revelando-se um exímio galanteador.

Revelou-me que conheceu o arquiteto Oscar Niemayer quando estavam exilados em Paris. "O desterro une as pessoas com maior intensidade". Disse. Sou amigo dele até hoje. Quando vou ao Rio não deixo de visitá-lo. È quase um dever. Uma obrigação. O Oscar só tem um defeito: seu radicalismo ideológico. "Ele acha que o Fidel Castro é um democrata" E deu uma risada. Afirmou, ainda, que manteve durante anos relações de amizade com o escritor Jorge Amado, falecido em 2001, em Salvador (BA).

Elogiou as gestões de Fernando Henrique Cardoso e Lula da Silva que deram ao país consistência democrática e respeitabilidade no exterior. Citou a prioridade de Lula com o social, mas se preocupou com o descuido relativo às denúncias de corrupção em seu governo. Como presidente da República firmou parceria com o embaixador do Brasil em Portugal, José Aparecido de Oliveira, visando a unificação da Língua portuguesa. Deixou aos seus patrícios, o legado de defensor intransigente da liberdade e da ética na vida pública.

JOÃO BATISTA MACHADO é bacharel em Comunicação Social, jornalista, escritor, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Os 15% daquela imortalidade de 1987

Francisco Martins

Debruçado sobre uma pesquisa na Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras parei diante da lista dos Acadêmicos, em 1987, das 40 cadeiras ocupadas naquele distante ano, pus-me a ler os nomes dos escritores que ocupavam a imortalidade. Anotei aqueles com quem ainda temos a felicidade de conviver, são eles: Dorian Gray Caldas, Paulo Macedo, João Wilson Mendes Melo, Diogenes da Cunha Lima, Jurandyr Navarro e Sanderson Negreiros. Eles representam trinta anos depois, 15% da imortalidade.

O que podemos dizer destes homens? Pintemo-nos com as cores primárias e façamos uma visita a Dorian Gray, que é um patrimônio vivo da nossa cultura, vários homens numa só alma: pintor, tapeceiro, escultor, gravador, poeta, ensaísta, jornalista, professor, ilustrador. Ele é um presente de Deus que dá luz à Rua Ana Neri e extrapola seu brilho não apenas em Natal, mas também pelo estado, Brasil e exterior; em fevereiro próximo completará 87 anos. Tem 31 anos de reinado na Casa Manoel Rodrigues de Melo*. Deixemo-nos levar agora pelas colunas sociais e inegavelmente vamos nos deparar com o jornalista Paulo Macedo, que nos deve vários livros de memórias, dado seu conhecimento com a sociedade de Natal e do Brasil. Eu, particularmente torço para que em 2017 ele escreva suas reminiscências e possa nos presentear com crônicas sobre as coisas da nossa terra, conhecimento não lhe falta. Paulo vai esperar até dezembro para entrar na casa dos 80 anos, mas já desfruta de 36 anos na galeria e convívio dos imortais.

O terceiro da lista fará 96 anos. Vive num apartamento em Candelária, sozinho, lúcido e não nos enganemos se a qualquer momento ele lançar algum livro que tenha como tema Lampião e Mossoró. João Wilson Mendes Melo deu sua contribuição à vida cultural como professor, jornalista, advogado e na literatura plantou sementes que frutificaram, crônicas, ensaios e poesias. Está na Academia há 34 anos. Vamos pegar o trem da alegria e desembar-

car na estação da gratidão, onde um sino dá suas badaladas em louvor a Diogenes da Cunha Lima, o homem-baobá, não pela sua longevidade, pois ainda faltam alguns meses para chegar aos 80 anos, mas sim, pela sua resistência, pela solidez e profundidade das suas raízes, pelas vitórias conquistadas em muitas batalhas nesta guerra da vida. Diogenes tem 45 anos de presença na Academia Norte--rio-grandense de Letras, dos quais 33 são dedicados à presidência dessa instituição. Sua produção literária é múltipla e abrange além da poesia, livros de crônicas e biografia. É um dos colaboradores que mais escreve para a Revista da Academia .

Ao deixarmos o trem, somos levados às alturas pelas asas de Pégasus, que nos conduzirá àquele que nas horas vagas conversa com os deuses do Olimpo: Jurandyr Navarro. 88 anos que fazem inveja a muita gente que se entregou aos 20 anos ou menos ao sedentarismo. Jurandyr tem muitas obsessões, todas sadias, como ele soube preservar ao longo da vida. Literalmente, seu apego literário é tudo que diz respeito ao Padre Luis Gonzaga Monte. Articulista formidável, sempre presente nas páginas da Revista da ANRL, disputa com Diogenes o pódio de quem mais escreve neste periódico. Jurandyr Navarro é glória na Academia há exatos 36 anos.

E por último, somos convidados pelo silêncio a penetrar no mundo do monge da literatura local, o último dos imortais que ocupa o lugar de fundador da sua cadeira, Sanderson Negreiros. De todos acima citados, foi o que mais demorou para tomar posse: dez anos ,sete meses e vinte e sete dias. Faz 40 anos que não divide com ninguém a sua imortalidade na Academia. Poeta, cronista, ensaista, autor de poucos livros, mas suficientes para garantir seu lugar nesta Arcádia, Sanderson Negreiros continua fiel à sua missão de escriba quando sempre nos presenteia com artigos nos jornais locais.

Natal- RN, 7 de janeiro de 2017

*Alguns dias depois de escrito este artigo, Dorian Gray Caldas faleceu, vitimado por um infarto fulminante.

FRANCISCO MARTINS é escritor, poeta e pesquisador. É autor de *A Grande Pesquisa – homenagem aos 80 anos da Academia Norte-rio-grandense de Letras* e outros livros.

CONTOS E CRÔNICAS

O apocalipse

Iaperi Araujo

Naquele fim de tarde do quinto ano de seca consecutivo, as ruas da cidadezinha pareciam um abandono só. Nem uma vivalma nas calçadas, nos bancos da praça, nas sombras das algarobas que teimavam contra o tempo com sua cabeleira de folhas bem verdes. Portas e janelas trancadas, mesmo com o calor dos infernos que parecia não se acabar mais. Céu muito limpo. Algumas nuvens arredias passavam rápidas, esgarçadas e muito brancas, sem levar um pingo de água sequer. Apenas passavam pelo céu do sertão. Nenhum prenúncio de inverno. O sol dourado já descambava por trás da serra e sentia-se que, como em todos os dias, a noite seria fria, pois um vento quente trazia redemoinhos de poeira pelas ruas. O único trecho calçado daquela pobre vila era ao redor da pracinha, um quadrilátero diante da igrejinha do povoado que parecia um pouco menos pobre que o povo que alí morava. O silêncio era tão grande que podia-se ouvir o pio de um caboré que sobrevoava a caatinga, ali bem pertinho, com seu vôo curto, mais parecendo um pulo no escuro em busca de um bicho qualquer prá matar sua fome. Mesmo com a pobreza reinante, na entrada do povoado armaram um circo. Uma tolda de andrajos que ostentava um pórtico todo remendado onde letras azuis anunciavam Gran Circus não sei o que, pois a ultima palavra já desbotara com os tempos de uso. Nem no circo se via movimento. Os artistas deviam estar descansando para a função de logo mais ou comendo alguma coisa prá matar a fome de tanto tempo. Um preá guisado com cuscuz ou um cuscuz simples com água e sal. Talvez nem preá. Eram uns artistas muito pobres. Vieram de carroça puxada por um boi que também se exibia nas funções, com Jemirly, a artista principal de pé no seu lombo desfilando ao redor do picadeiro. Pobre circo mambembe que sequer tinha lona de cobertura. Apenas o palco ficava sob um toldo azul desbotado com estrelas de um branco sujo, costuradas a mão e com remendos e rasgões de alto a baixo.

Com a noite, alguns moradores puxaram cadeiras prás calçadas a fim de curtirem a brisa suave que começava a chegar. Viam-se lampiões e lamparinas no interior das casas que espraiavam um pouco de luz pelas ruas. Tudo era silêncio na ruazinha, somente quebrado pelo cricricar dos grilos.

De repente, um som de tarol ecoou vindo do começo da rua. Era um som de fanfarra e muitos daquele povo que ainda se resguardavam no interior das casas se aproximaram da porta da frente com lamparinas acesas nas mãos. Numa ponta e noutra da rua, não se via nada. Só a escuridão que aos poucos foi sendo amenizada por um clarão de tochas. Era o povo do circo anunciando a função da noite. Aí apareceu o boi com os chifres enfeitados por fitas coloridas com a dançarina em cima, sentada com as pernas para um lado como uma dama. Atrás, no cortejo, um casal de anões, o dono do circo vestido de palhaço, o homem de ferro que também era malabarista e trapezista e os meninos da rua que tinham gravado no braço com carvão um círculo com um X para garantir a entrada na função de mais tarde. "O raio do sol suspende a lua, olha o palhaço no meio da rua" - cantavam os meninos. O dono do circo se esgoelava em gritar com voz de falsete "E o palhaço o que é?", seguido pelos meninos: "Ladrão de mulher..." E voltavam a cantar numa imagem meio alucinada de luz de tocha de fogo e poeira levantada pela caminhada noturna. Tudo era assombro praquele povo que desconhecia aquilo. Muitos nunca tinham visto um circo antes.

- Vige, deve ser o tal do apocalipse, gritou Agenor se levantando de supetão de sua cadeira de vime em frente do seu comércio. Rápido, meteu-se porta a dentro da casa, arrastando a cadeira e batendo forte a porta que fechava.

Algumas mulheres puxaram os meninos que brincavam nas calçadas prá dentro de casa.

- Já pra dentro.

Outras correram prá camarinha se pegar com os santos.

A caravana do circo passou pelas ruas deixando um clima tenso na cidadezinha. Uns que já tinham morado fora e conhecido outras cidades maiores, nem se incomodaram, mas soltavam boatos

para amedrontar os chamados “matutos.” Outros tomaram o rumo do começo da rua, carregando cadeiras e sob a luz de lamparinas e faróis a querosene para assistirem a função. Na escuridão dos campos, o circo todo iluminado com lâmpadas a vapor de querosene koleman parecia um fogaréu. Dona Sinhá, mesmo, que ia a contragosto com a família ao ver aquele clarão desistiu de vez.

- Me levem de volta, me levem de volta pelamordedeus.

E insistia, empacando como um jumento teimoso. O jeito foi Glorinha voltar com ela prá casa pois tava quase dando um passamento de pavor.

Quem trouxe cadeiras de casa, sentou-se. Quem não trouxe ou ficou de pé ou acocorou-se pelos cantos.

Foi quando apareceu o mestre de cerimônias com uma casaca velha puída e um laço vermelho no pescoço à guisa de gravata e a função começou.

Pra começar entrou um cavalo cardão, quase vermelho, tendo sobre ele uma moça ,muito magra com uma lança na mão. Ela circulou na frente do palco e de repemte se levantou e de pé continuou a cavalgar. Soltinha e puxou uma faixa da roupa que tinha escrita a palavra paz que lançou contra o povo, queimando.

Depois entrou um cavalo preto com outra moça sentada com as pernas para o mesmo lado e trazia uma balança na mão esquerda e na outra uma bacia com azeite que passava pelo corpo e pelos cabelos.

Um cavalo branco seguiu-se ao negro que emparelhou com o primeiro e ficou lado a lado diante do palco.

E veio o cavalo branco com sua cavaleira com um arco na mão e na outra uma coroa e a moça pinotava sobre o cavalo, cavalgando, às vezes sentada, outras vezes de pé. Por fim, emparelhou com os outros três enquanto encarava a plateia.

O último cavalo que entrou no circo era um baio e não trazia ninguém no seu dorso, apenas uma tocha acesa amarrada na sela.

Quando os quatro emparelharam, a cavaleira do cavalo cardão gritou “guerra”, a do cavalo preto, “fome”, a do cavalo branco

"peste" e como ninguém estivesse sobre o cavalo baio, o apresentador saiu do seu canto e gritou "morte".

Uma ventania entrou pela frente do circo como se conduzida por algo misterioso, apagando todas as luzes. Os cavalos empinaram as patas dianteiras e um barulho ensurdecedor dispersou todo mundo como se o circo fosse desabar. Um menino sambudo, que ninguém conhecia, de uns 8 a 10 anos, apareceu de não sei onde e correu para os cavalos, levantando a mão com a palma aberta para eles, gritando algumas palavras estranhas. Os cavalos se desorientaram e girando sobre eles mesmo buscaram a saída pelo palco e sumiram. A plateia desorientada procurava fugir. Poucos viram o menino enfrentar os presepes. Uns correram pela estrada em busca da rua. Outros, desnorteados correram no sentido contrário e outros ainda se danaram mato a dentro em extremo desespero.

Os que chegaram em suas casas, logo, se trancaram e mantiveram-se calados. Ao longe, o barulho ainda era ouvido, com estrondos que parecia que a terra toda estava se acabando. Ao amanhecer, os que se dispersaram voltaram calados e cabisbaixos à cidadezinha. A partir daí, tudo mudou entre aquela gente. Os que não eram crentes, passaram a crer fervorosamente e a frequentar a igrejinha do lugar. O circo desapareceu e no lugar ficou por muito tempo uma mancha de mato queimado bem redondinha, onde nunca mais nasceu mato algum.

IAPERI ARAUJO é médico, escritor e artista plástico. Da Academia Norte-rio-grandense de Letras e dos Institutos Histórico e Geográfico do RN e Goiás. Presidente do Conselho Estadual de Cultura e Diretor da Fundação José Augusto.

Relatos da busca:

O irmão

Iaponan Soares de Araujo

Para Iaperi Araujo e Maria Tereza de Queiroz Piacentini

Estava absorto quando meu irmão falou:

- Veja, ela acaba de atravessar a estrada e agora segue andando ali por baixo dos arbustos.

A ave continuava o seu percurso a passos largos e seguidamente nos olhava de esguelha, por certo se precavendo de possível ataque.

- É uma seriema, disse meu irmão. Há muito que elas não aparecem por esses lados. Pensei que já não existissem mais. A fome das pessoas é grande e até já andam caçando ratos para comer.

Por alguns instantes a imagem ficou retida em minha memória, com a ave se deslocando em direção ao interior do bosque. Pensei. O que a leva a cruzar nosso caminho? O que a impulsiona para este rumo, quando o certo seria embrenhar-se mata a dentro?

Pelo espelho retrovisor, continuei a observá-la no trânsito pela galharia seca e depois desaparecer entre troncos e pedras. Meu irmão que dirigia o carro, nada disse, distraído que estava em seus pensamentos.

A viagem já não era a mesma, muito embora a paisagem continuasse a nos parecer familiar, com a areia alva do rio e o serro ao longe serpenteando a linha do horizonte. Em espaços relativamente curtos, uma ou outra casinha de taipa se oferecia à margem da estrada, mas sem habitantes.

Meu irmão continuava em silêncio. A seu lado eu parecia estar só à procura das lembranças sufocadas por grandes ausências. Onde estive? Me perguntei.

O aparecimento da ave era a certeza de que eu estava vivo e voltava. Talvez o único fato concreto que restava daquela viagem.

IAPONAM SOARES DE ARAUJO Pedagogo e historiador nascido na cidade de São Vicente, no Rio Grande do Norte, no dia 26 de novembro de 1936, faleceu em 18 de julho de 2011 aos 75 anos de idade. Na sua juventude mudou-se para Santa Catarina logo aliando-se a grupos culturais. Membro da Academia de Letras de Santa Catarina, tendo publicado mais de 20 livros com temas de História, crítica literária e contos, focados na literatura daquele Estado. Suas obras de maior destaque são: *Ernani Rosas* (1968), *Panorama do Conto Catarinense* (que teve duas edições, uma em 1971 e outra em 1974), *Três Narrativas da Insônia* (1977), *Vamos Conhecer Biguaçu* (1985), *Santo Antônio de Lisboa* (1990), *Estreito - Vida e Memória* (1991), *Sob a pele do sono* (1983) de onde foi extraída esta narrativa, e *Ao Redor de Cruz e Sousa* (1998).

É uma casa brasileira, com *certeza*

Carlos Roberto de Miranda Gomes

De priscas eras todos conhecem o fado cantado pelo saudoso Ivon Curi – "é uma casa portuguesas, com certeza", que nos embalou nos auditórios, no rádio e em disco de vinil.

Parafraseando aquela canção fazemos o contraditório com a típica casa brasileira, não mais existente nas cidades grandes, mas ainda recalcitrante nos ambientes praianos de veraneio ou nas casas construídas na paisagem bucólica das fazendas e granjas.

No meu caso é a Casa de Praia. O que nos atrai tanto para ela nos tempos de veraneio? Essa indagação é de fácil resposta: a simplicidade e a cumplicidade.

Desculpem a rima, mas o "desalinho ordenado" (isso é possível?) prevalece com o trajar simples, a decoração improvisada, os costumes se acomodam como os dedos em uma luva.

Respira-se um ar de cativante humildade –"onde não há escravo nem Senhor, todos ali são iguais" (trecho de um Poema do mano Fernando escrito na Redinha). Há solidariedade nos deveres domésticos e outros triviais. De repente somos jardineiros, eletricistas, carpinteiros, bombeiros hidráulicos, pintores, churrasqueiros 'y otras cositas más'.

A rede é o símbolo exato, representando a um só tempo o seio da preguiça e o aconchego familiar – até os ruídos das correntes são sonoros.

Não existe limite numérico para os habitantes – muitos são os armadores distribuídos por todos os cômodos e alpendres da casa, até na sala de visitas.

Ninguém resiste a uma "madorna" depois do almoço, reflexo das caminhadas e banhos de mar, ou a qualquer hora, convenhamos.

Refeições feitas nos alpendres, com uma culinária própria no período - (um feijãozinho verde esperto, um peixe à moda, uma 'maxixada'), seguidos de um bom suco ou água de coco, ingredientes de fácil aquisição nas feirinhas do lugar, ao lado da natureza, um café quentinho com tapioca, uma televisão comunitária, colchões amontoados ao anoitecer e bem acondicionados durante o dia.

O jardim, regado com regularidade é o cartão de visita dos visitantes, organizado de forma rústica, mas conservando a beleza das plantas, não faltando diariamente o cantar dos pássaros madrugadores e a visita fiel do beija-flor que já faz parte da geografia sentimental da morada.

Livros empilhados são disputados, também os CDs com boa música, um radinho de pilha ou elétrico completando a comunicação com o mundo exterior. Agora já é possível acessar a internet e completar ou redigir trabalhos, mensagens e até assistir alguns DVDs selecionados.

A inspiração é uma consequência natural do ambiente, surgindo as crônicas, poesias e até livros, pois na praia os sons são diferentes, singulares, agradáveis em todas as dimensões.

Os passeios são realizados com assiduidade, praticamente como extensão das aventuras praianas e daí as descobertas, como no caso da Casa de Pedra de Pium, onde viveu João Lostão Navarro no tempo da invasão holandesa.

A casa está sempre cheia, tendo como melhor solução alimentar coletiva um bom churrasco ali, acompanhado de um vinho escolhido ou mesmo uísque com água de coco acolá, se possível, ao som plangente de um violão e as costumeiras cantorias: "quando chega o verão eu sento na varanda, pego o violão e começo a tocar", como nos versos da velha canção.

Veraneio significa ficar em estado de Graça, longe dos problemas do cotidiano, ainda que por curto espaço de tempo, curtindo a brisa, um bate-papo e o 'lual' em todo o seu esplendor!

Aqui vale dizer: "Se eu quiser falar com Deus", como exercício de realidade, pois as orações nunca faltam.

Se eu pudesse inverteria as coisas – viveria na Casa da Praia e passava temporadas na cidade – seria um maravilhoso viver a velhice, sempre aberto aos visitantes, muitos e esperados para um cafezinho da tarde com os acompanhamentos tradicionais.

Em verdade, como não poderia deixar de ser, há um momento de desencanto e de emoção – o dia do regresso. Despedimo-nos da Casa sem coragem de olhar para trás. A alegria e a paz de braços dados são deixadas tomando conta dela, na certeza de que em breve voltaremos "para viver sem receios àqueles tempos ideais".

Não é um simplório devaneio, mas uma realidade - um sonho possível, sim Senhor!

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES é advogado, professor e escritor, autor de *O Menino do Poema de Concreto* e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Inventário dos bens essenciais

Valério Mesquita

Vivo o desconforto e a nostalgia de mim mesmo ao me deparar com o sonho dos meus vinte anos que a idade madura não confirmou. Sinto-me disperso, irrealizado, quando retorno às minhas origens telúricas. A meta de trazer o passado ao presente, reconstruí-lo pela palavra e pensamento a fim de reconquistar a minha autoestima, parece-me uma tarefa hercúlea porque constato que o personagem não sou eu mas, sobretudo, o tempo. Deduzo que, precisaria recriar os fatos e renascer as pessoas. Verifico que sou o resultado de todas as convivências e acontecimentos afins do passado. Por isso o vácuo e a irritação me arrastam ao entendimento inconcluso de que tudo foi ilusão e fantasia, ou infecção sentimental.

Mas, existe o patrimônio existencial da terceira idade, onde a memória olfativa, a auditiva e, principalmente, a visual, procuram restituir-me o universo perdido das fases inaugurais da vida. Aquela lua cheia, por exemplo, vista do cais do rio Jundiaí em Macaíba, como se estivesse pendurada por fios invisíveis, atrás dos coqueiros e eucaliptos, infundia-me na adolescência negro mistério do tempo da colonização dos escravos, índios e colonos, de escuridão e medo, como se as fases lunares chegassem naquele tempo por édito imperial. Como me perco na contemplação do Solar do Ferreiro Torto e os seus sortilégios de poder, carne, cobiça e paixão. E a descortinação surpreendente do Solar dos Guarapes. Quantas perguntas insaciadas não existem sobre o que ocorreu ali? Os seus fantasmas que subiam e desciam a colina sob a batuta do senhor de engenho numa cosmovisão ora polêmica, ora lírica, dentro do abismo da memória?

"Tu não mudas o mundo. Mas o mundo te muda". Talvez essa frase de Otto Lara Resende explique e me convença que o futuro nada tenha a ver comigo, porque o passado está mais presente em mim do que o próprio presente. Em cada rua onde passo em minha terra revisito os mortos na lembrança tentando reconstituir os fatos com os quais dividi o tempo.

Para mim o chão dos antepassados é sagrado, mesmo que estejam sepultados nele resquícios enferrujados e rangentes de um

antigo fausto. Mesmo debilitada pela decadência física, da feição das caras e das coisas, o que mais me dói é a decadência das mentalidades e dos antigos costumes, como se fosse hoje um porão cheio de escuro, melancolia e solidão.

Dias sem esperança. Dentro, de minha alma gritam as inconformações. A terceira idade me oprime e me desgasta mais depressa. Seria mesmo a juventude o "único bem digno de inveja?". Quantos desejos não sufoco nessa vida de perplexidades e fantasias insaciadas? Percebo o quanto é frágil o ser humano. Vulnerável, mas egoísta. Salve-se a mulher que, apesar das fraquezas, ainda é a água potável de sempre. O que me domina mesmo é o medo de saber para onde tudo se encaminha. Não há certezas. Só dúvidas e dívidas. Por isso é que me volto, invariavelmente, ao passado, ao ritmo da busca, aos lances exatos. O universo que construí nos tempos idos e vividos não foi destruído. Permanece em mim, intacto, imune às aberrações da modernidade. Não me julguem severamente. Para viver naturalmente preciso me lembrar que não somente existo, mas que existi e já fui feliz. Não sou nostálgico ou antiquado. Por acaso, estudar a história do Brasil ou do Rio Grande do Norte é saudosismo? Reler a Bíblia ou os clássicos literários seria pieguismo? Cada um de nós tem uma história de vida com as suas lições imorredouras. Ignorar tais coisas é ser talibã.

Como me alegrava caminhar pelas ruas de Macaíba ao lado do meu pai! Era simples, humano, disponível. Dividia com os moradores da sua Fazenda "Uberaba" o fruto e o usufruto. Aos domingos, promovia no alpendre grande da sua casa o forró "pé de serra" e se divertia vendo os trabalhadores dançar. Era "devoto" das músicas de Luiz Gonzaga. E como era gostoso ouvir à tardinha o berreiro de Gonzagão: "Vai boiadeiro que a noite já vem. Leva o teu gado e vai prá junto do teu bem...". Mas, há tantas coisas que eu recordo e não cabem todas nessa procissão de relembranças. Talvez, isso esteja explicado dentro do fator tempo, a presença familiar e nenhuma agressão ainda ao meio ambiente. O viver é muito complicado. E fica mais emblemático quando se procura entender o significado do antes, durante e depois.

VALÉRIO MESQUITA é escritor, autor de *Notas de Ofício* e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

POEMAS

Haicais californianos

Diogenes da Cunha Lima

Haicai são borboletas em palavras
(DCL)

REFLEXÃO
No cais da cidade:
A vida é só partida
Pra eternidade.

INDEFINIDO
Esse barco perplexo
Se inunda e afunda
Inteiro e reflexo.

TRAPISTA
Pela paz do convento
Suave vão as nuvens
Levadas pelo vento.

SÓIS
Esta menina
Faz sol ao sol
E o ilumina.

UM INSTANTE

O amor é quando
A luz do crepúsculo
Cria pássaros voando.

O ASTRÔNOMO

Meditação ao vê-los:
Maior a mão do criador
A semear estrelas.

DESCENDÊNCIA

À baleia não importa
O cio do aquário
Gera outra prisão à orca.

MUSEU MARÍTIMO

Oh velho veleiro
Salvai este cais
De ser passageiro.

SOLIDÃO

Dão à solidão
O culto dos desertos.
Jesus dizia: os certos.

INGRATIDÃO

Dez foram condenados
À lepra, ser ou não ser,
Dos 10 um foi curado.

POENTE

Ilumina todo amor,
Se chega tarde não arde
Como se fora o sol se pôr.

CARTA A UM JOVEM POETA

A vida versa
A saudade.
Me invade meu gato persa.

ASSUNÇÃO

No frio da Catedral
Uma prece aquece
O Anjo Ave do vitral.

OFERENDA

Quando virar santo
Com belas estrelas
Te ornarei um manto.

ORIGEM

As cores, matizes
Das flores e frutos
Ignoram raízes.

ELEVAÇÃO

Bandeira no alto.
Raiz do País
De gente do asfalto.

ESTRANGEIROS

Cerrando fileiras
Turistas avistam
A sua bandeira.

FADÁRIO

No cais deserto
Navios são noivos
Têm destino incerto.

NOTURNO

Na vida tive desgosto
Que cresce mas se desvanece
A cada sol posto.

PULVERIS

É vã a tua glória: pó.
Que o tempo
Não tem memória.

ALBERT

Faz teu necrológio
Ou tem. Porque o tempo
Não tem relógio.

ORIGEM

A Via Láctea sequer
Sabe que nasce
De um seio de mulher.

SURREAL – 1

Sol de verão
Que é frio no estio
Cabe em tua mão.

VALIA

Toda tua mágoa
Borda, não transborda
Um copo d'água

O AMANTE DAS ÁGUAS

Nunca me deixes
Se nadar não te enfada
Teremos peixes

RETRATADA EM AÇÂO

Um cavalo levita
Rivais de Chagall
Sua moça orbita

CRIME E CASTIGO

Remorso à moda antiga
Da noite o fino açoite
Do vento o castiga

PAPAGAIO

Reflete o louro
Pra que serve a verve?
É Gaiola de ouro.

O RETORNO

Sem rumo, a gaivota
Sem tino, seu destino
É perder-se na volta

CULPA DOS OUTROS

Na estação, solitário
Quem perder o trem
Culpa o certo, o horário

O VIAJANTE

Imóvel num charco
Ama o mar
E seus barcos.

O CLARÃO

Noite ao relento
Uma lua flutua
No pensamento.

DESEJO

A vida repete o tema
Somos só o sonho
Que podia ser poema.

DIFERENTE VISÃO

para Antonio Nahud

Eu juro, no duro
Poeta é profeta
Que vê no escuro.

À SCHILLER

A tristeza, vadia,
Ouve Beethoven
Em "Hino à Alegria".

AMBIGUIDADES

para José Paulo Cavalcanti

Nego, outro cão, foi Dirceu
Quem deu ao poder seu amor
E a amiga fiel se perdeu
Quem calou esse cão? O gestor.

O CINEMA

É vida que ilude
a vida, fantasias.
Nasce Hollywood,
a mágica dos dias.

NA ILHA CORONADO

Quem será a mais famosa?
O Dragão do jardim
é árvore orgulhosa
de filmar com Marilyn.

NO CAIS

No cais vive a frota
Saudosa de azuis,
Museus dessas rotas
Tocadas de luz.

DIOGENES DA CUNHA LIMA é poeta, escritor e advogado, autor de "Os Pássaros da Memória", "Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz" e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

Cinco poemas

Marcelo Navarro Ribeiro Dantas

A NOITE

Num prado estranho
Coberto de grama vermelha
Pastava um garanhão branco
Cujo nome era Piau
E que tinha o fogo na boca

Seus olhos cor-de-brasa
Queimavam
Os de quem o olhasse de perto

E o corcel galopava livre
Pelo campo escarlate
Que não tinha começo
E não tinha fim

Em cima
O céu claro
Embaixo
Só o campo
E o animal correndo

O vento batendo nas crinas alvas
Os músculos fortes
Os cascos ligeiros
Tirando fogo do chão
E pegando no céu
Queimando o azul

Deixando um manto negro
Sobre o encarnado

E o cavalo parou
E viu que tinha feito a noite.

FOBOS E DEIMOS

Às vezes,
Em certas noites
Em que a lua não brilha com sua luz mortiça,
O Terror e o Medo me oprimem a garganta;
Os filhos de Marte me apertam o pescoço com os dedos.

Esbugalhando os olhos no breu quase tangível,
Busco fôlego inutilmente,
Uma golfada de ar.

Mas só ouço as risadas estrídulas
Dos invisíveis demônios.
E um zumbido de pedra
Caindo em cacimbão fundo
Me embala a agonia.

IGNORANTES

As coisas verdadeiramente importantes
Nós não sabemos.
A estrela continua brilhando
Mesmo quando não a vemos.

ODE AOS PROPAROXÍTONOS

Místicos
  Esdrúxulos
    Sinfônicos
      Exóticos
        Pictóricos

Lúdicos proparoxítonos
Mágicos vocábulos
Trágicos
Cômicos
Belíssimos.

TRISTEZA

O dia
Vai chovendo tristeza
Sobre a cidade.

E emprestando
Um ar cinza-tristeza
A tudo que se vê.

Uma cor
Que cai do céu,
Escorre nos telhados,
Desce pelas calhas,
Vai nas enxurradas
E molha todo o mundo.

Encharca de tristeza as roupas das pessoas
E forma imensas poças nas calçadas.

Poças de tristeza,
Onde vejo refletido
O meu eu triste
Que pensava perdido.

MARCELO NAVARRO RIBEIRO DANTAS é poeta, escritor e jurista, autor de "Mandando de Segurança Coletivo – Legitimação Ativa" e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

O menino de Aleppo

Racine Santos

"Dizei-me vós, Senhor Deus
Se é delírio... se é verdade
Tanto horror perante os céus"
Castro Alves

Não vi teus olhos, menino.
(Estavam cobertos de cinzas)
Não vi teu sorriso, menino.
(Os escombros apagaram)
Não ouvi teu choro, menino.
(A explosão engoliu)
Não vi tua vida, menino.
(Quem te roubou?)
Quem bombardeou tua cidade
Te conhecia?
Por que então mataram teus vizinhos?
Destruíram teus brinquedos?
Não deixaram tua mãe fazer tua comida?
Sujaram a tua roupa, a tua cara, as tuas mãos?
Arrancaram tua língua?
O que fizeste, menino,
Para que tanta raiva caísse sobre ti?
Desobedeceste teus pais?
Não foste a escola, não rezaste tuas orações?
Bateste em tua irmãzinha?
Por que tanto ódio traduzido em bombas
Sobre tua cabeça?
És malcriado? Respondão? Mal aluno?
Quais são os teus pecados, menino de Aleppo,
Que tanto irritam os donos do mundo?

Por que não choras, não gritas,
Não chamas por alguém?
Onde estão tuas lágrimas?
Por que não foste para Pasárgada?
Por que não foges para o Egito
Montado num jumento,
Com teu pai e tua mãe?
Ah, as bombas os levaram,
Como levaram tua voz, teus sonhos,
Tua dor.
Quem vai limpar o sangue no teu rosto,
Menino de Aleppo?
Os discursos na ONU?
As orações nos templos?
Passeatas raivosas na Avenida Paulista?
Que cor tinha a bomba
Que caiu sobre tua casa?
Vermelha ou azul?
Veio da direita ou da esquerda?
Quando vi tua imagem no noticiário,
Silencioso e quieto,
Vi lágrima de sangue
Escorrendo pela tela da tv.
Estava alucinado?
Vendo coisas?
Ou nada disso aconteceu?

Natal, 20 de setembro de 2016

RACINE SANTOS é escritor, poeta e dramaturgo, autor de "A Farsa do Poder", "Natal em Cena" e outros livros.

Natal: guia sentimental da cidade

Newton Navarro.

NATAL:
GUIA SENTIMENTAL DA CIDADE

Newton Navarro

"Volta para tua cidade e
enche-a de mistério."

Thornton Wilder

A L E C R I M

Ladeiras, estradas, sitios...
Hirtos, verdes
- os eucaliptos!

Nessa rua, todo dia,
Passam os mortos,
Sobem anjinhos,
(~~peitadinhos~~, as agonias...)
E no alto fim
Desse caminho trêdo
- a torre amarela de São Pedro!

Além,
A cidade descansa
Nessa colina branca....

Alí, um dia,
Irei ficar
Entre essencias de alecrim,
Feliz de mim!

B A L D O

Baldo, baldio, ladeiras...

Daquí para lá
Vão os caminhos da Ribeira.

Do outro lado,
Até o fim,
Como cheira a alecrim!

Baldo, baldio, ladeiras
Quanta sombra de mangueiras...

Newton Navarro

C I D A D E A L T A

Terno coração de pedra,
Mas,
Pedra de sentimento,
Que de tanto amor
Em duro granito se tornou.

Verânica luz
Esplende em tuas torres
-Rosário ! Catedral !

E um canto de saudade,
Todas as tardes,
Canta,metálico,
Um galo áulico,
-Cidade Vesperal !

No alto,os sinos
Não choram os mortos,
Chamam-lhe o nome.

E ao longo o rio
Desce cantando,
E num passeio
A tarde carregando...

R I B E I R A

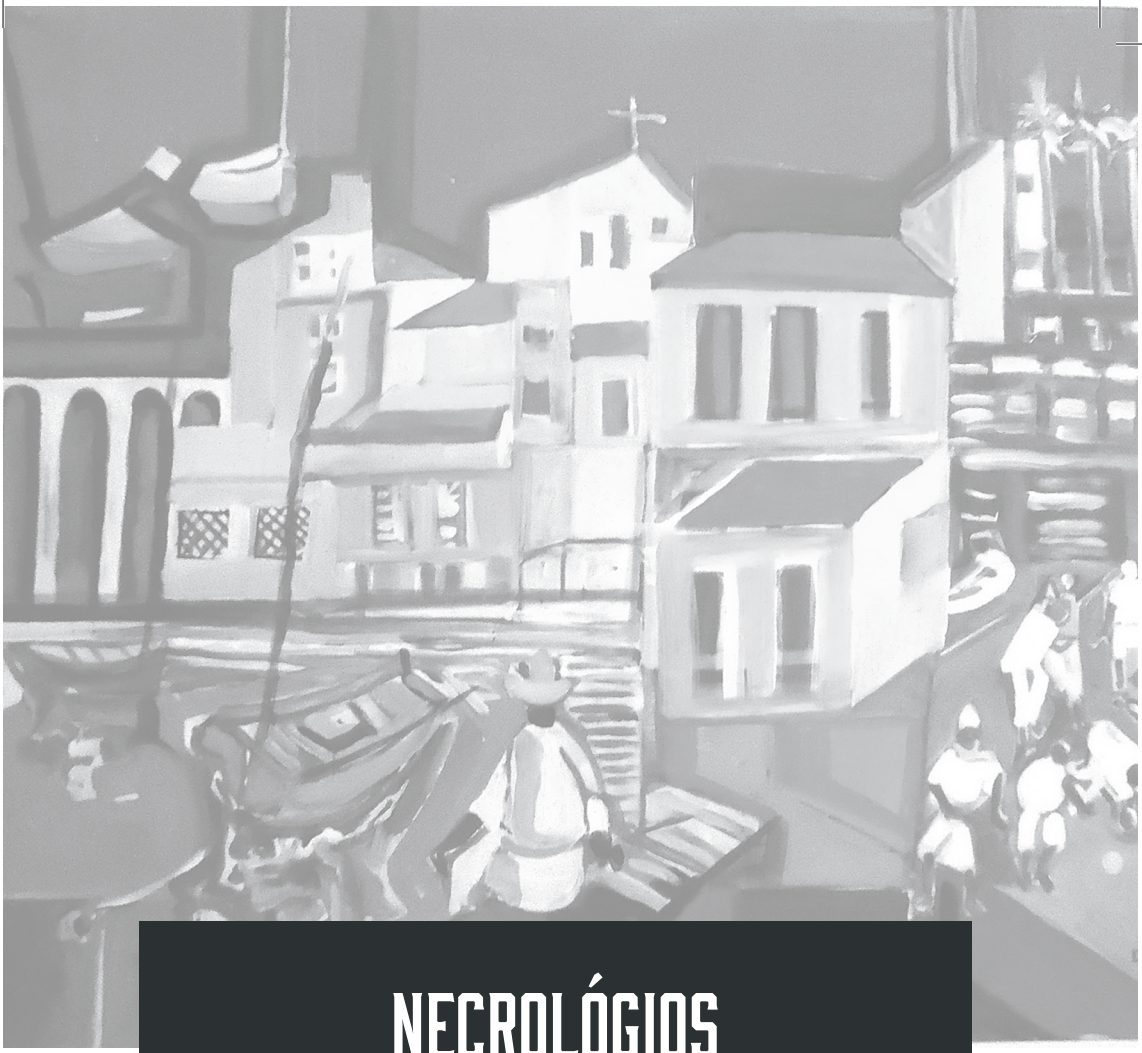
Nesse território
À beira-mar
As saudades a começar...

É terra das despedidas
-Chão das partidas

A quantos a viajar
Nesse trem das madrugadas
Ou nesse porto de rio...

É sempre a mesma tristeza.
Bairro vazio...

NEWTON NAVARRO (1928- 1991). Escritor, poeta e artista plástico, ocupou a cadeira nº 37 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



NECROLÓGIOS

Ernani Rosado*

Cláudio Emerenciano

A percepção e o entendimento do mundo e da vida se ampliam com o passar dos anos. George Bernard Shaw, gênio universal em dois séculos (1856-1950), identificava na mocidade, e nos primeiros tempos da idade adulta, a predominância de sentimentos, emoções, ideais, sonhos e preferências subjetivas, reveladoras do estado de espírito ou de circunstâncias psicológicas. Mas ressalvava que nada no comportamento humano é absoluto, definitivo, irreversível. Pois um dos traços da condição humana é ser imprevisível, surpreendente, criativo. Mesmo assim, exaltava e decantava a maturidade e a velhice, distinguindo-as da senilidade ou decrepitude. A maturidade é o tempo em que a pessoa se despoja e se liberta de uma série de condicionamentos, legítimos ou ilegítimos, pessoais, egoístas, susceptíveis de afetar sua visão da vida. Ingressa em nova fase da existência. Pode desfrutar plenamente de um atributo, dádiva de Deus: a inserção no espírito da Criação. Exercitar a plenitude da lucidez para vivenciar o sentido de eternidade. Participar de belezas e ações sem fim. Persistir na busca de respostas aos questionamentos da condição humana.

O homem é a medida de todas as coisas. Esse princípio antecedeu ao Cristo, mas somente Sua vida e Seus ensinamentos revelaram sua plena dimensão. Viver é amar, compartilhar, juntar, compreender, ascender, reunir, crescer, renunciar, desprender-se. Essas verdades eternas, imutáveis, são reprimidas, confrontadas e desafiadas nos tempos atuais. Assistimos uma egolatria sem precedentes. Impõe-se a cada um erguer, dentro de si, o templo da morada de Deus, erradicando ódios, ressentimentos, vaidades, orgulhos, mentiras, falsidades, hipocrisias e crueldades.

Todo amanhecer, para mim, é momento de poesia. Transporto-me, descortinando as maravilhas infinitas da obra de Deus. Instante de êxtase. As madrugadas me conduzem à reflexão, ao pensar, especialmente, sobre o universo humano no qual a minha

vida transcorre. James Joyce, outro gênio irlandês, em um dos seus mais notáveis contos, "Os mortos" (convertido em filme por John Huston), reafirma que os atos de amizade não morrem, eternizam-se por seu peso e seu sentido. A amizade não passa. É presença na alma e na saudade. É um elo transcendental. Imanta-se ao espírito dos que se afeiçoam e se ligam por esse vínculo, que transpõe os limites da vida humana. Nele predomina exclusivamente o Ser.

Cada um de nós é referência e parte no universo de relações ao longo da vida. Laços por opção individual. Na amizade se juntam, misturam-se a afeição, a admiração, o respeito e, na distância ou morte, a saudade.

O sentido da vida e das coisas se revela em cada momento e circunstância. Ortega y Gasset, um dos maiores pensadores do século XX, resumiu sua visão do mundo e da vida numa sentença precisa e admirável: "eu sou eu e a minha circunstância". Não quer dizer que a circunstância condicione, molde, plasme absolutamente, em forma e conteúdo, pensamentos e atitudes das pessoas. De modo algum. Há, entre o homem e sua circunstância, um amálgama, uma mistura, uma identidade. É um processo interativo sem fim. Persiste enquanto vivemos. É uma contínua renovação de consciência da realidade. Cada um de nós germina e amplifica, dentro de si, uma fonte ilimitada de sentimentos, sonhos, aspirações, ideais, vontades, criações originais, enfim, percepções e atitudes que fazem o mundo avançar ou regredir. Em cada instante de amor se revela a real essência da dimensão humana. Na união de uns com os outros, na partilha e no usufruto da vida há uma ascensão espiritual, ética, moral e cultural. Assim a vida manifesta seu sentido através de relações humanas que verdadeiramente fundamentem amor, solidariedade, harmonia, paz, justiça e convergência de uns com os outros. Eis um percurso interminável da humanidade. O amor não é nem pode ser solitário. Essas são a circunstância e a via que ensejam construir o "homem novo" preconizado por São Paulo. Sentir o próprio Deus. Ter-se consciência de ser parte da Criação, infinita, eterna, pois "Deus caritas est", Deus é caridade, Deus é amor. A grandeza humana essencialmente é a integração da criatura na Criação. Esses foram os caminhos percorridos na

vida de Ernani Rosado. Elevação incontida. Irrefreável. Sempre em ascensão para Deus.

Felizes são aqueles que detectam em cada passo de sua vida um sentido transcendental, impessoal e coletivo. Buscam captar, entender e alcançar a presença de Deus na vida dos homens. Fernando Pessoa, em "Palavras de Pórtico", interpretou como ninguém esse estado de espírito, esse sentimento e essa verdade: "Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo. Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que para isso tenha de a perder como minha"... Henri Bergson, filósofo e Nobel de 1927, dizia que cada homem carrega dentro de si um universo, tão múltiplo quanto as estrelas do céu. São experiências e sensações, tudo quanto cada um sente e vivencia desde o nascimento até à morte. Esse "universo" se expande em função de sua harmonia e convergência com o sentido universal da vida. É a construção da paz interior, ilimitada, inesgotável, crescente e indomável, que se renova na alma dos justos. Dom divino que liga os homens a Deus e os torna verdadeiramente irmãos entre si. Os evangelhos atestam o sorriso do Cristo ante as crianças que o procuravam. Do mesmo modo aludem às suas lágrimas, vertidas quando se defrontou com o túmulo de Lázaro, antes de ressuscitá-lo. Sua condição humana ali se manifestou. E mais ainda, os Evangelhos reconstituem seus momentos de amargura nos jardins de Getsêmani, quando chorou e suou sangue. Ernani imergia no significado desses momentos, singularmente comovido ao ler as páginas da "Vida de Jesus" tanto de Plínio Salgado quanto de François Mauriac.

Esses tempos natalinos me evocam particularmente sua ausência. Por várias razões. Era o amigo que, por inúmeras vezes e em circunstâncias diversas, revelou-me sua tristeza ante o sofrimento de tanta gente no mundo. Milhões e milhões vítimas da miséria, da fome, da injustiça social e da violência. Sobretudo no Brasil e em nossa região. Partilhamos com nossas famílias a ceia natalina por mais de vinte anos. Repito o óbvio do conhecimento da comunidade norte-rio-grandense: sua vida foi dedicada a servir ao próximo

e, à sua maneira, construir o bem comum. Deus o dotou de inteligência e sensibilidade excepcionais. Também de uma determinação em agir, criar, mobilizar, inovar e avançar para resgatar, no âmbito do seu exercício profissional, a nossa dívida social. Sua visão, seu espírito de servir e seu desprendimento enfrentaram nosso cenário então pobre e provinciano. Desde que veio morar definitivamente em Natal, após a conclusão do curso de Medicina em Recife, Carlos Ernani Rosado Soares atuava como uma espécie de "midas", transformando a área da saúde em nossa cidade. Seu desempenho como médico, professor e intelectual foi um testemunho vivo do mandamento "exupéryano": "nada tem sentido se aí não misturei meu corpo e meu espírito". O juramento de Hipócrates, de conteúdo ético, moral, filosófico, cultural e espiritual, sublimou-se com Ernani Rosado, que o compartilhou, em diversas fases de sua vida profissional, com homens da envergadura de Onofre Lopes da Silva, Clóvis Travassos Sarinho, José Tavares da Silva, José Ivo Cavalcanti, Silvino Lamartine, Mariano Coelho, Luiz Antônio dos Santos Lima, Varela Santiago, João Machado, Helen Costa, Eudes Moura, Grácio Barbalho, Leide Morais, Paulo Bittencourt, Dinarte Mariz Júnior, Onofre Lopes da Silva Júnior, Araken Irerê Pinto.

Ernani Rosado foi um personagem orteguiano. Sua circunstância condicionou seus estudos. Seu pai, funcionário federal da previdência, serviu em Manaus, Belém, Fortaleza, Maceió e Recife. Desde menino, invariavelmente primeiro da turma, em instituições de ensino das cidades onde seu pai atuou, inclusive Mossoró e Natal. Primeiro lugar no vestibular de Medicina em Recife. Foi o laureado e orador concluinte em 1957. Obteve em 1960 o certificado de proficiência em Inglês pela Universidade de Michigan e em Francês em 1961 pela Universidade de Nancy. Em 1965 concluiu com láurea a Licenciatura em Língua e Literatura Inglesas pela então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, posteriormente incorporada à UFRN. Atuou como médico em 1963 na Clínica Cirúrgica do Hospital Karolinska em Estocolmo (Suécia) e, em 1968, na Clínica Cirúrgica do Maine Medical Center (Estados Unidos). Integrou uma infinidade de instituições médicas nos Estados Unidos e na Europa, além de suas congêneres nacional e local, que lhe tributaram justas homenagens. Médico caridoso, humanista, cultor

das letras e das artes, foi professor fundador do curso de Medicina da nossa UFRN, da qual era professor emérito, e Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, na qual estruturou, organizou e implantou seu Curso de Medicina. Entretanto, uma homenagem singela, de inimitável e emocionante conteúdo humano, emerge de uma placa que está nos umbrais da instituição: "O Centro de Estudos Silvino Lamartine do Hospital Infantil Varela Santiago, querendo fixar no tempo e no espaço a importância das ações humanas, presta, no simbolismo desta placa, sua homenagem maior ao Dr. Carlos Ernani Rosado Soares, cuja grande parte de sua vida profissional foi dedicada ao serviço e alívio do sofrimento de milhares de crianças que passaram por este hospital". Em 12 de outubro de 1990.

Ernani Rosado foi um homem dotado de incomparável e inaudita consciência da humildade. Sua simplicidade se revelava em gestos, atitudes e relações. Sedimentou, como poucos que eu conheci, paz, serenidade, generosidade, solidariedade e fidelidade aos princípios que nortearam sua vida. As inumeráveis circunstâncias de sua existência parecem aludir a uma espécie de intervenção da mão divina a lhe criar oportunidades. Senão vejamos. Quando seu pai, Messias Soares, residia em Fortaleza, fez amizade com um colega da previdência, Paulo Cabral, que também dirigia ali a emissora associada. Em visita ao amigo, Paulo Cabral se surpreendeu com os conhecimentos sobre futebol do jovem Ernani, como também do seu desembaraço em descrever e analisar acontecimentos da época. Paulo o convidou para integrar a equipe de jornalismo de esportes da Rádio Clube de Fortaleza. Nascia, então, o narrador e, posteriormente, comentarista de futebol Ernani Rosado. Em 1950 o Rio Grande do Norte se mobilizou em memorável campanha popular, que elegeu Jerônimo Dix-Sept Rosado governador do Estado. Dix-Sept pregava modernidade, avanços e transformações. Antes fora apresentado por José Augusto Bezerra de Medeiros, em histórico e comovente discurso, na tribuna da Câmara dos Deputados, como o maior prefeito do Brasil, tendo em vista sua visão, criatividade, ações inovadoras e prioridades. Ernani era seu afilhado e, solidariamente, apresentou-se ao tio para ajudá-lo. Assim o jornalista esportivo de Fortaleza, já tarimbado, coordenou a campanha

política em Mossoró em programas de rádio e difusoras. Quando estudava medicina em Recife, um colega de turma, primo de Marco Maciel, apresentou-o, em 1953, ao poeta Carlos Pena Filho. Nascia uma fecunda amizade. Ernani conhecia e declamava suas poesias. No período natalino Ernani costumava recitar o poema "Natal": " Sino, claro, sino/Tocas para quem? Para o Deus-Menino, que de longe vem! /Pois se o encontrares, traze-o ao Meu Amor/E o que lhe ofereces, velho pecador? /Minha fé cansada...meu Vinho, meu Pão! /Meu silêncio limpo.... Minha solidão". Sucediam-se outros poemas frequentemente relembrados como "Olinda, do alto do mosteiro um frade vê" (a Gilberto Freyre) e " A mesma rosa amarela". Nas décadas de 40 e 50, um dos lugares frequentados por estudantes deste Estado em Recife era o Bar Savoy. Ali Carlos Pena Filho o apresentou ao grande Ascenso Ferreira. Ernani, sorridente, não se cansava em declamar o poema " Chopp", cuja leitura da primeira estrofe é suficiente para captar a contingência que a cerca: "Na avenida Guararapes, o Recife vai marchando, O bairro de Santo Antônio, tanto se foi transformando que, agora, ás cinco da tarde, mais se assemelha a um festim, nas mesas do bar Savoy, o refrão tem sido assim: São trinta copos de chopp, são trinta homens sentados, trezentos desejos presos, trinta mil sonhos frustrados".

Ernani Rosado foi um notável enxadrista, tendo ganho certames locais e regionais. Foi ativo radioamador. Quando houve um acidente aéreo, de madrugada, na região de Campina Grande, com um avião do então Lóide Aéreo, Ernani foi o primeiro a captar o SOS, que o retransmitiu para as autoridades do setor. Também colaborou em campanhas estaduais de vacinação, pois o Estado ainda não dispunha na época de interligação telefônica. Ernani era cultor de música clássica, jazz, música popular brasileira e cinema. Seu acervo é magnífico. Invejável. Mas o cinema foi uma de suas grandes paixões. Desde a infância anotava em um caderninho a ficha técnica dos filmes. Em depoimento à Memória Viva da TV-U declarou que anotou cerca de três mil filmes, quando o acervo foi transferido para a memória do computador. Um outro colega de turma o apresentou a Mauro Motta, que dirigia o "Diário de Pernambuco". Surgiu então um convite para que ele escrevesse críticas de filmes. Seus estudos e treinamento profissional no curso de

Medicina o impediram de publicar textos periodicamente. Mesmo assim, comentou eventualmente, entre outros, "Crepúsculo dos deuses", "Matar ou morrer", "Depois do vendaval", "A um passo da eternidade", "A felicidade não se compra", "A condessa descalça" e "Roma, cidade aberta" (sempre reexibido). Sua filmoteca é fantástica. Suas maiores admirações contemplaram cineastas como Billy Wilder, Frank Capra, Frederico Fellini, Vittorio De Sica, David Lean, Orson Welles, Roberto Rosselini, Charles Chaplin, John Ford, Fritz Lang e Jean Renoir.

O que dizer do escritor e intelectual Ernani Rosado? Seus livros, entre outros "O tempo não passou" e "A memória permanente", permitem-no associá-lo com outro médico escritor e pensador: Axel Munthe. O conteúdo de "O livro de San Michele" se harmoniza com as mensagens, os questionamentos, os sonhos e a poesia em prosa de Ernani. Tudo nele venerava a vida que transforma o mundo. Da vida que não se imobiliza nunca. Sua percepção detectava em cada personagem e em cada circunstância seu amor à condição humana. Amor ao próximo, revelado cada dia em suas distintas atividades. Principalmente como médico. Seu estilo era simples, claro, preciso, coloquial e circunstancialmente poético. Identifiquei semelhança com José Lins do Rego e Rubem Braga. Suas observações eram indisfarçavelmente impregnadas de temática existencial. Eu lhe dizia que o amor por Mossoró e sua gente estava enraizado em sua alma. E me foi permitido comprovar esse liame espiritual. Em 1993, fins de novembro, em plena madrugada de Paris. Estávamos os dois casais debruçados num dos parapeitos da ponte Neuf. Vento solto e cortante. Contemplávamos o Sena, seus barcos e os casais em suas margens. Então subitamente o flagrei calado, quase taciturno, reflexivo. Perguntei-lhe o que se passava. Respondeu incontinenti: relembrava as cheias do rio Mossoró, admiradas do alto de uma ponte. Confessou-me que, de tão longe, reconstituía fantasias de sua infância. O temperamento pacífico e cordato, a prudência, a discreção e a fidalguia no relacionamento social, a generosidade, a humildade e o desprendimento eram marcas de sua personalidade. A essência do seu ser não coexistia com a mesquinharia e a mediocridade. A grandeza de sua alma plasmou uma visão voltada para o alto, para Deus. Ernani pertenceu à rara

estirpe do herói de Sófocles na Antígona: não veio para partilhar o ódio, mas para distribuir o amor. Dele se pode dizer: "Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus".

Ernani Rosado foi um filho, esposo, pai, sogro e irmão amoroso, devotado, exemplar, carinhoso, compreensivo, terno e emotivo. O amor por sua esposa e companheira eterna Madalena, seus filhos Herman e Lorena, seu genro Euclides e sua nora Áurea, seu irmão Roberto e sua netinha Laura, com quem conviveu tão pouco, mas foi esperada por ele com infinito amor, esses são laços que alcançam a eternidade e se alçam aos pés do onipotente Deus, rendendo graças por sua misericórdia e pelo usufruto de sua paz. Ernani amava seus familiares próximos e distantes. Os que ficaram e os que partiram, como seu pai e sua mãe, seus tios, seus primos e seus amigos, tantos e tantos que foram enobrecidos e cativados por seu exemplo de vida, um homem digno, reto, justo, sereno, tolerante, leal, sincero, cristão de fé inabalável, o qual, enquanto viveu, fermentou fraternidade, paz e solidariedade. Sobre Ernani Rosado aplica-se plenamente a sentença de Shakespeare, proclamada por Marco Antônio em homenagem a Brutus: "Dos nobres era o mais nobre. A sua vida era pura. Os elementos que compunham o seu ser, de tal forma nele se conjugavam, que a Natureza inteira poderia levantar-se e bradar ao universo: aqui está um Homem".

*Discurso proferido na ANRL, em 19 de dezembro de 2016.

José de Anchieta Ferreira

HOMENAGEM DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS – ANRL PRESTADA AO ILUSTRE ACADÊMICO RECENTEMENTE FALECIDO. CERIMÔNIA REALIZADA EM 14 DE FEVEREIRO DE 2017 SENDO O ORADOR DESIGNADO PARA A OCASIÃO O ACADÊMICO JOÃO BATISTA PINHEIRO CABRAL.

Excelentíssimo Senhor Presidente desta Academia, a Casa de Manoel Rodrigues de Melo, Dr. Diogenes da Cunha Lima.

Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente Jornalista Paulo Macedo e demais integrantes da Diretoria da casa da cultura do Rio Grande do Norte.

Senhoras e Senhores Acadêmicos

Dignos familiares do saudoso acadêmico José de Anchieta Ferreira da Silva

Minhas senhoras, meus senhores

Estamos aqui reunidos nesta solenidade por designação do Presidente desta colenda casa acima nominado. Aceitei a incumbência com um misto de tristeza, saudade e, também, como uma maneira pessoal e institucional de prestarmos ao nosso confrade desaparecido a homenagem que lhe é devida.

José de Anchieta Ferreira da Silva ocupou em vida a cadeira de nº 3, cujo patrono escolhido quando da fundação desta Casa é o Conselheiro Brito Guerra da qual foi o primeiro titular o preclaro Doutor Otto de Brito Guerra, a quem o Rio Grande do Norte deve inestimáveis serviços prestados em todas as áreas da atividade humana e que teve como segundo ocupante o pranteado acadêmico recentemente falecido, Doutor José de Anchieta Ferreira.

Antes de ocupar a honrosa posição no seleto grupo de acadêmicos desta Arcádia, cumpre-me dizer que José de Anchieta Ferreira da Silva pertenceu também a Academia de Medicina do

Rio Grande do Norte – AMRN que foi fundada por um grupo de médicos de grande destaque científico e acadêmico residente em Natal, dentre os quais se destacaram Maria Giselda da Silva Trigueiro, Clovis Travassos Sarinho, Milton Ribeiro Dantas, Carlos Ernani Rosado Soares, para citar apenas alguns. É oportuno lembrar aqui que diversos integrantes da Academia de Medicina do Rio Grande do Norte vieram também a pertencer a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, com brilhantismo e valor artístico e literário e profissional como, por exemplo, Armando Negreiros para citar apenas um.

Na primeira reunião dessa Academia de Medicina do Rio Grande do Norte foi eleita como Presidente, muito merecidamente, a Doutora Giselda Trigueiro, que também foi encarregada da elaboração dos Estatutos da Entidade, figurando como integrante da diretoria o Doutor José de Anchieta Ferreira da Silva, que foi eleito, mais tarde o seu quinto presidente.

Além da Academia de Medicina do Rio Grande do Norte, José de Anchieta pertenceu também aos quadros da mais antiga instituição cultural do Rio Grande do Norte, o nosso vetusto Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – IHGRN, que foi por longos anos presidida por Enélio Lima Petrovich nosso confrade nesta casa criada sob a égide de Luís da Câmara Cascudo, Mestre de todos nós.

José de Anchieta ou Zé, como nós o chamávamos na intimidade foi também do Corpo de Saúde da briosa Polícia Militar do Rio Grande do Norte, começando sua carreira como tenente médico daquela corporação e alcançando a maior patente, a de coronel, quando passou para a reserva da aludida Instituição que tantos serviços tem prestado à sociedade do Rio Grande do Norte. Na sua carreira de médico militar associou-se a Pedro Germano, seu colega de profissão e juntos trabalharam com afinco pela fundação e instalação do Hospital da Polícia Militar do Rio Grande do Norte. Por longos anos foi o vice-diretor na administração do Doutor Pedro Germano, substituindo-o – inclusive – quando da sua reforma, passando de vice-diretor a Diretor Geral do referido nosocômio militar.

Concomitantemente com suas atividades ligadas ao Corpo de Saúde da Polícia Militar participou com outros médicos da sua especialidade, ou seja oftalmologia, da fundação da renomada Clínica de Olhos, ainda hoje existente , que presta atendimento da mais alta qualidade aos que necessitam de tratamento relacionado à visão. Por oportuno deve-se registrar aqui que juntamente com o Doutor João Maria Monte, seu colega de especialidade médica, prestavam – gratuitamente – assistência médica oftalmológica aos clientes mais pobres das cidades circunvizinhas de São José de Mipibu, uma vez por semana e com isso curaram ou melhoraram as condições visuais de centenas de pessoas pobres que de outra forma estariam condenadas à cegueira.

José de Anchieta era filho de Júlio Ferreira da Silva e de Maria Stella Garcia Ferreira e nasceu em 1928, na cidade de São José de Mipibu. Foram seus irmãos, pela ordem decrescente :

1. Maria da Conceição Ferreira
2. Aidam Ferreira de Almeida
3. Geraldo Jeferson Ferreira da Silva
4. Pedro Ferreira da Silva
5. Murilo Ferreira da Silva
6. Francisco Garcia Ferreira da Silva
7. João Batista Garcia Ferreira

Casou-se logo depois de formado com Lúcia Maria Guerra Ferreira, filha de Domício de Brito Guerra e de Dona Clinéa Barbalho Guerra. Fez seus estudos primários no tradicional e hoje centenário Grupo Escolar Barão de Mipibu, em sua cidade natal: São José de Mipibu. Concluído o curso primário transferiu-se para Natal onde no antigo Colégio Marista, que funcionava no anexo da Igreja de Santo Antonio terminou o ginásio. O passo seguinte foi o Ateneu Norte-rio-grandense onde terminou seu curso secundário. Prestou vestibular na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, diplomando-se médico oftalmologista em 1955.

Voltando ao Rio Grande do Norte, tornou-se professor da matéria de sua especialidade, oftalmologia, na recém criada Faculdade de Medicina do Rio Grande do Norte. No exercício do ensino superior contribuiu para a formação de competentes médicos na sua área de estudos, participou de inúmeros congressos, encontros, e atividades científicas a ela ligadas.

Em tudo que fez na vida Zé de Anchieta foi tolerante e paciente perdoando a tudo e a todos e cumprindo exemplamente seus deveres. Para ele todos eram bons até prova em contrário. Veríssimo de Melo, também de saudosa memória, que foi o amigo que me apresentou a ele descreveu-o como um homem bom, que não tinha mágoas de ninguém, que era um cientista humilde demais, um pouco tímido e um homem absolutamente tranqüilo e cumpridor dos seus deveres. Disse-me também Veríssimo na ocasião realçando o que já foi dito acima, que era um médico que atendia aos pobres e aos ricos, de igual modo e com igual atenção, e que não demonstrava aos seus pacientes ou seus familiares ambição por qualquer recompensa pecuniária.

Em sua produção acadêmica destacam-se dois livros, a saber: "**Histórias que não estão na História**", que alcançou três edições – coisa rara nessa nossa província literária - e "**História – fatos e fotos**", sendo este último publicado em 1996.

Em sua primeira obra "Histórias que não estão na História" o Professor e Acadêmico José de Anchieta Ferreira recolheu com o faro de bom garimpeiro e pesquisador fatos, episódios e momentos do que de mais sugestivo e significativo ocorreu no passado histórico de nosso Rio Grande do Norte. Algumas das histórias que ele fixa para os pósteros são simplesmente retratos da realidade política, social, econômica e cultural de nossa terra, fazendo-o de uma forma leve, não cansativa aos leitores, mas todas com profundo significado humano. Todas elas têm algo em comum, pois são simplesmente agradáveis. As pessoas, os figurantes, os temas, os fatos e os casos realçam as vaidades contrariadas, as ambições frustradas, o verdadeiro patriotismo, o oportunismo, as artimanhas e espertezas, o desprendimento e fatos do nosso passado longínquo e próximo que não foram registrados devidamente nas fotografias ensaiadas da

historiografia oficial ou oficiosa, por conveniência ou falta de habilidade dos historiadores ou cronistas convencionais ou de ocasião.

Para ilustrar o que acabei de dizer vou reproduzir a história por ele contada da primeira aluna do Ateneu, dos velhos tempos da Junqueira Aires. A pequena crônica de grande significado chama-se

PRECONCEITO INJUSTIFICADO

Uma de suas filhas havendo terminado o curso primário, o Desembargador Felipe Guerra foi matriculá-la no Atheneu. Sabendo da resistência que iria encontrar, em vez de dirigir-se à Secretaria foi ao Diretor, o latinista Cônego Estevam Dantas. Iniciava-se o ano de 1922.

-Infelizmente não posso aceitá-la porque, como o senhor sabe, o curso é só para homens.

-Há algum regulamento, alguma lei justificando essa discriminação?

-Não, mas não há alunas aqui no Atheneu e uma moça sozinha, no meio de todos esses rapazes, pode ser desrespeitada.

-Quanto a isso, Cônego, eu respondo por ela, porque sei que ela se fará respeitar.

-Mesmo assim, não posso aceitá-la porque é muita responsabilidade para mim.

-Eu vou requerer a matrícula e o senhor indefira se quiser.

-Bem , eu vou conversar com o Souza (o Governador Antonio de Souza) concluiu o Cônego Estevam.

E, foi assim, vencendo injustificável preconceito, que D. Marieta Guerra, cujo nome verdadeiro é Maria Gurgel, foi pioneira, a primeira mulher a ingressar no Atheneu Norte-rio-grandense

e a fazer o Curso Secundário no Rio Grande do Norte. E o fez com distinção tendo sido a oradora da sua turma nas solenidades comemorativas do primeiro centenário da Independência do Brasil. Foi aluna de professores do padrão de João Tibúrcio, de Adauto Câmara, de Hostílio Dantas, de Floriano Cavalcanti, de Abel Barreto, de Celestino Pimentel, do Padre Calazans Pinheiro, de Mario Lyra, de Teódulo Raposo da Câmara e de Joaquim Torres.

Seguindo o seu exemplo, outras ingressaram a partir do ano seguinte, inclusive a filha do Professor Celestino Pimentel. E os temores do Cônego José Estevam Dantas não se confirmaram. Só que no primeiro ano, durante o recreio, a jovem Maria Gurgel era obrigada era obrigada a permanecer na Diretoria, separada dos colegas, o mesmo acontecia nos primeiros anos seguintes com as outras alunas.

Outro quadro ilustrativo da capacidade de fixar exatamente na crônica episódios que dificilmente se encontram na historiografia oficial chama-se

Exemplar Dignidade

Com a deposição do Presidente João Goulart no golpe armado de março de 1964, de repente tudo e todos ficaram sob suspeita, num clima de violenta repressão e rígida censura. E a maior preocupação dos novos governantes foi punir os chamados esquerdistas, sobretudo aqueles que tiveram atuação na divulgação de idéias ou ideologias consideradas por eles subversivas. E como sempre ocorre em movimentos desta natureza as universidades foram particularmente visadas ,

com a invasão de suas instalações e a prisão de professores e alunos. E a Universidade Federal do Rio Grande do Norte não podia escapar a esta escalada de violência. Mas atitudes de exemplar dignidade do Reitor Onofre Lopes, como atesta o episódio a seguir, evitaram que ela tomasse dimensões incontroláveis.

Na antiga Reitoria da Hermes da Fonseca, ainda nos primeiros dias da deflagração do golpe de Estado, o Dr. Otto Guerra encontrava-se despachando-se com o Dr. Onofre, em seu gabinete no primeiro andar, quando chega inesperadamente um oficial do Exército, em farda de campanha. Sem comentários o militar vai direto ao assunto: "Reitor, venho aqui pedir ao senhor a relação dos professores e alunos comunistas da Universidade". O Reitor trancou a cara, mexeu-se na cadeira num gesto de insatisfação e, calmamente, respondeu: "Capitão, muita gente me chama de reacionário mas isso não me incomoda. Mas há uma coisa que eu não quero: é ficar na história como delator. Não vou lhe fornecer lista nenhuma. A revolução está com a faca e o queijo nas mãos e tem poderes para examinar a vida de professores e alunos, mas por outros meios".

Na segunda obra, "Histórias – fatos e fotos", dentre as muitas crônicas quero ressaltar um episódio ocorrido com a poetisa e escritora Myriam Coeli sua contemporânea de infância em São José de Mipibu, e sua colega de classe no já aludido Grupo Barão de Mipibu. Volto a palavra a José de Anchieta, transcrevendo a breve crônica "Lembranças de Myriam Coeli"

Minha amizade com a poetisa e escritora Myriam Coeli vem da nossa infância em São José de Mipibu, morando na mesma rua e estudando na

mesma escola, o tradicioal Grupo Escolar Barão de Mipibu. Diria mesmo que essas relações de afetividade são atávicas, vêm de muito longe, do parentesco de nossos avós e tios.

Nos seus últimos meses de vida, desde que a soube desenganada, passei a visitá-la quase diariamente, em sua residência na Avenida Alexandrino de Alencar, imobilizada ao leito, quase sem poder locomover-se. Aparentava, no entanto uma admirável tranqüilidade, sem uma queixa, sem um gemido.

Em sua luta contra a doença, prendia-se a um fio de esperança, porque, quase sempre, respondia que estava melhor. Esse resto de esperança desabou após as despedidas dos amigos que encheram sua casa na véspera do Ano Novo. Na manhã seguinte, ao visitá-la, ela me disse com ar de desânimo:

-Perdi a esperança.

-Por quê? Indaguei.

-Porque ontem à noite recebemos muitas visitas, amigos meus e de Celso. E quando a casa se esvaziou, ou melhor, quando os vivos saíram, entraram os mortos.

-Que mortos foram esses? Perguntei, surpreso.

-Foram as minhas tias, as tias que me criaram: Miminha, Dedeia e Nanã. Havia um homem também. Era o meu pai, de quem não me lembro, porque quando ele morreu eu tinha apenas três meses de idade. Pelos retratos, tenho certeza que era ele.

-Você deve ter dormido e sonhado com eles. Comentei.

-Não, eu estava acordada, com os olhos bens abertos.

Morreu no mês seguinte, 21 de fevereiro, com certeza recebida carinhosamente pelas tias, que impacientes, a esperavam desde as festividades do Ano Novo.

Retomando ao que dizia sobre José de Anchieta é impossível deixar de registrar o duro golpe que sofreu quando da longa enfermidade que atormentou a sua esposa Lúcia Maria Guerra Ferreira. Eles não tiveram filhos. Viveram exclusivamente um para o outro, numa afeição exemplar entre dois seres humanos. A prostração de Dona Lúcia abateu profundamente o ânimo de seu esposo afetando-lhe inclusive emocionalmente embora ele nunca tivesse perdido o controle da situação. Compete registrar que durante todo o tempo que ela passou internada na Casa de Saúde São Lucas, ele a visitava diariamente após o trabalho e com ela ficava durante todas as noites, embora houvesse total e completa assistência médica ao dispor da paciente. Após o falecimento da sua companheira de muitas décadas, passou a residir no Edifício Chácara – Avenida Deodoro, nº 402 – Natal. Embora dispusesse de uma aprazível chácara na Lagoa do Bonfim e de outro imóvel residencial na capital do estado. Nos últimos anos de sua vida foi cuidado pela família especialmente pela cunhada Zuleide e pelo único irmão vivo, Murilo, engenheiro agrônomo. José de Anchieta Ferreira faleceu no dia 15 de novembro de 2016.

Gostaria de concluir as minhas breves e desataviadas palavras com o monumental poema de Manoel Bandeira intitulado

MOMENTO NUM CAFÉ

Quando o enterro passou

Os homens que se achavam no café

Tiraram o chapéu maquinalmente

Saudavam o morto distraídos

Estavam todos voltados para a vida

Absortos na vida

Confiantes na vida.

Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado

Olhando o esquife longamente

Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade.

Que a vida é traição

E saudava a matéria que passava

Liberta para sempre da alma extinta.

ANRL em março de 2017

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano.
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado. (vaga)
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira. (vaga)
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves, Cassiano Arruda Câmara.
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral.
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas. (vaga)
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra.
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto. Eulália Duarte Barros.
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Negreiros.

15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto, Lívio Oliveira.
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes.
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluízio Alves, Ivan Maciel de Andrade.
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho.
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho.
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho, Jarbas Martins.
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita.
22	Côn. Leão Fernandes	Côn, Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Faustino.
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo.
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandyr Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha.
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara.
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado.
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine, Carlos de Miranda Gomes.
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto.
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte, Woden Madruga.(eleito)
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado.

37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes.
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes.
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	

Offset
Editora

Este livro foi impresso em cartão Duo Design 250g. (capa) e
Pólen Bold 90g. (miolo) pela Offset Editora, Natal/RN, em março/2017.

www.offsetgrafica.com.br